

9. Imagens de forasteiros



Figuras de estrangeiros

## 9. Imagens de forasteiros



*Enganador e demiurgo.*

*Eu acredito, junto daqueles que conhecem essas regiões distantes, misteriosas e desertas, que, contanto que elas permaneçam no estado atual, ou seja, desprovidas de recursos e dominadas pelas ferozes hordas de Marakanãs, de Kirishanas [Yanomami] e de tantos outros que as infestam, as solidões da Parima permanecerão inacessíveis aos homens civilizados e envoltas nos mistérios que a cercam até os dias de hoje.*

F. X. Lopes de Araujo, 1884  
Comissão Brasileira Demarcadora de Limites

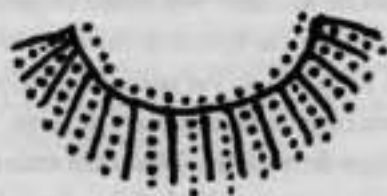
Antigamente, os brancos não existiam. Foi o que me ensinaram os nossos antigos, quando eu era criança. *Omama* vivia então na floresta, com seu irmão *Yoasi* e sua esposa, *T'uëyoma*, que os xamãs também chamam de *Paonakare*. Seu sogro, *Tëpërësiiki*, morava numa casa no fundo das águas. Não havia mais ninguém. Assim era. *Omama* deu-nos a vida muito antes de criar os brancos, e era também ele que, antes deles, possuía o metal. As primeiras peças de ferro utilizadas por nossos ancestrais foram as que *Omama* deixou para trás na floresta, quando fugiu para longe, a jusante de todos os rios. Eles não tinham machados e facões de verdade, como hoje.<sup>1</sup> Amarravam pedaços de ferro usados num cabo para fazer machadinhas.<sup>2</sup> Essas ferramentas eram muito poucas nas casas dos antigos. Só alguns homens mais velhos as possuíam e as deixavam bem guardadas. Trabalhavam com esses pedaços de ferro que chamavam de ferramentas de *Omama*, porque eram muito resistentes.<sup>3</sup> Os outros homens as tomavam emprestadas, um depois do outro, para abrir suas roças. Os visitantes de casas amigas também vinham pedir permissão para utilizá-las. Naquele tempo era assim. Os objetos dos brancos ainda não estavam por toda parte como agora! Por isso penso hoje na dificuldade do trabalho de nossos maiores e isso me leva a não querer ter muitas mercadorias.

Só *Omama* possuía o metal, e trabalhava com ele em sua roça desde sempre. No primeiro tempo, chegou até a se transformar numa barra de ferro, de medo do sogro! Ele tinha acabado de pescar a filha de *Tëpërësiiki* no rio, quando este resolveu lhe fazer uma visita. No caminho levava um enorme e pesado saco de folhas de palmeira trançadas, cheio de brotos de bananeira, manivas de mandioca, cará, taioba e batata-doce, cana-de-açúcar, sementes de tabaco, mamão e milho. Vinha ensinar *Omama* a cultivar plantas de roça. Porém, de

longe, ele fazia um barulho amedrontador, como de furacão ou de trator. Com pavor de encontrar o sogro, *Omama* se transformou num instante em peça de metal e se fincou no chão de sua casa.<sup>4</sup> Seu irmão *Yoasi* logo quis imitá-lo, mas transformou-se numa simples cavadeira de madeira de palmeira.<sup>5</sup> Por fim, o sogro *Tēpērēsiki* entrou na casa e, ao ver apenas a filha, perguntou: "Onde está seu marido?". Ela indicou com os lábios a barra de ferro. "Onde está seu cunhado?" Ela apontou o pedaço de madeira. *Tēpērēsiki* então declarou: "Vocês vão plantar as coisas que eu trouxe e multiplicá-las. Quando tiverem filhos, e os humanos forem muitos, eles poderão se alimentar delas!". Depois dessas palavras, retornou à sua casa debaixo d'água. Assim foi. São esses os alimentos que comemos até hoje. Mas não foi o sogro que deu o metal a *Omama*, ele já o possuía. Bebendo *yākoana*, eu já o vi se transformar em ferramenta de aço. Sua imagem continua fincada lá onde isso ocorreu, nas terras altas, nas nascentes de todos os rios. Depois disso, voltou à forma humana e ensinou nossos ancestrais a trabalhar com esse metal em suas roças.

Os nossos maiores não usavam facas. Destrinchavam a caça com lâminas de bambu. Esmagavam os ossos das presas com pedaços de madeira dura. Também pescavam com anzóis feitos de osso de tatu ou com os espinhos encurvados de cipó *ērama t'ot'o* amarrados com a fibra das folhas da planta *yāma asi*. As mulheres ralavam mandioca em pedras ou na casca rugosa da árvore *operema axihi*.<sup>6</sup> Os homens faziam fogo esfregando brocas de cacaueiro entre as mãos. As pessoas cortavam o cabelo com lascas de taboca afiadas ou com dentes de piranha. Não havia pente. Ajeitavam os cabelos com o caroço espinhoso das frutas da árvore *ruapa hi*. Tampouco havia espelhos. Quando alguém queria depilar as sobrancelhas ou se pintar, tinha de pedir a outra pessoa para fazê-lo. No final das festas *reahu*, trocavam arcos, flechas, estojos de bambu, pontas de flecha, adornos de plumas, tabaco, tinta de urucum, cabaças, cães, redes de algodão e potes de cerâmica. Nossos maiores, no rio Toototobi, tinham um banco de argila. Eram as mulheres que faziam a cerâmica que os homens trocavam com gente de outras casas. Assim era a vida naquele tempo. Ouvei meu padrinho falar de tudo isso muitas vezes, quando era criança. Naquela época, não havia quase nenhuma coisa dos brancos. Não havia ainda nenhuma de suas redes, nem panelas de alumínio, nem chapas de beiju feitas de tampas de barril de

metal. Os homens dormiam em redes de entrecasca<sup>7</sup> ou de algodão. As mulheres cozinhavam em panelas de barro e assavam os beijus em placas de argila.



No primeiro tempo, os brancos estavam muito longe de nós. Ainda não tinham trazido o sarampo, a tosse e a malária para nossa floresta.<sup>8</sup> Nossos ancestrais não adoeciam tanto quanto nós, hoje. Gozavam de boa saúde a maior parte do tempo e, quando morriam, as fumaças de epidemia não sujavam seus fantasmas. Agora, quando alguém morre de doença de branco, até seu espectro é infestado, e volta para as costas do céu com febre. Seu sopro de vida e sua carne ficam contaminados até lá! Antes, tampouco ficávamos doentes todos ao mesmo tempo. As pessoas não morriam tanto! Os espíritos maléficos *nē wāri* comiam a imagem de um homem aqui, ou de uma mulher ali. Uma moça falecia quando um caçador distante flechava seu duplo animal *rixí*. Uma criança era devorada pelos espíritos de xamãs inimigos. Por vezes, um ancião morria de repente, antes da hora. Então a gente das outras casas próximas era convidada e todos choravam juntos. Quando achavam que feiticeiros inimigos *oka* tinham soprado no falecido um pó de feitiçaria e tinham quebrado seus ossos, um grupo de guerreiros logo partia para vingá-lo. Chorava-se um ancião que morrera desse modo; depois, mais tarde, podia ser uma mulher. Também acontecia de alguém ser flechado por inimigos. De tempos em tempos alguém morria de picada de cobra, ou um velho começava a tossir sem parar e acabava falecendo. Assim era. As pessoas só morriam de vez em quando.

Naquele tempo, os Yanomami amavam de verdade a beleza e o frescor da floresta. Os mais idosos se extinguíam como brasas de fogueira, quando tinham a cabeça branca e os olhos cegos. Ficavam então secos como árvores mortas e se quebravam. Havia muitos xamãs naquela época. Costumavam fazer dançar seus espíritos, para curar os doentes. Depois as mulheres mais velhas esfregavam remédios da floresta em seus corpos. Quando as pessoas se sentiam mal, também bebiam mel selvagem, e isso as curava. Nossos maiores conheciam bem todas essas coisas. Hoje já não é mais assim. Os garimpeiros sujaram a

floresta para valer. Ela ficou impregnada de fumaça de epidemia e fomos pegos num frenesi de morte. No rio Toototobi, onde vivi na infância, éramos muito numerosos. Havia três grandes casas perto umas das outras. Eram muitos anciãos. Depois os brancos chegaram, com suas febres e seu sarampo, e muitos dos nossos morreram. Hoje quase não há mais grandes xamãs, nossas casas ficaram muito menores e morremos jovens.

Quando *Omama* criou nossos ancestrais e ensinou a eles as coisas deste mundo, eles tinham o pensamento tranquilo. Abriam novas roças na floresta e trabalhavam nelas com dedicação. Plantavam bananeiras, mandioca, cana, cará, taioba, batata-doce, milho e tabaco. Tinham também muitas pupunheiras. Sua preocupação era ter grandes roças, para que os convidados de suas festas *reahu* fossem muitos e, satisfeitos, lembrassem sua generosidade com belas palavras. E quando as roças começavam a produzir, partiam todos juntos para caçar longe na floresta. Então flechavam grandes quantidades de macacos, antas e queixadas, e os moqueavam antes de trazê-los de volta para casa. Depois se convidavam entre as casas, durante toda a estação seca.

Os convidados enfeitavam o cabelo com penugem de urubu branco e colocavam em volta da testa faixas de rabo de macaco cuxiú-negro. Cobriam o rosto e o corpo com tinta fresca de urucum e sobre ela traçavam ondas, círculos ou pontilhados em preto. Usavam brincos de penas de papagaio e peitos turquesa de pássaro *hëima si* nas orelhas. Punham em suas braçadeiras de algodão longas caudais de arara-vermelha e tufo de penas brancas e pretas de cujubim. Prendiam nelas rabos de tucano e despojos alaranjados de galo-da-serra. Ficavam muito bonitos, e dançavam com muita animação, para fazer boa figura na casa de seus anfitriões. Depois, uns e outros se ofereciam comida: enormes quantidades de mingau de banana, de pupunha ou de macaxeira. À noite, homens e mulheres entoavam cantos *heri* em sequência e faziam brincadeiras, enquanto dançavam com alegria. Às vezes, formavam-se casais. Os convidados homens pegavam pelo pulso parceiras escolhidas entre as filhas e esposas de seus anfitriões. É o que os antigos chamavam de *hakimuu*.<sup>9</sup> Mas não era raro os pais ou maridos se irritarem! Então, começavam brigas e os adversários se alternavam dando socos no peito um do outro com o punho fechado, para acabar com a raiva. Se estivessem muito furiosos mesmo, e não conseguissem se acalmar, então davam bordunadas na cabeça um do outro. Era o único jeito de pôr fim à sua raiva!

O pensamento dos maiores só ficava realmente sofrido quando morria um dos seus familiares. E, se tivesse sido comido por inimigos, a raiva de seu luto só podia ser aplacada quando o tivessem vingado. Então bebiam as cinzas de seus ossos com mingau de banana numa festa *reahu* e partiam para a guerra. O pensamento dos xamãs estava sempre fixado em seus *xapiri*. Quando ficavam velhos, transmitiam-nos aos mais jovens, fazendo-os beber o pó de *yákoana* por seu turno. Assim davam a eles seu sopro de vida e palavras de verdade. Diziam: "Éstes são os espíritos que *Omama* criou para ficarem ao nosso lado. São seres poderosos e imortais!". Eram essas coisas que ocupavam a mente dos antigos. Seu pensamento ainda não estava obscurecido pelas mercadorias dos brancos e por suas epidemias.

Nossos maiores amavam suas próprias palavras. Eram muito felizes assim. Suas mentes não estavam fixadas noutra lugar. Os dizeres dos brancos não tinham se intrometido entre eles. Trabalhavam com retidão e falavam do que faziam. Possuíam seus próprios pensamentos, voltados para os seus. Não ficavam o tempo todo repetindo: "Um avião vai pousar amanhã! Visitantes brancos vão chegar! Vou pedir facões e roupas!" ou então "Garimpeiros estão se aproximando! A malária deles é perigosa, vai nos matar!". Hoje, todas essas falas a respeito dos brancos atrapalham nossos pensamentos. A floresta perdeu seu silêncio. Palavras demais nos vêm das cidades. Vários de nós foram até elas, para tratar de doenças ou defender nossa floresta.<sup>10</sup> Brancos visitam sempre nossas casas. Suas palavras entram em nossa mente e a tornam sombria. Esses forasteiros não param de nos preocupar, mesmo quando estão longe de nós.

Nosso pensamento fica emaranhado com palavras sobre os garimpeiros que comem a terra da floresta e sujam nossos rios, com palavras sobre colonos e fazendeiros que queimam todas as árvores para dar de comer a seu gado, com palavras sobre o governo que quer abrir nela novas estradas e arrancar minério da terra.<sup>11</sup> Tememos a malária, a gripe e a tuberculose. Nossa mente fica o tempo todo centrada nas mercadorias. Os nossos passam muito tempo ansiosos em obter mercadorias: facões, machados, anzóis, panelas, redes, roupas, espingardas e munição. Os jovens passam o tempo todo jogando futebol na praça central da casa, enquanto os xamãs estão trabalhando ali ao lado. Eles não prendem mais o pênis com um barbante de algodão amarrado em torno da cintura, como os

nossos maiores faziam. Usam bermudas, querem escutar rádio e acham que podem virar brancos. Esforçam-se muito para balbuciar a língua de fantasma deles e às vezes até pensam em deixar a floresta. Mas não sabem nada a respeito do que os brancos realmente são. O pensamento desses jovens ainda está obstruído. Por mais que tentem imitar os forasteiros que encontram, isso nunca vai dar nada de bom. Se continuarem nesse caminho escuro, vão acabar só bebendo cachaça e se tornando tão ignorantes quanto eles.

Os maiores não pensavam nem um pouco nessas coisas de branco. Hoje, nossos olhos e ouvidos passam muito tempo dirigidos para longe da floresta, alheios a nossos próximos. As palavras sobre os brancos emaranham as nossas e as deixam esfumaçadas, confusas. Isso nos deixa aflitos. Tentamos então afrouxar nosso pensamento e tranquilizá-lo. Dizemos a nós mesmos que os xamãs irão nos vingar contra as doenças dos brancos e que não morreremos todos. Pensamos que nossas festas *reahu* vão continuar, apesar de tudo. Mas sabemos também que as palavras dos brancos só iriam sumir mesmo de nossa mente se eles parassem de se aproximar de nós e de destruir a floresta. Tudo então voltaria a ser silencioso como antigamente e ficaríamos de novo sozinhos na floresta. Nosso espírito se aquietaria e voltaria a ser tão tranquilo quanto o de nossos ancestrais no primeiro tempo. Mas é claro que isso não vai mais acontecer.

Bem antes de encontrarem brancos na floresta, nossos maiores já sabiam fazer dançar a imagem de seus ancestrais. Vinham de uma terra muito distante, a jusante dos rios, onde *Omama* fez os brancos virem à existência. Desde tempos muito antigos os xamãs chamam tais imagens de *napënapëri*.<sup>12</sup> Eles já as conheciam quando os avós dos atuais brancos ainda nem tinham nascido e a terra deles ainda era só uma floresta sem caminhos. Esses espíritos dos antigos brancos até hoje descem a nós das alturas do céu do levante. Vêm de lá onde os pés do céu se apoiam na terra; vêm da floresta longínqua para a qual a imagem de *Omama* fugiu após sua morte. Mas essa distância não é nada para esses *xapiri* forasteiros, que voam muito ligeiro. Seus caminhos são fios de luz brilhante, como o risco dos fogos *t'oru wakë* que atravessam o peito do céu durante a noite. Quando outros espíritos chamam por eles, escutam seus cantos com

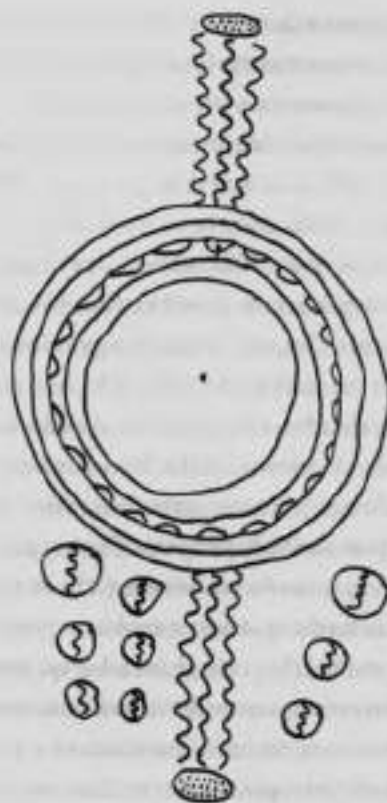


prazer e ficam ansiosos para segui-los. É assim que chegam até nós. No começo são poucos, mas devagar vão formando uma tropa cada vez maior.

Os primeiros forasteiros cujas imagens os antigos xamãs faziam descer chamavam-se *Watata si*. Não eram brancos, de que ainda mal tinham ouvido falar e que chamavam então de *napë kraíwa pë*.<sup>13</sup> Os *Watata si* moravam num braço do curso médio do rio Parima.<sup>14</sup> Os homens desse povo tinham o cabelo cortado como o nosso. Usavam tangas de tecido vermelho e, nos pulsos, muitos fios apertados de miçangas. Também usavam brincos feitos de estilhaços de espelho e rabos de tucano. As mulheres escondiam o púbis com longos aventais de contas coloridas. Bebiam caxiri. Era deles que, havia já muito tempo, vinham os pedaços de metal usado, retalhos de tecido, miçangas e raladores de mandioca que nossos maiores usavam. Eles iam também buscar esses bens de troca nos *Mairá*, outra gente, que estavam mais perto deles.<sup>15</sup> Em compensação, levavam para eles grandes novelos de algodão. Era uma viagem muito longa, e muitos deles voltavam com a doença da tosse.

Hoje, esses povos não existem mais e já faz muito tempo que os nossos xamãs não fazem mais descer os espíritos dos seus antigos. Em lugar deles, chamam os *xapiri* dos ancestrais dos forasteiros da cidade. Nós os conhecemos bem, e sabemos também fazer dançar suas imagens. Possuem aviões, e são guerreiros muito valentes. São parecidos com os brancos mas, comparados a eles, são muito bonitos. Não são humanos. Esses espíritos *napënapëri* são muito altos. São também muito diferentes dos espíritos da floresta e dos ancestrais animais. Vêm vestidos com uniformes brancos, como camisas bem compridas. Seus olhos são cobertos por peles de metal brilhante. São óculos, semelhantes a espelhos, que lhes permitem enxergar de muito longe os seres maléficos. Trazem na cabeça chapéus de ferro em brasa, que assustam as fumaças de epidemia. Têm a barba cerrada como rabos de macaco cuxiú-negro, e cabelos negros como os de *Omama*, que os envia a nós. Carregam pesadas lâminas de metal, para ferir seus inimigos. São espadas de ferro muito compridas e resistentes. Ficam amarradas em torno de seus braços e cinturas. Quando uma delas quebra, trocam-na logo por uma nova e, quando são atacados, essas pesadas peças de aço cintilante rebatem os golpes de seus inimigos.<sup>16</sup>

Esses espíritos dos brancos são as imagens dos *Hayowari t'ëri*, um grupo de ancestrais yanomami levados pelas águas e transformados por *Omama* em forasteiros.<sup>17</sup> Vieram a existir no primeiro tempo, na terra em que seus pais



havam sido criados antes deles. São os fantasmas dos primeiros brancos; são ancestrais brancos tornados outros que agora dançam para nós como espíritos *xapiri*. São eles os verdadeiros donos do metal de *Omama*. Foram eles que ensinaram os brancos de hoje a fabricar aviões, objetos para captar os cantos e as peles de imagens. São capazes de limpar a floresta inteira, espantando as fumaças de epidemia *xawara*. Só eles a conhecem realmente, porque ela também vem dos brancos. Por isso sabem tão bem fazê-la largar a imagem dos que ela quer devorar e arrancá-la dela. Os outros *xapiri* são fracos e despreparados diante dela. Ficam sem saber como curar. Assim é. Nossos antigos xamãs possuíam palavras sobre os brancos desde sempre. Já tinham contemplado sua terra longínqua e ouvido sua língua emaranhada muito antes de encontrá-los. Conheciam bem as imagens de seus ancestrais que ferviam o metal e costumavam fazê-las descer quando estudavam, bebendo *yákoana*. Depois, seus filhos e netos continuaram fazendo o mesmo. E nós também as chamamos, até hoje.

Mas não pensem que fazemos dançar as imagens dos brancos que estão perto de nós. Estes só querem nossa morte. Querem tomar nosso lugar na floresta e são nossos inimigos. Não queremos ver suas imagens!

Os espíritos *napēnapēri* são incontáveis na terra dos brancos. Protegem-nos com empenho das epidemias que lá se propagam. Por isso seus familiares não morrem vítimas delas tanto quanto os nossos! São esses espíritos que dão conhecimento aos médicos deles. Nós, xamãs, apreciamos bastante a valentia desses espíritos e muitos gostariam de saber fazê-los descer. Mas não é fácil. Como eu disse, nem sempre *Omama* se mostra generoso com seus *xapiri*. Costuma guardar a seu lado os mais poderosos, e só nos cede os mais fracos! Os brancos curandeiros das cidades, chamados de rezadores,<sup>18</sup> sabem fazer descer a imagem dos *napēnapēri* do mesmo jeito. Mas também são avarentos em relação a eles. Não basta beber *yākoana* para que esses espíritos dos ancestrais brancos venham a nós por vontade própria. Tanto que meu sogro, que é um grande xamã, nunca os viu quando era jovem e ainda vivia nas terras altas. Só desceram a ele bem mais tarde, quando a malária quase o matou. Foram eles que o curaram e, desde então, ele pode chamá-los quando quiser.

Aconteceu o mesmo comigo quando eu era mais novo. Os seres da epidemia, que chamamos *xawarari*, tinham me atacado e eu estava muito ferido. Fiquei péssimo e achava mesmo que ia morrer. Dormia em estado de fantasma. Tinha muita dificuldade para respirar e de meu peito só saía um sopro fraco e ruidoso. Foi então que eu vi os espíritos dos ancestrais dos brancos descerem a mim pela primeira vez. Chegaram de repente, para combater os seres *xawarari* prestes a me devorar. Traspassaram-nos com suas lâminas de ferro, depois cortaram seus braços e furaram seus olhos! Foi assim que eu pude, finalmente, escapar da morte. Desde então, continuo fazendo descer a imagem desses espíritos *napēnapēri* que me vingaram da doença com tanta valentia. O espelho de dança deles está instalado na minha casa de espíritos e sempre respondo a seus cantos enquanto bebo o pó de *yākoana*. Às vezes, são eles que vêm me visitar por conta própria, no tempo do sonho. Então, faço-os dançar em silêncio. Não canto em voz alta durante a noite porque tenho receio de as pessoas reclamarem: "Fique quieto! Está perturbando o nosso sono! Queremos dormir! Você está nos incomodando com sua cantoria!". Esses espíritos dos antigos brancos se dirigem a mim na fala de fantasma deles. Apesar disso, posso compreendê-los, porque com o tempo, a partir da adolescência, acabei aprendendo

um pouco dessa linguagem de branco. Posso então transmitir suas falas aos que me ouvem quando viro espírito. Nossos avós nada sabiam dos brancos. Quando os antigos xamãs faziam dançar esses espíritos estrangeiros, apenas imitavam sua fala emaranhada, sem entender nada.

Foi *Omama* que nos criou, mas foi também ele que fez os brancos virem à existência. Há apenas um único e mesmo céu acima de nós. Só há um sol, uma lua apenas. Moramos em cima da mesma terra. Os brancos não foram criados por seus governos. Eles vêm da fábrica de *Omama*! São seus filhos e genros, tanto quanto nós. Ele os criou há muito tempo, da espuma do sangue de nossos ancestrais, os habitantes de *Hayowari*. *Hayowari* é o nome de uma colina, situada entre as nascentes do rio Parima e as do alto Orinoco, que chamamos *H<sup>o</sup>ara u*. É lá que fica a origem dos rios, onde *Omama* furou o solo de sua roça para aplacar a sede do filho.<sup>18</sup> Quando eu era criança, meu padrasto me falou bastante dessa gente de outrora e hoje, tendo eu mesmo me tornado xamã, me acontece muitas vezes de ver suas imagens e ouvir suas palavras. Por isso posso falar dessas coisas. *Omama* criou os Yanomami depois de ter pescado a filha de *Tēpērēsiki*, o ser do fundo das águas. Ele copulou com ela e foi a partir do ventre dela que nos tornamos muitos. As pessoas de *Hayowari* faziam parte dos habitantes da floresta do primeiro tempo. Eram os filhos de *Omama* e de sua mulher, *T<sup>u</sup>uēyoma*. Tornaram-se forasteiros bem mais tarde, depois de *Omama* ter feito a água jorrar do chão e ter fugido para bem longe, a jusante de todos os rios, em direção à terra dos brancos.<sup>19</sup>

Esses ancestrais de *Hayowari* viraram outros durante uma festa *reahu* à qual tinham convidado seus aliados, para enterrar as cinzas dos ossos de um dos seus. Aconteceu assim: era o último dia, logo antes de os convidados, que eram muitos, irem embora para suas casas. O homem encarregado de distribuir entre eles a caça moqueada das cinzas do morto<sup>21</sup> colocou no centro da casa um montículo de pó de *yākoana* sobre uma placa de cerâmica. Um grupo de convidados e anfitriões foi se formando em torno dele, conversando, e começou a inalar grandes quantidades desse pó. Era forte, e todos fungavam com sonoras exclamações de aprovação. Passou-se algum tempo, e os homens foram formando pares, agachados cara a cara, para iniciar um diálogo *yātmuu*. Submetidos ao poder da *yākoana*, todos logo ficaram muito exaltados.<sup>22</sup> Batiam-se

nos flancos com a palma da mão para pontuar as palavras. Ao cabo de algum tempo, sua raiva aumentou tanto que começaram a se alternar dando socos no peito uns dos outros. Um grupo de convidados formou-se para atacar um dos anfitriões, que tinha ficado isolado. Do outro lado da casa, a mãe dele, mulher idosa, começou a insultá-los furiosamente, para vingá-lo. Depois, chamou aos berros o marido da filha, para vir acudir o cunhado. O rapaz ainda estava recluso num recinto de folhas *yipi hi* com a esposa, que acabara de ter a primeira menstruação.<sup>23</sup> Ao ouvir o chamado da sogra, saiu correndo para vingar o cunhado, sem pensar no perigo.

A floresta ainda era jovem naquele tempo. Por isso, assim que o rapaz pôs o pé para fora da reclusão, o ser do caos *Xiwáripo* começou a amolecer e a desfazer a terra ao redor dele. Então, de repente, *Motu uri u*, o rio do mundo subterrâneo, irrompeu com toda a força, abrindo um enorme rasgo no chão. Num instante, a violenta torrente cobriu toda a floresta ao redor e despedaçou a casa da gente de *Hayowari*. Foi mesmo aterrador! Todos foram levados pela força das águas, ainda agachados, cantando ou se batendo no peito. Era possível ouvir seus gritos se perdendo ao longe, conforme eram carregados rio abaixo. Alguns tentaram fugir na floresta: viraram veados. Outros tentaram subir nas árvores: se metamorfosearam em cupinzeiros. A maior parte se afogou, ou foi comida por ariranhas *kana* e enormes jacarés pretos *poapou*. É por isso que, ainda hoje, os xamãs têm de trabalhar para impedir a água de *Motu uri u* de jorrar de debaixo da terra. O enorme buraco de onde ela emergiu em *Hayowari* no tempo antigo ainda é visível nas terras altas, apesar de ter sido coberto pela floresta. É possível vê-lo de avião, nas nascentes do Orinoco e dos rios *Catrimani* e *Parima*. Também chamamos esse lugar de *Xiwáripo*.

Essas águas que surgiram com tanta violência do chão em seguida fizeram uma longa curva, descendo as colinas para se espalhar longe pela floresta, em direção ao nascer do sol.<sup>24</sup> Quando atingiram o lugar onde as terras ficam planas e ventosas, começaram a girar com rapidez num enorme redemoinho. Depois foram pouco a pouco perdendo velocidade e o movimento delas foi se acalmando. Ficaram assim desde então, imóveis, formando um lago vasto como o céu. É o que os brancos chamam de mar. Um vendaval *Yariporari* vive no centro dessa imensa extensão de água, em cujas profundezas vivem poraquês gigantes e seres redemoinho *tépêrsiri*,<sup>25</sup> que engolem os humanos. Escondem-se lá também enormes peixes-epidemia, de dentes afiados e cuja cauda

lança raios, e seres girinos gigantes enfurecidos, que destroem as embarcações dos brancos.<sup>26</sup>

Dos Yanomami que se afogaram nas águas surgidas do rio *Motu uri u* não restou nada senão vastas manchas de espuma de sangue, levadas pelas correntes para jusante, até onde os rios se tornam muito largos. Foram descendo devagar até o lugar onde *Omama* se instalou depois de ter fugido das terras altas. Assim que ele as viu, aproximou-se para recolher pouco a pouco, num cesto pequeno, a espuma vermelha que flutuava em sua direção. Em seguida, depositou-a com cuidado na margem, e começou a dar-lhe forma com as mãos. Ela se aqueceu, e novos humanos acabaram surgindo dela. Primeiro foi uma espuma quase sem cor que passou boiando. *Omama* juntou-a em montículos, que trouxe à vida colocando-os numa terra distante, do outro lado das águas paradas. É a terra dos ancestrais dos brancos que vocês chamam de Europa. De modo que ele criou primeiro aqueles que nossos maiores nomeavam *napë kraíwa pë*; essa gente de pele tão branca quanto seu papel. Com a espuma avermelhada cada vez mais escura que a corrente carregava, criou depois outros forasteiros. Dessa vez, era gente que se parece conosco. Instalou-os perto de nós, na mesma floresta. Foi assim que ele trouxe a espuma de nossos ancestrais mortos de volta para de onde viera e guardou sua imagem na terra do Brasil, que é para nós a terra de *Omama*. São eles que nossos maiores chamavam *napë pë yai*, os "verdadeiros forasteiros", os outros índios: os Pauxiana, os *Wata si* e as gentes do baixo rio Demini, que foram antigamente nossos vizinhos,<sup>27</sup> e também os Ye'kuana, os Makuxi, os Tukano, os Wajãpi, os Kayapó e muitos outros.<sup>28</sup>

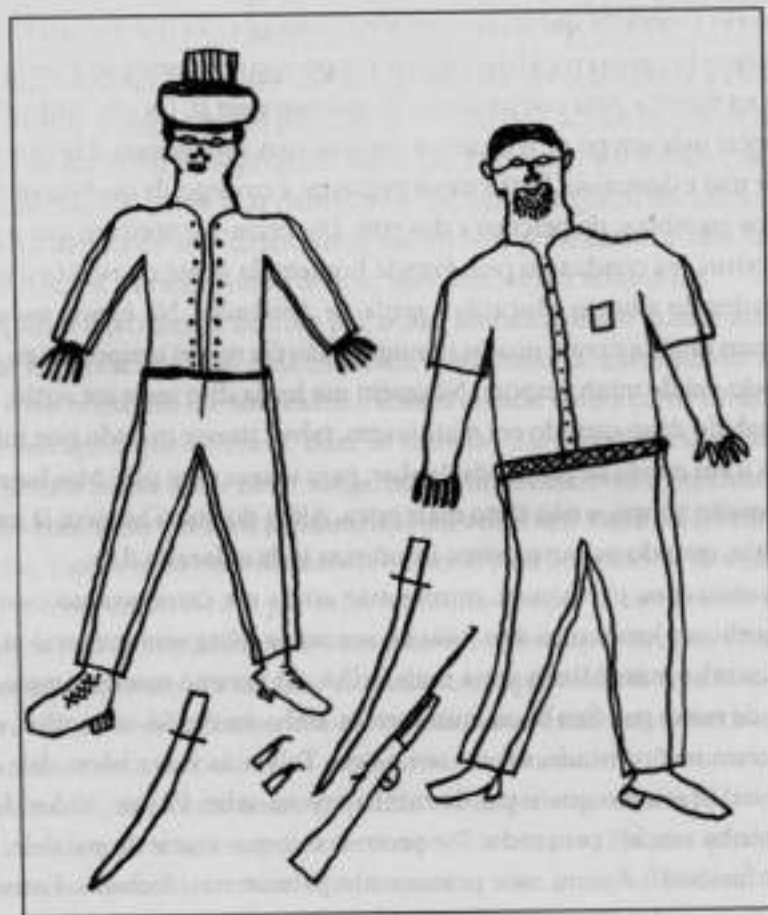
Foi *Remori*, o espírito do zangão alaranjado *remoremo maxi*, que deu aos brancos sua língua emaranhada. A fala deles parece mesmo o zumbido dos zangões, não é? Colocou neles uma garganta diferente da nossa. *Remori* vivia ao lado de *Omama*, nos vastos bancos de areia<sup>29</sup> da jusante dos grandes rios. Foi *Omama* que, querendo dar nova vida à espuma da gente de *Hayowari*, pediu a ele para insuflar uma outra língua nos forasteiros que tinha acabado de criar. Por isso nossos maiores não entendiam nada do que lhes diziam os primeiros brancos que encontraram. Sua fala confusa era para eles realmente horrível de ouvir! Quando lhes dirigiam a palavra, tentavam prestar atenção, mas não con-

seguiram entender nada. Então pensavam, perplexos: "O que será que eles querem dizer? É só esta a fala que conseguem proferir? Que modo medonho de se expressar! Será essa a língua dos fantasmas? Não; deve ser outro linguajar, a fala de zumbido que *Remori* deu aos forasteiros!".

Por mais que tentassem imitar os brancos, nunca chegavam a nada que fosse compreensível. Só conseguiam pronunciar palavras feias e tortas. As nossas são bem diferentes. São palavras de habitantes da floresta que nos ensinou *Omama*, e os brancos não as podem entender. Assim é. *Omama* e *Remori* resolveram que as gentes diferentes que tinham criado não deviam ter a mesma língua. Acharam que o uso de uma só língua provocaria conflitos constantes entre eles, pois as más palavras de uns poderiam ser ouvidas sem dificuldade por todos os demais. Por isso deram outros modos de falar aos forasteiros, e depois os separaram em terras diferentes. Então, ao fazerem surgir neles todas essas línguas, disseram-lhes: "Vocês não entenderão as palavras dos outros e, assim, só irão brigar entre si. O mesmo acontecerá com eles".

*Omama*, *Remori* e os habitantes de *Hayowari* desapareceram de nossa floresta há muito tempo. Mas isso só aos olhos da gente comum. Pois os xamãs sabem que seus fantasmas continuam lá. Fazem dançar suas imagens e sempre dão a ouvir seus cantos. Quando eu era mais jovem e escutava os adultos virando espíritos, eu perguntava a mim mesmo: "Como eles fazem? De onde vêm realmente essas palavras do começo do tempo?". Mais tarde, quando foi minha vez de beber *yākoana*, os xamãs mais velhos fizeram essas imagens descerem para mim. Foi então que eu também pude ver a gente de *Hayowari* carregada pelas águas de *Motu uri u* e os imensos bancos de areia onde vive *Remori*. Desde então, continuo sempre a admirar as imagens do primeiro tempo nos sonhos de meu sono de fantasma.<sup>30</sup>

## 10. Primeiros contatos



*Os brancos.*



*Nas nascentes do rio Toototobi se encontram casas dos Uaicás [Yanomami], interligadas por numerosos caminhos que se dirigem a leste [...] e a oeste [...]. Seria difícil calcular o número de Índios que habitam esse rio. Parece, no entanto, que são numerosos.*

M. de L. Jovita, 1948

Comissão Brasileira Demarcadora de Limites

Meu pai morreu quando eu ainda era bem pequeno. Contaram-me os anciãos do rio Toototobi que foram feiticeiros inimigos *oka* que o mataram. Estava trabalhando em sua roça havia algum tempo, quando começou a sentir fome. Entrou na floresta para coletar frutos de palmeira *yoi si*. Os *oka* aproveitaram para soprar nele um pó de feitiçaria *h'éri* com suas zarabatanas. Ele começou a se sentir mal e desmaiou. Então eles o pegaram, e em seguida quebraram-lhe os ossos dos membros, do pescoço e dos rins. Disseram-me também que o grupo de feiticeiros era conduzido pelo grande homem da gente do rio *Hero u*, com seus aliados do alto rio Mucajal, a gente de *Amikoapë*. Na época, todos eles ainda eram muitos e eram nossos inimigos. Não faz muito tempo que eu soube disso, pelo pai de minha esposa. Ninguém me havia dito nada até então. Se eu tivesse sabido disso quando era mais jovem, talvez tivesse matado esse inimigo do *Hero u* em estado de homicida *önokae*, para vingar meu pai.<sup>1</sup> Mas hoje, já se passou muito tempo, e não sinto mais raiva. Além do que o homem já morreu de malária, quando os garimpeiros invadiram toda a floresta dele.

Quando meu pai faleceu, minha mãe ainda me carregava no colo; não tenho nenhuma lembrança dele. Não sei seu nome. Ninguém me revelou, nem mesmo minha mãe. Minha irmã mais velha, do mesmo modo, jamais falou comigo de nosso pai. Sua boca, com certeza, tinha medo. Só os anciãos, que o conheceram na juventude, sabem seu nome. Talvez às vezes falem dele entre si. Não sei. Mas acho que o pai de minha esposa sabe. Porém, todos devem temer minha reação, pensando: "Se pronunciamos o nome do pai dele, Davi vai ficar furioso!". Assim, meu pensamento permaneceu fechado. Entre nós, quando morre alguém, seu nome é silenciado para sempre. Se uma pessoa descuidada por acaso o pronunciar diante de seus parentes, eles serão tomados pela dor e pela saudade, a ponto de ficar enfurecidos. Então vão tratar de se vingar, pela feitiçaria ou com suas flechas. Somente pessoas distantes podem evocar o nome de um morto, mas só na ausência de gente da casa dele. Caso

contrário, não se diz nada. É por isso que, quando morre o pai de uma criança pequena, nenhum dos adultos que o conheceu jamais lhe revelará seu nome. Ela jamais saberá.

Às vezes falo dessa época de minha infância quando respondo às perguntas dos brancos. Faço-o sem raiva, pois seu pensamento ignora todas essas coisas sobre nossos nomes. Eles não temem proferir os próprios nomes nem os de seus mortos, sem moderação! Não é assim entre nós. Um homem fica logo com raiva se seu nome for pronunciado diante dele e, após sua morte, será proibido por seus familiares com muita cautela.<sup>2</sup> Assim nós somos. Recusamo-nos a revelar os nomes dos nossos mortos porque damos a eles muito valor. Temos muito respeito por eles. De modo que achamos que os brancos gostam de maltratar seus próprios falecidos. Prendem-nos debaixo da terra e insultam-nos, evocando seus nomes o tempo todo! Pergunto-me como podem chorá-los depois de se comportarem assim! Nós pranteamos todos juntos os nossos mortos, durante muito tempo, mas sem jamais nomeá-los.

Após o falecimento de meu pai, outro homem tomou minha mãe como esposa. Eu ainda era bebê, e ele me levou junto com ela. Esse homem me protegeu e me criou. Ele me alimentou e me fez crescer com a carne de sua caça e o mel selvagem que coletava, com as bananas e a mandioca que cultivava. Hoje ele está muito velho e vive longe, numa outra casa. Não o vejo muito, mas o tenho com afeto em meu pensamento. Às vezes vou visitá-lo, levando mercadorias. Também envio enfermeiros brancos, para que cuidem dele, de modo que o protejo como ele fez por mim há muito tempo.<sup>3</sup> É um grande xamã, e gostava muito de nos fazer ouvir suas palavras dos tempos antigos. Quando eu era pequeno, costumava me falar dos ancestrais que viraram caça no primeiro tempo. Contava-me também como *Omama* veio à existência e fez de seu filho o primeiro xamã, e como mais tarde criou os forasteiros. Contava-me tudo isso com zelo, durante a noite, enquanto eu, deitado na minha rede, olhava o fogo em que minha mãe soprava de tempos em tempos. Ele não queria que eu crescesse na ignorância. Ainda hoje, quando vejo os espíritos dançarem em meu sonho, lembro-me de suas palavras, que continuam sempre vivas na minha mente. Ele estava sempre brincando e sorrindo, mas era também um guerreiro muito temido. Tinha em si as imagens de *Aiamori*, o ser da guerra, e de *Ôôeri*, o ancestral que nos ensinou a flechar nossos inimigos. Foi ele que vingou a morte de meu pai, pois eram amigos. Meu pai era mais jovem do que ele,

que o chamava de cunhado. Costumavam caçar juntos. Naquele tempo, nossos antigos não hesitavam em comer os inimigos que tivessem matado um dos seus. Eram muito valentes. Não o vingavam às escondidas, soprando de longe pós de feitiçaria sobre quem o tinha matado. Preferiam juntar um grupo de guerreiros e usar suas flechas.

Quando criança, vivi num lugar que era chamado de *Marakana*, na beira do rio Toototobi. Foi lá que meu pai morreu. Na época do meu nascimento, a clareira aberta no local ainda era bem recente. Os nossos parentes tinham aberto novas roças, mas ainda viviam na floresta, num grande acampamento de tapiris.<sup>4</sup> Meu padrasto me contou isso. Eu mesmo não me lembro. Criança assim pequena ainda não tem realmente consciência das coisas. Os adultos falam com os pequenos, mas a mente deles ainda está fechada. As palavras ainda não chegam a se fixar nela de fato. Só mais tarde, conforme crescem, seus pensamentos começam a se juntar uns aos outros e sua consciência se põe a florescer. Ainda guardo algumas lembranças do tempo da casa de *Marakana*. Não me lembro, porém, de ter visto os meus pais e avós plantarem seus esteios nem cobri-la com folhas de palmeira *paa hana*. Só me lembro da casa já construída. Era muito ampla, e morava nela muita gente mesmo. No começo, eram ali dois grupos reunidos, pois estávamos em guerra com a gente do rio Mapulaú e do alto Ca-trimani, que moravam a uns dias de caminhada.<sup>5</sup>

Voltaram a se separar mais tarde, porque brigavam muito entre si. Depois de *Marakana*, foram construídas três casas, bastante próximas umas das outras.<sup>6</sup> A nossa ficava rio acima, num lugar chamado *Wari mahi*, o lugar da sumaúma. Os outros tinham se instalado um pouco a jusante, também perto da margem do rio Toototobi. Mas logo meu padrasto começou a se distanciar da gente de *Wari mahi*. Passou a viver com eles só de vez em quando. Tinha construído sozinho uma casa menor e aberto uma roça a meio dia de caminhada rio abaixo. Morávamos lá, com minha mãe, minha irmã mais velha e uma outra família. O lugar se chamava *T'ooŕ'ooŕ'opi*, o lugar dos cipós.<sup>7</sup> Passávamos lá a maior parte do tempo, e pouco visitávamos *Wari mahi*. Meu padrasto não gostava de morar lá, porque achava que havia gente demais. Creio que julgava

a casa muito barulhenta. Por isso, depois de *Marakana*, cresci sobretudo em *T<sup>h</sup>oot<sup>o</sup>of<sup>o</sup>opi*.<sup>8</sup>

Lembro-me bem desse período de minha infância. Foi aquele em que minha mente se abriu, graças à carne de caça e aos alimentos da roça que me dava meu padrasto. Levava-me com ele em todas as suas viagens. Íamos sempre a festas *reahu* nas casas de nossos aliados. Partíamos também em expedições de muitos dias na mata, durante as quais morávamos em acampamentos de tapiris. Os nossos antigos acampavam desse modo por longos períodos, para caçar e coletar frutos.<sup>9</sup> Naquele tempo da minha infância, passávamos realmente muito tempo na floresta. Hoje em dia, menos. Os rapazes gastam o seu tempo rondando os postos dos brancos. Eu, ao contrário, cresci na floresta, bebendo mel selvagem o tempo todo. Foi isso que tornou meu pensamento reto e permitiu que ele se ampliasse. Desde muito pequeno, comecei a observar os mais velhos, quando saíam para caçar ou iam trabalhar nas roças. Foi também nessa época que os vi, pela primeira vez, dançando para se apresentar nas festas *reahu* em casas amigas e imitando os espíritos urubu para partir em guerra contra seus inimigos.<sup>10</sup>

Minha mãe costumava também me levar com ela à floresta, para pegar caranguejos-de-água-doce, pescar com timbó ou coletar todos os tipos de frutos. Eu ainda a acompanhava à nossa roça quando ela ia colher mandioca ou banana, ou rachar lenha com o machado. Depois, assim que fiquei um pouco mais crescido, os adultos começaram a me chamar para acompanhá-los nas caçadas. Eu os seguia pela mata, ainda coberta de orvalho, e, quando eles flechavam animais pequenos, os davam a mim dizendo: "Leve esta caça, na volta você vai comê-la!". Éramos, na época, um pequeno grupo de meninos da mesma idade. Os outros eram um pouco mais velhos do que nós. Crescemos indo sempre caçar e pescar juntos. Também ocupávamos nosso tempo imitando tudo o que faziam os adultos. Foi assim que, pouco a pouco, começamos a pensar direito. Flechávamos todos os tipos de passarinhos e lagartos, na floresta ou nas roças vizinhas. E os trazíamos de volta, entrando orgulhosos, como caçadores, em nossa grande casa. Moqueávamos as presas e organizávamos pequenas festas *reahu* com essa "caça", como víamos fazer os mais velhos.<sup>11</sup> Estes nos encorajavam, brincando. Acrescentavam a nossas presas pedaços de caça de verdade. Então entoávamos alegremente cantos *heri*, como se costuma

fazer quando a comida de um *reahu* é farta. Também imitávamos a dança de apresentação de nossos convidados. Dançávamos inclusive em pequenos casais, segurando as meninas pelo pulso, como os adultos, em certas noites de festa. Divertíamos-nos muito mesmo!

Tudo isso ocorria na praça central da casa. Os adultos olhavam para nós e riam muito. Divertiam-se em nos ver parodiá-los com tanta ousadia. Não tínhamos medo nenhum! Fingíamos beber o pó de *yākoana*, como fazem todos os homens no último dia do *reahu*. Imitávamos também sua raiva no decorrer dos diálogos *yāmuu*. Agachados aos pares, maltratávamo-nos segurando uns aos outros pelo pescoço. Como eles, cantávamos gritando nos ouvidos dos nossos parceiros e batendo com a palma da mão em seus flancos. Os únicos adultos que não ousávamos imitar eram os xamãs. Os adultos nos tinham alertado. É perigoso demais, pois seus *xapiri* poderiam se irritar com isso e se vingar. Era assim que vivíamos. Só tomávamos como exemplo as maneiras de nossos maiores. Não queríamos imitar os brancos, como costumam fazer as crianças de hoje, quando fabricam aviõezinhos de madeira e jogam bola. Não escutávamos o barulho dos rádios, nem o dos gravadores. Nossos ouvidos só davam atenção às palavras dos nossos e às vozes da floresta.

Nossos maiores convidavam gente de outras casas a suas festas *reahu* para beber mingau de banana-da-terra e oferecer porções de carne moqueada. Muitas vezes brigavam uns com os outros. Então, desafiavam-se aos gritos, exaltados, e insultavam seus adversários pronunciando seus nomes raivosamente. Depois batiam na cabeça uns dos outros, em alternância, com longas bordunas. Enfrentavam-se assim para vingar roubos de alimento em suas roças, porque tinham ciúmes de mulheres ou apenas porque tinham xingado um ao outro de covarde. Eu os observava de longe, um pouco assustado, e dizia a mim mesmo: "*Haixopë!* É assim que se deve lutar para aplacar a própria ira!". Além disso, às vezes se lançavam em incursões de guerra contra seus inimigos. Na época, guerreavam em direção ao levante, contra os antigos da gente do rio Catrimani — que então viviam no rio Mapulaú —, e, por vezes, em direção ao poente, contra os *Xamatari* do alto rio Demini.<sup>12</sup> Como eu disse, meu padrasto era muito valente, sempre pronto para vingar nossos mortos. Naquele tempo, ele flechou um bom número de nossos inimigos do Catrimani, e tirou dos *Xamatari* as duas irmãs que são até hoje suas esposas.<sup>13</sup> Eu vivia com

ele quando lançou todos esses ataques, junto com outros guerreiros do rio Toototobi. Vi-os muitas vezes se alinharem com seus arcos e flechas na praça central de nossa casa e imitarem os espíritos urubu antes de se pôr a caminho.<sup>14</sup> Meu pensamento se fixava neles e eu pensava: "É assim que devemos nos vingar! Quando for mais velho, vou me juntar a eles!". Eu era jovem demais para isso, e lamentava muito não poder acompanhar os adultos! Mas foi assim, observando-os constantemente, que meu pensamento se tornou mais sabido e que eu cresci.



Antes de chegar a *Marakana*, nossos antigos ocuparam muitas outras roças nas terras altas. Moraram muito tempo, por exemplo, no lugar do sapo *yoyo* — que chamanos de *Yoyo roopë*, nas nascentes do rio Toototobi.<sup>15</sup> Meu padraço costumava falar muito dessa floresta, pois viveu lá muito tempo quando era jovem. De lá, os antigos iam até os *Xamatari* que moravam no rio *Kapirota u*, em busca de ferramentas de metal, já que os antigos *Watata si* do rio Parima tinham ficado distantes demais.<sup>16</sup> Os *Xamatari* as obtinham descendo o curso do Demini até os barracos dos brancos que viviam às margens do rio Aracá. Estes pescavam tartarugas e coletavam castanha-do-pará, balata e fibras de piaçava.<sup>17</sup> A gente do *Kapirota u*, embora vivesse longe rio acima, conhecia bem esses brancos do rio. Costumava ir visitá-los e, na estação seca, trabalhava para eles durante várias luas. Conseguia assim objetos manufaturados de todos os tipos.<sup>18</sup> Foi por intermédio deles que nossos maiores encontraram esses ribeirinhos, muito distantes de suas casas, pela primeira vez. Não foi, porém, pelo mero prazer de admirá-los que se aproximaram dos forasteiros.

Na verdade, o que sentiam era mais temor do que outra coisa, e não sem razão. Tanto que um dia essa gente ofereceu a eles comida com veneno, e vários anciãos acabaram morrendo. Isso aconteceu perto das corredeiras do rio Aracá, que os brancos chamam de Cachoeira dos Índios. Escutei essa história da boca do meu padraсто, quando eu era criança. Ele a contava de vez em quando, quando exortava a gente de nossa casa, durante a noite, com seus discursos *hereamuu* sobre os tempos antigos.

Não apenas para obter fósforos, panelas de alumínio ou sal. Sabiam fazer fogo com brocas de cacauero, suas esposas cozinhavam em potes de cerâmica e salgavam suas bananas cozidas com cinzas de cipó *yopo una*. O que eles queriam dos brancos do rio eram suas ferramentas de metal novinhas, algo que realmente não tinham. Naquela época era muito difícil conseguí-las. Com muito esforço, conseguiam trazer dessas longas viagens apenas alguns facões, às vezes um machado. Isso lhes permitia abrir novas roças, maiores do que antes, e cultivar as plantas com que poderiam alimentar suas famílias. Mas ainda tinham de emprestar uns aos outros as raras ferramentas, como haviam feito no passado com os pedaços de ferro conseguidos com os *Watata si* do rio Parima. Assim, quando um homem tinha terminado de abrir sua roça, outro podia abrir a sua, e depois outro, e outro, se revezando. No final, as ferramentas eram emprestadas para gente de casas vizinhas, como outrora. Os antigos me contaram isso muitas vezes quando eu era criança.

Quanto a mim, encontrei pela primeira vez brancos quando ainda era muito pequeno. Não sabia ainda nada a respeito deles. Na verdade, nem mesmo pensava que tais seres pudessem existir! Era gente da Inspetoria e soldados da Comissão de Limites.<sup>19</sup> Chegaram, certo dia, até nossa casa de *Marakana*. Tinha subido o rio em nossa direção durante dias e dias, amontoados em grandes canoas a motor carregadas de alimento e caixas de mercadorias. Eram muitos. Um grupo deles entrou de repente na nossa casa para pedir ajuda aos nossos parentes. Estavam recrutando homens para acompanhá-los e transportar seus pesados carregamentos pela floresta. Pretendiam chegar até as nascentes dos rios, para lá cavar buracos e plantar grandes pedras retas. Nossos antigos nada compreendiam de sua língua de fantasma. Por fim, um *Xamat'ari* que tinha conseguido uma esposa entre nós falou com eles. Ele já conhecia bem os

brancos por ter trabalhado a jusante, no rio Aracá, perto da Cachoeira dos Índios, e tinha aprendido um pouco a língua deles. Esses brancos da Comissão de Limites trabalharam na região das terras altas de nossa floresta durante várias luas, e um dia foram embora, tão de repente quanto tinham chegado.<sup>20</sup>

Não me lembro de tudo o que aconteceu nessa época, porque é muito antigo. Mas não esqueci a chegada desses forasteiros, porque me deixaram apavorado! Aliás, assim que a vinda deles foi anunciada, todas as mães de *Marakana* preveniram seus filhos pequenos: "Os *napé* estão chegando! Escondam-se! Senão, eles podem levá-los embora!". E em seguida os fizeram ficar atrás das redes, encobertos pela lenha encostada na parede da casa.<sup>21</sup> As crianças maiores, como minha irmã mais velha, fugiram por conta própria, para se refugiar na floresta. Minha mãe me fez agachar ao seu lado e depois me cobriu com o grande cesto de cipó que usava para carregar lenha. Eu estava apavorado, mas ela conseguiu me acalmar, me dizendo baixinho: "Não tenha medo, os brancos não vão vê-lo! Só fique quieto!". Uma vez protegido dos olhares, me senti um pouco mais seguro. Então fiquei encolhido, em silêncio, observando o grupo de visitantes brancos que entrava em nossa casa através da malha da cesta. Achava-os de uma feiura terrível e meu coração batia forte no peito. Tinha muita vontade de fugir, como os grandes, mas não queria chamar a atenção. E assim tive de esperar por muito tempo, imóvel, segurando a respiração, até os forasteiros irem embora e minha mãe me libertar!

As mães de nossa casa temiam que os brancos levassem seus filhos pequenos. Tinham muito medo mesmo de que os roubassem! Os antigos se lembravam de que os soldados da Comissão de Limites já tinham levado com eles crianças yanomami, quando, antigamente, subiram o rio Mapulaú pela primeira vez.<sup>22</sup> Naquela época, nossos maiores viviam nas terras altas, em *Yoyo roopé*. Mas gente do Mapulaú tinha contado a eles que os brancos tinham pedido vários de seus filhos. Ninguém queria dar os filhos, é claro! Mas todos receavam o furor das epidemias dos brancos, caso recusassem. Então, o grande homem da gente do Mapulaú acabou dando a eles um menininho e uma menininha, que não eram filhos da gente de sua casa. Eram cativos, trazidos de uma incursão guerreira aos *Yawari*, que então viviam no alto rio Catrimani.<sup>23</sup> Ouí meus pais e meus avós contarem essa história muitas vezes. Por isso eu tinha tanto medo dos brancos! Temia muito que quisessem levar a mim também! Até agora me pergunto o que aqueles forasteiros queriam fazer com as crianças



yanomami. Talvez quisessem criá-las, para mais tarde enviá-las de volta, para pedir aos nossos grandes homens permissão para trabalhar na nossa floresta? Não sei.

Hoje, nossas crianças não têm mais medo dos brancos. Mas eu, antes, tinha pavor deles! Eram mesmo outros. Eu os observava de longe e pensava que pareciam seres maléficos da floresta! Ficava apavorado só de vê-los! Tinham uma aparência horrível. Eram feios e peludos. Alguns eram de uma brancura assustadora. Perguntava a mim mesmo o que podiam ser seus sapatos, relógios e óculos. Esforçava-me para prestar atenção, tentando compreender suas palavras, mas não adiantava nada. Pareciam barulhos soltos! Além do mais, eles manipulavam sem parar vários tipos de coisas que me pareciam tão estranhas e assustadoras quanto eles próprios. Aliás, mesmo muito tempo depois dessa primeira visita, bastava um desses brancos querer se aproximar de mim para eu sair correndo, aos prantos. Eles realmente me apavoravam! Eu tinha medo até da luz que saía de suas lanternas. Mas temia ainda mais o ronco de seus motores, as vozes de seus rádios e os estampidos de suas espingardas. O cheiro de sua gasolina me deixava enjoado. A fumaça de seus cigarros me dava medo de adoecer. Em suma, eu pensava que deviam mesmo ser seres maléficos *nē wūri*, famintos de carne humana!

Em *Marakana*, os adultos não tiveram tanto medo dos brancos quanto nós, as crianças. Eles os conheciam um pouco. Muitos já tinham se encontrado com eles durante viagens de troca rio abaixo. O que deixou a todos apavorados, no entanto, foram os aviões que sobrevoaram nossas casas várias vezes. Ninguém jamais tinha visto um avião.<sup>24</sup> Assim que se ouvia o seu zumbido, homens, mulheres e crianças saíam correndo o mais rápido possível para se espalhar e se esconder pela floresta. Os anciãos achavam que aqueles seres voadores desconhecidos podiam cair e incendiar tudo na floresta. Pensavam que iríamos todos morrer, e às vezes tinham tanto medo que choravam quando falavam disso! Foi assim que aconteceu. Nossos pais e avós desconfiavam dos brancos, e sempre temeram suas fumaças de epidemia. No entanto, jamais se preocuparam em saber o que os trouxera à nossa floresta. Não sabiam que tinham vindo para demarcar a fronteira do Brasil no meio de nossa terra. Mostraram-se hospitaleiros e amigáveis. Juntaram-se de bom grado para acompanhá-los, transportando sua comida e suas ferramentas de metal em grandes cestos cargueiros. Apenas observaram os forasteiros com curiosidade,

enquanto abriam largas trilhas na mata e plantavam grandes pedras nas nascentes dos rios. Jamais teriam imaginado que, mais tarde, os filhos e netos daquela gente voltariam, tão numerosos, para tirar ouro dos rios e alimentar seu gado na floresta derrubada. Nunca pensaram que esses brancos um dia poderiam querer expulsá-los de sua própria terra. Ao contrário, uma vez passado o receio inicial, nossos antigos ficaram felizes com a visita daquela gente outra. Ao longo dos dias, examinavam atentamente as caixas cheias de facões e machados que tinham subido com eles o rio Demini.<sup>25</sup> Um único pensamento ocupava então suas mentes: "A partir de agora, nunca mais vão nos faltar ferramentas de metal!".

Muito mais tarde, já adulto, comecei a me perguntar o que os brancos tinham vindo fazer em nossa floresta naquele tempo. Acabei entendendo que queriam conhecê-la para desenhar seus limites e, assim, poder se apoderar dela. Nossos antigos não sabiam imitar a língua daqueles forasteiros. Por isso os deixaram chegar perto de suas casas sem hostilidade. Se tivessem entendido as palavras deles tão bem quanto as nossas, com certeza os teriam impedido de entrar em sua floresta com tanta facilidade! Acho, no final, que foram enganados por aqueles *napē* que exibiam seus objetos manufaturados com boas palavras: "Vamos ficar amigos! Vejam, estamos dando uma grande quantidade de nossos bens de presente a vocês! Não estamos mentindo!". Aliás, é sempre assim que os brancos começam a falar conosco! Depois, logo atrás deles, chegam os seres de epidemia *xawarari* e então começamos a morrer um atrás do outro! Nossos antigos ainda não sabiam nada desse perigo. Queriam apenas trocar facões, machados, roupas, arroz, sal e açúcar. Dirigiam-se aos brancos repetindo alegremente algumas palavras deles, como papagaios. Pensavam: "Esses forasteiros são amistosos! Eles são muito generosos!". Mas estavam equivocados! Assim que conseguiram os preciosos objetos e alimentos que tanto desejavam, ficaram doentes e depois começaram a morrer em série, um por um. Dói-me pensar nisso. Foram enganados por essas mercadorias e morreram todos só por isso. Foi assim que desapareceram quase todos os meus maiores, só por querer fazer amizade com os brancos. Depois da morte deles, fiquei só, com minha raiva. Ela nunca mais me deixou desde então. É ela que hoje me dá a força de lutar contra os forasteiros que só pensam em queimar as árvores da floresta e sujar os rios como bandos de queixadas. Sempre fico consternado quando olho para o vazio na floresta em que meus parentes eram

tão numerosos. A epidemia *xawara* nunca foi embora de nossa terra e, desde então, os nossos continuam morrendo do mesmo modo.



No começo, os nossos antigos limpavam bem os facões que recebiam dos brancos, antes de levá-los para casa. Mergulhavam na água dos igarapés e esfregavam bastante com areia. De fato, as lâminas dessas ferramentas eram pegajosas e exalavam um inquietante odor adocicado. Vinham besuntadas de gordura e embaladas em peles de papel.<sup>26</sup> Assim que os brancos abriam seus enormes caixotes de madeira para distribuir esses facões, saíam deles volutas de uma fina poeira perfumada. O odor era muito forte e se espalhava por toda parte. Todas as mercadorias deles eram impregnadas desse cheiro: facões, machados e tesouras; e também os tecidos de algodão, as redes. Nossos pais e avós não tinham nariz de branco. Reconheciam de longe o cheiro nauseante das ferramentas de metal. Consideravam-no perigoso e o temiam, porque os fazia tossir e adoecer logo depois que as pegavam.<sup>27</sup> Os velhos, as mulheres e as crianças morriam desse sopro cheiroso muito depressa. Por isso os chamaram *poo pē wakixi*, a fumaça do metal. Pensaram que era essa a origem das epidemias *xawara* que os devoravam.<sup>28</sup> Naquele tempo, nossos antigos sabiam pouco dos brancos. Não conheciam o cheiro deles, nem o de seus objetos. Por isso aqueles odores lhes pareceram tão intensos e assustadores. Era para eles como quando um jovem caçador é surpreendido pela primeira vez pelo cheiro de um bando de queixadas na mata! Eles nunca tinham cheirado nada parecido com aquilo, e isso os deixava muito preocupados.

Naquela época, os brancos também distribuíam grandes quantidades de

cortes de tecido vermelho. Os homens faziam tangas com ele. Mas esse tecido de algodão também era muito perigoso. Pouco depois de receber um corte dele, as pessoas começavam a tossir e seus olhos infeccionavam.<sup>29</sup> Por isso os tecidos foram chamados de *t'oko kiki*, coisas da tosse. São bens de troca maléficis, produzidos pelos antigos brancos em terras afastadas, com o algodão de árvores de epidemia *xawara hi*.<sup>30</sup> A imagem deles aparecia aos olhos dos antigos xamãs que combatiam sua doença na forma de farrapos de tecido de um vermelho intenso. Hoje, usamos bermudas e outras roupas.<sup>31</sup> Mas ainda desconfiamos das peças de algodão vermelho.<sup>32</sup> O mal delas castigou muito nossos antepassados. Quando os brancos as rasgavam, saía uma fumaça enjoativa que deixava todos doentes. O peito de nossos pais e de nossos avós era fraco demais para resistir a ela, e a tosse os matava depressa. Essa poeira malcheirosa vinha dos armazéns onde os brancos empilhavam as peças de pano para guardá-las; era o cheiro da fumaça do motor das máquinas que o haviam tecido.

O mesmo medo tinham nossos antigos da fumaça dos pedaços de objetos que os brancos jogavam no fogo. Quando os viam queimando revistas, por exemplo, pensavam: "A fumaça dessas peles de imagens, com seus desenhos vermelhos e pretos, é perigosa! Vai nos cortar a garganta e machucar o peito. Sua tosse vai acabar nos matando!". Temiam também a fumaça de tabaco queimado que os forasteiros engoliam sem parar.<sup>33</sup> Na verdade, todos os objetos dos brancos afetavam nossos maiores com seu poder de doença: os facões, os tecidos, os papéis, os cigarros, os sabões e as coisas de plástico. Sua fumaça estranha se espalhava entre eles, e todos os que viessem a respirá-la muito de perto se punham logo a tossir e a vomitar.<sup>34</sup> Sem remédios, os matava muito depressa. Até as coisas de árvores de canto que os forasteiros chamavam de gaita faziam as pessoas adoecerem! Quando as distribuía, todos os rapazes tentavam soprar nelas por diversão, como se fossem flautas *purunama usi*. Logo em seguida começavam a sentir dor de garganta e os espíritos da tosse passavam a dilacerar-lhes o peito.<sup>35</sup> Assim foi. Os objetos dos brancos eram muito perigosos para os nossos antigos. Eles não os conheciam e jamais tinham visto nada assim. Tinham nascido muito longe das cidades e das fábricas, no meio da floresta. Por dentro, seu corpo era muito vulnerável às fumaças de todas essas mercadorias.

Mais tarde, recebemos em *Marakana* a visita de outros brancos da Inspeção. Trouxeram várias espingardas para nos dar de presente. Deram uma, novinha, a meu padrasto, que era o grande homem de nossa casa. Foram tratados por nossos maiores como amigos, e ficaram conosco algum tempo, como convidados. Então, seu chefe, que se chamava Oswaldo, começou a querer uma de nossas mulheres. Desejava uma das moças da gente de *Sina t'a*, cuja casa era um pouco a jusante da nossa.<sup>36</sup> Eu a chamava de irmã. Ela acabara de ter a primeira menstruação. Oswaldo morava numa pequena cabana que a gente de *Sina t'a* tinha construído para ele nas imediações. Ele começou a oferecer carne de caça e farinha de mandioca aos pais da moça, como nós fazemos para obter uma esposa. A mente dele estava fixada na beleza da menina. Ele queria mesmo copular com ela. Insistia cada vez mais para tê-la. Meu padrasto teria concordado em cedê-la, temendo a ira dele se recusasse, mas as pessoas mais velhas de *Sina t'a* eram contra. Os pais e avós da jovem não queriam aquilo de jeito nenhum. Sabiam que o branco jamais ficaria com ela na floresta. Tinham receio de que ele a levasse rio abaixo, e que acabasse por abandoná-la na cidade depois de algum tempo.<sup>37</sup> Sabiam que nunca mais iriam revê-la. Além disso, um rapaz de sua casa já a tinha pedido em casamento.

No começo, Oswaldo esforçou-se por demonstrar amizade por todos. Seus lábios sorriam por qualquer razão. Acabou se irritando, porém, com a persistente recusa à sua vontade. Começou a fazer reclamações o tempo todo. Depois, certa vez, surpreendeu a moça deitada na rede do seu jovem prometido. O desejo dele se transformou imediatamente em fúria. Juntou suas coisas e foi embora sem dizer uma palavra. Desceu o rio com a raiva plantada no peito. Ninguém ouviu mais falar dele por um tempo. Certo dia, porém, ele voltou à casa dos *Sina t'a*. Pediu de novo a moça aos pais. Dessa vez, já não sorria. Tinha o rosto crispado e hostil. Diante de mais uma recusa, pôs-se a ameaçar o pessoal da casa com fúria: "Quero essa mulher já! Se não a derem para mim, faço todos morrerem!". Nossos antigos eram valorosos e não se deixaram impressionar nem um pouco por aquela raiva vinda de seu desejo de copular!<sup>38</sup> Não tinham a menor intenção de deixá-lo levar a moça e não cederam. Ninguém desconfiava de que Oswaldo dizia a verdade e tinha mesmo decidido se vingar. Assim foi. A gente de *Sina t'a* não deu a devida importância às ameaças dele.

Alguns deles me contaram que, cada vez mais enfurecido, ele enterrou perto da casa, durante a noite, uma caixa de metal contendo uma poderosa

fumaça de epidemia. No dia seguinte, o calor do sol foi intenso e a caixa esquentou debaixo da terra. Após algum tempo, o veneno fez explodir a tampa e deixou escapar uma fumaça espessa que invadiu tudo. Mas meu padraсто me disse que não tinha acontecido assim. Contou-me que Oswaldo, para se vingar, chamou o namorado da moça a um lugar onde tinha escondido um embrulho no chão. Saía dele uma corda reta comprida, à qual ateou fogo, com folhas secas amarradas numa pequena vara. Assim que o fogo começou a se propagar, Oswaldo correu para um lugar seguro. Pouco depois, o pacote explodiu debaixo da terra, como um enorme tiro de espingarda. Torrões de terra foram lançados em todas as direções e uma densa nuvem de fumaça envolveu de repente a casa de *Sina t<sup>h</sup>a*.<sup>39</sup> Apavorados com a explosão, seus moradores, inquietos, se perguntavam o que aconteceria com eles.

Certo tempo depois, Oswaldo fugiu, vociferando em sua língua de fantasma. Ninguém entendeu o que dizia. Porém, pouco tempo após sua partida, todos começaram a morrer em *Sina t<sup>h</sup>a*, um atrás do outro. Isso aconteceu durante uma festa *reahu*. As mulheres ainda estavam ralando a mandioca dos beijus que seriam distribuídos aos convidados com carne moqueada. De repente, vários anciãos adoeceram e um deles acabou morrendo. O cadáver foi embrulhado pelos seus num saco de folhas de palmeira e amarrado no tronco de uma pequena árvore na floresta.<sup>40</sup> Choraram o morto e acabaram de preparar as provisões do *reahu*, que distribuíram às pressas entre seus convidados, para sua viagem de retorno. Entretanto, as crianças começaram a arder em febre. Em seguida, foram todos os moradores da casa atingidos pelo mal. Então, tomados de pânico, os que ainda podiam fazê-lo fugiram correndo pela floresta, para todos os lados.

A fumaça de Oswaldo não era uma mera doença da tosse. As vítimas, queimando de febre, tinham coceiras insuportáveis e sua pele se desfazia em pedaços. Elas não ficavam doentes por muito tempo, morriam logo, uma depois da outra.<sup>41</sup> Não demorou para haver cadáveres por todos os lados na casa de *Sina t<sup>h</sup>a*, tombados no chão ou encolhidos em suas redes. Muitos também morreram subitamente nas roças, na floresta ou na beira do rio. Os espíritos *xawarari* da epidemia devoraram com voracidade um grande número de mulheres, velhos e crianças, bem como vários xamãs. A moça que Oswaldo tanto desejava tampouco escapou. Foi o que me relataram mais tarde os poucos adultos que tinham conseguido fugir e sobreviver a essa epidemia. Passado algum tempo, voltaram para casa e encontraram os cadáveres em putrefação

por toda parte. Então recolheram e incineraram os ossos de seus parentes defuntos e não pararam de chorar durante todo o tempo que passaram enchendo um grande número de cabaças com as cinzas. Mas a fumaça das piras desses mortos de epidemia também era perigosa e vários deles vieram por sua vez a falecer. Era apavorante! Os raros sobreviventes, em prantos, foram tomados por uma profunda raiva de luto. Resolveram se vingar de Oswaldo, que tinha fugido em estado de homicida *ōnokae* logo depois de fazer estourar sua fumaça de epidemia.<sup>42</sup> Buscaram-no, para flechá-lo, até no posto dos brancos da Inspeção, em Ajuricaba, a jusante.<sup>43</sup> Em vão. Ele deve ter se escondido em Manaus e nunca mais retornou à nossa floresta.

Assim nossos maiores foram dizimados pela primeira vez. Antes dessa epidemia, ainda eram muito numerosos. Hoje, restam poucos.<sup>44</sup> Somente a gente de *Yoyo roopē* conseguiu escapar dessa epidemia, liderada por meu padrasto. Oswaldo tinha amizade por ele. Sempre lhe trazia presentes. Contou-me que, quando o pessoal de *Sina t'a* começou a adoecer e Oswaldo estava a ponto de embarcar em sua canoa a motor para escapar, ele o alertou dizendo: "Vá embora deste lugar! Não chegue perto dessas pessoas, ou ficará contaminado também! Vão todos morrer! Estou muito furioso com eles! Deixe que morram, não volte à casa deles! Alerta os seus e se refugiem na floresta, bem longe, senão vocês também vão desaparecer!". Tendo ouvido essas palavras, meu padrasto logo começou a incentivar as pessoas de nossa casa a fugir: "A epidemia *xawara* está perto! Precisamos abandonar tudo e partir ao alvorecer! Não devemos ir chorar os mortos de *Sina t'a*, ou morreremos também!". Contudo, no dia seguinte, alguns hesitaram em partir. Para acabar com a indecisão deles, meu padrasto ateou fogo à nossa casa. Era um grande homem, muito valoroso mesmo! Foi assim que deixamos a região de *Marakana*, às pressas. Então ficamos viajando, de acampamento em acampamento, descendo o rio Demini até bem longe. Ficamos escondidos na floresta durante várias luas e, por fim, voltamos a nos instalar em nosso local de *T'oot'ot'opi*, a alguma distância de *Marakana*. Se não tivéssemos fugido, a maioria de nós também teria morrido por causa dessa epidemia. Apenas alguns dos nossos morreram, afinal, porque durante a viagem, e contrariando a opinião de meu padrasto, tinham voltado para buscar mandioca em nossas roças velhas, passando por *Sina t'a*.

Com que Oswaldo fez explodir essa epidemia? Eu não sei, mas os brancos devem saber! Nossos ancestrais desconheciam a febre ardente dessas fumaças de epidemia. Seus corpos eram frescos como a floresta em que sempre viveram,

sem remédio nem vacina. Talvez Oswaldo tenha posto fogo no pó que usam para explodir grandes rochas?<sup>45</sup> Seja como for, bastou que nossos antigos inalassem essa fumaça desconhecida para morrerem todos, como peixes que ainda não conhecem o poder letal das folhas do veneno de pesca *koa axihana*. Foi assim, perto de *Marakana*, que tomamos conhecimento da potência da epidemia *xawara* dos brancos. Entendemos então o quanto eram perigosos para nós! Agora, já faz muito tempo. Apesar disso, os sobreviventes ainda se lembram da fumaça que Oswaldo espalhou por vingança. Falam disso até hoje com seus netos. Não queremos mais passar por tamanho sofrimento. Já foram demais os nossos que morreram das epidemias *xawara* espalhadas pelos brancos. Nós, que somos o que resta de nossos maiores, queremos voltar a ser tão numerosos quanto eles foram antigamente. Não queremos mais ficar morrendo antes da idade. Queremos nos extinguir só quando tivermos nos tornado velhos de cabeça branca, já encolhidos, descarnados e cegos. Queremos que o ser da morte, que chamamos *Nomasiri*, e o da noite, *Titiri*, só nos façam desaparecer quando tiver realmente chegado a hora. Então, ficaremos felizes de morrer, pois teremos vivido bastante tempo, como acontecia com nossos antepassados, antes de encontrarem os brancos. Em *Marakana*, os nossos parentes eram muito numerosos e gozavam todos de plena saúde quando foram dizimados de repente — mulheres, crianças e velhos. Por isso suas mortes me enfurecem até hoje. Essas palavras de luto existem em mim desde a minha infância, e é delas também que me vem a força para falar duro com os brancos.

Quando viram aqueles forasteiros pela primeira vez, nossos maiores acharam que fossem fantasmas. Ficaram com muito medo, e disseram a si mesmos: "Devem ser os fantasmas dos mortos que voltam entre nós!".<sup>46</sup> Mais tarde, entenderam que podia tratar-se dos ancestrais de *Hayowari* que *Omama* havia transformado em estrangeiros *napë*. Pensaram então que aqueles habitantes de terras longínquas deviam ter retornado à floresta por generosidade, para trazer suas mercadorias para os Yanomami, que não possuíam nenhuma.<sup>47</sup> Hoje, ninguém mais pensa nada disso! Vimos os brancos espalharem suas epidemias e nos matarem com suas espingardas. Vimo-los destruírem a floresta e os rios. Sabemos que podem ser avarentos e maus e que seu pensamento costuma ser cheio de escuridão. Esqueceram que *Omama* os criou. Perderam as palavras de



seus maiores. Esqueceram o que eram no primeiro tempo, quando eles também tinham cultura.<sup>48</sup>

*Omama* depositou a espuma com a qual criou os antigos brancos muito longe de nossa floresta. Deu-lhes uma outra terra, distante, para nos proteger de sua falta de sabedoria. Mas eles copularam sem parar e tiveram mais e mais filhos. Então, foram tomados de euforia, fabricando um sem-número de mercadorias e máquinas. E acabaram achando sua própria terra apertada. Ainda guardavam de seus avós antigas palavras acerca dos habitantes de *Hayowari* e sua floresta. Então declararam a seus filhos: "Existe, bem longe, uma outra terra, muito bonita, onde há muito tempo *Omama* criou os nossos antepassados. Os habitantes da floresta dos quais se originaram ainda vivem lá. Não são outra gente diferente de nós!". Tais palavras devem ter se espalhado entre os brancos de antigamente, já que acabaram atravessando o grande lago que os separava de nós. Navegaram nele durante várias luas, em grandes canoas. Escaparam do vendaval e dos seres maléficos que povoam o centro dessas águas. E, por fim, conseguiram retornar a esta terra do Brasil.

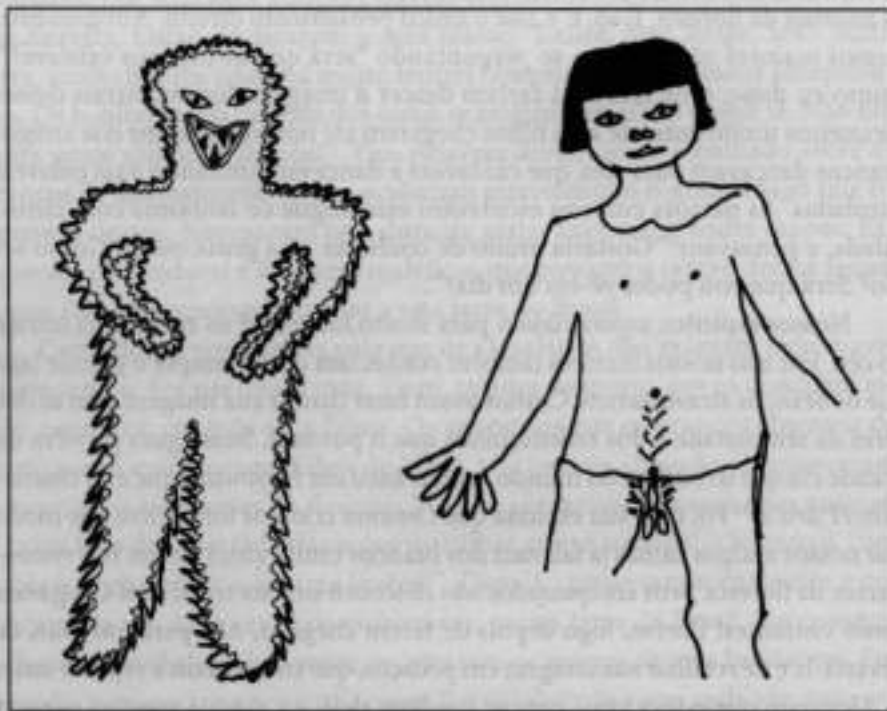
Contudo, as verdadeiras palavras de *Omama* já não existiam neles havia muito tempo. Foi seu irmão mau, *Yoasi*, criador da morte, que os conduziu até nós, como um pai guia seus filhos. Os ancestrais que os brancos chamam de portugueses eram mesmo filhos de *Yoasi*. Mal haviam chegado, já começaram a mentir aos habitantes da floresta: "Somos generosos, e somos seus amigos! Vamos lhes dar mercadorias e compartilhar nossa comida! Viveremos com vocês e ocuparemos esta terra juntos!". Depois, conversaram entre eles e começaram a vir, cada vez mais numerosos, para a terra do Brasil. No começo, seduzidos pela beleza da floresta, mostraram-se amigos de seus habitantes. Em seguida, começaram a construir casas. Foram abrindo roças cada vez maiores, para cultivar seu alimento, e plantaram capim por toda parte, para o seu gado. Suas palavras começaram a mudar. Puseram-se a amarrar e a açoitar as gentes da floresta que não seguiam suas palavras. Fizeram-nas morrer de fome e cansaço, forçando-as a trabalhar para eles. Expulsaram-nas de suas casas para se apoderar de suas terras. Envenenaram sua comida, contaminaram-nas com suas epidemias. Mataram-nas com suas espingardas e esfolaram seus cadáveres com facões, como caça, para levar as peles para seus grandes homens. Os xamãs conheciam todas essas antigas palavras. Tinham-nas ouvido ao fazerem dançar a imagem desses primeiros habitantes da floresta.<sup>49</sup>

Contam os brancos que um português disse ter descoberto o Brasil há

muito tempo.<sup>30</sup> Pensam mesmo, até hoje, que foi ele o primeiro a ver nossa terra. Mas esse é um pensamento cheio de esquecimento! *Omama* nos criou, com o céu e a floresta, lá onde nossos ancestrais têm vivido desde sempre. Nossas palavras estão presentes nesta terra desde o primeiro tempo, do mesmo modo que as montanhas onde moram os *xapiri*. Nasci na floresta e sempre vivi nela. No entanto, não digo que a descobri e que, por isso, quero possuí-la. Assim como não digo que descobri o céu, ou os animais de caça! Sempre estiveram aí, desde antes de eu nascer. Contento-me em olhar para o céu e caçar os animais da floresta. É só. E é esse o único pensamento direito. Antigamente, nossos maiores não ficavam se perguntando "será que os brancos existem?". Como eu disse, seus xamãs já faziam descer a imagem dos ancestrais desses forasteiros muito antes de seus filhos chegarem até nós. As imagens dos antigos brancos dançavam para eles, que cantavam e dançavam imitando suas palavras enroladas. As pessoas comuns escutavam essa língua de fantasma com curiosidade, e pensavam: "Gostaria muito de conhecer essa gente outra! Como serão? Será que vou poder vê-los um dia?".

Nossos espíritos *xapiri* viajam para muito longe, até os confins da terra e do céu. Por isso nossos maiores também conheciam desde sempre o grande lago que os brancos atravessaram. Costumavam fazer dançar sua imagem com as dos seres da tempestade e dos redemoinhos que o povoam. Suas águas provêm do grande rio que irrompeu do mundo subterrâneo em *Hayowari*, que eles chamavam *H'ara u*.<sup>31</sup> Foi com sua espuma que *Omama* criou os forasteiros. De modo que nossos antigos xamãs já falavam dos brancos muito antes de eles nos encontrarem na floresta. Seus antepassados não descobriram esta terra, não! Chegaram como visitantes! Porém, logo depois de terem chegado, não pararam mais de devastá-la e de retalhar sua imagem em pedaços, que começaram a repartir entre si. Alegaram que estava vazia para se apoderar dela, e a mesma mentira persiste até hoje. Esta terra nunca foi vazia no passado e não está vazia agora! Muito antes de os brancos chegarem, nossos ancestrais e os de todos os habitantes da floresta já viviam aqui. Esta é, desde o primeiro tempo, a terra de *Omama*. Antes de serem dizimados pelas fumaças de epidemia, os nossos eram aqui muito numerosos. Naqueles tempos antigos, não havia motores, nem aviões, nem carros. Não havia óleo nem gasolina. Os homens, a floresta e o céu ainda não estavam doentes de todas essas coisas.

## 11. A missão



*Xawara: a epidemia canibal.*

*Eles são completamente selvagens, não usam nenhuma roupa e estão muito enraizados na bruxaria e na adoração ao demônio [...].*

V. Bartlett, 1961  
New Tribes Mission

Meus maiores encontraram pela primeira vez a gente de *Teosi* numa visita aos *Xamat'ari* instalados perto do posto Ajuricaba, a jusante, no rio Demini.<sup>1</sup> Esses brancos, que eles nunca tinham visto, disseram que queriam conhecer sua casa de *Marakana*. Começava a estação chuvosa e os rios estavam enchendo. Os forasteiros os convidaram então a entrar num pesado barco a motor e a subir o Demini com eles. Passados alguns dias, chegaram à foz do rio Toototobi. Todos os nossos estavam reunidos num grande acampamento na floresta. Éramos muito numerosos naquela época. Havia tapiris de folhas *ruru asi* espalhados por toda parte. Foi meu padraço que me contou isso. Os nossos antigos tinham acabado de lançar uma incursão guerreira contra a gente do alto rio Catrimani.<sup>2</sup> Temendo represálias, tinham deixado *Marakana* e se refugiado na floresta por algum tempo.<sup>3</sup> Apesar disso, os brancos insistiram em ir à nossa casa. Alguns homens acabaram concordando em acompanhá-los, para pegar cachos de banana em suas roças. Os brancos foram, assim, visitar *Marakana* e, vários dias depois, retornaram a nosso acampamento.<sup>4</sup> Depois, sem explicação alguma, desceram o rio em direção ao posto Ajuricaba. Várias luas passaram. Foram então os soldados da Comissão de Limites que, por sua vez, vimos aparecer no rio Toototobi. Trabalharam nas terras altas por bastante tempo, para plantar grandes pedras nas nascentes dos rios, e então foram embora eles também, sem uma palavra, rio abaixo.<sup>5</sup>

Foi-se uma estação seca, chegou depois outra. Então, a gente de *Teosi* acabou voltando.<sup>6</sup> No começo, eram somente visitantes. Ainda não tinham aberto o caminho de avião nem construído suas casas em nossa floresta. Os homens mais velhos apenas os convidaram a amarrar suas redes nos esteios de nossa casa. Então, pela primeira vez, deram-nos a ouvir os cantos de *Teosi* numa máquina, e em seguida recitaram por um longo tempo as palavras dele.<sup>7</sup> Assim foi. Naquela época, os missionários ainda moravam longe de nós. Estavam instalados no posto Ajuricaba, junto com o pessoal da Inspeção e os *Xamat'ari*.<sup>8</sup> Mas o chefe de posto não gostava deles.<sup>9</sup> Por isso resolveram abandonar os *Xamat'ari* e fazer amizade com nossos antigos, dizendo que queriam

morar em nossa terra. Porém, desde a primeira visita daquela gente de *Teosi* a *Marakana*, muitos dos nossos tinham sido devorados pela fumaça de epidemia do branco do SPI de que falei, Oswaldo.<sup>10</sup> Nossos maiores tinham quase todos falecido. Tínhamos virado outra gente. Na volta de uma festa *reahu* em *Warē-pi u*,<sup>11</sup> em um grupo das terras altas que também tinha sido dizimado pela epidemia, meu padraço tinha decidido ficar morando em nossa casa de *T<sup>h</sup>oot<sup>h</sup>ot<sup>h</sup>opi*. Todos os sobreviventes de *Wari mahi* o seguiram. Os de *Sina t<sup>a</sup>*, por sua vez, permaneceram um pouco a montante, próximo de um antigo acampamento da Comissão de Limites. Então, após essa nova estadia entre nós, a gente de *Teosi* voltou para Ajuricaba. Dessa vez, no entanto, não demoraram a subir novamente o rio. Escolheram se instalar perto da roça de *T<sup>h</sup>oot<sup>h</sup>ot<sup>h</sup>opi*, aberta por meu padraço. Deram ao lugar, em sua língua de branco, o nome de "Toototobi". Acharam a floresta bela ali. Começaram a construir suas casas e a plantar para o próprio sustento.<sup>12</sup> Foi assim que a gente de *Teosi* começou a viver junto de nós.

No começo, só sabiam sua língua de fantasma. Às vezes, bem que tentavam cantar ou falar como nós, mas não compreendíamos grande coisa do que queriam dizer e isso nos fazia rir!<sup>13</sup> Contudo, aos poucos, começaram a desenhar nossas palavras em peles de papel para poderem imitá-las. E assim, passado algum tempo, conseguiram falar com a língua mais direita. Foi então que começaram a nos amedrontar com as palavras de *Teosi*, e a nos ameaçar constantemente: "Não mascuem folhas de tabaco! É pecado, sua boca vai ficar queimada! Não bebam o pó de *yākoana*, seu peito ficará enegrecido de pecado! Não riem e não copulem com as mulheres dos outros, é sujo! Não roubem o que lhes é recusado, é errado! *Teosi* só ficará satisfeito com vocês se responderem a ele!"<sup>14</sup> Era assim mesmo. Repetiam sem parar o nome de *Teosi*, em todas as suas falas: "Aceitem as palavras de *Teosi*! Retornemos juntos para *Teosi*! Foi *Teosi* quem nos enviou! *Teosi* nos mandou para proteger vocês! Não recusem, ou queimarão após a morte no grande fogo de *Xupari*!"<sup>15</sup> Se seguirem *Satanasi*<sup>16</sup> e suas palavras, vão queimar lá com ele e vai ser de dar dó! Se, ao contrário, vocês todos imitam *Teosi* como nós, um dia, quando ele decidir, *Sesusi*<sup>17</sup> descerá até nós e poderemos vê-lo aparecer nas nuvens!"

Eram palavras muito diferentes das de nossos antigos. Nunca tínhamos

escutado tais coisas! Nada sabíamos de *Teosi* nem de *Satanasi*. Nem sequer havíamos jamais ouvido seus nomes ser pronunciados, tampouco o de *Sesusi*. Só conhecíamos as palavras de *Omama* e de *Yoasi*. Contudo, naquele tempo, nossos antigos tinham muito receio dos brancos. Muitos deles tinham acabado de ser devorados pela fumaça de epidemia de Oswaldo. Acharam que a gente de *Teosi* podia estar dizendo a verdade. Ficaram inquietos ao ouvir aquelas palavras desconhecidas. Por isso começaram todos a imitá-los, inclusive os grandes homens e os xamãs. Dava dó de ver! Ainda penso nisso muitas vezes, até hoje. A gente de *Teosi* demonstrava abertamente sua raiva contra os homens que, apesar de tudo, tinham coragem de continuar fazendo dançar os espíritos. Diziam-lhes sem parar que eram maus e que seu peito era sujo. Chamavam-nos de ignorantes. E ameaçavam sempre: "Parem de fazer dançar seus espíritos da floresta, isso é mau! São demônios que *Teosi* rejeitou! Não os chamem, eles são de *Satanasi*! Se continuarem assim ruins e persistirem em não amar *Sesusi*, quando vocês morrerem serão jogados no grande fogo de *Xupari*! Vão dar dó de ver! Sua língua vai ressecar e sua pele vai estourar nas chamas! Parem de beber o pó de *yákoana*! *Teosi* vai fazê-los morrer! Vai quebrá-los com suas próprias mãos, porque é muito poderoso!".

Essas más palavras, repetidas sem descanso, acabaram assustando os xamãs, que não mais ousaram beber *yákoana*, nem cantar durante a noite. Apenas se perguntavam quem poderia ser *Teosi* para querer maltratá-los daquele modo. *Omama* nunca tinha dito coisas assim. Nossos maiores só conheciam a beleza e a força dos *xapiri* e preferiam seus cantos a qualquer outra coisa. Não entendiam por que os brancos tinham começado a falar tão mal com eles. As novas palavras que diziam os deixavam confusos e ansiosos. Então, um a um, começaram a rejeitar seus próprios espíritos, que foram embora. Os últimos grandes xamãs não tinham coragem de chamá-los nem mesmo para curar os doentes. Emudeceram eles também. Diante disso, todos os outros moradores de nossas casas, pouco a pouco, acabaram aceitando as palavras de *Teosi*.

Assim que os missionários terminaram de construir suas casas em Toototobi, foram morar lá com suas mulheres e filhos. A partir de então, começamos todos a imitar as palavras de *Teosi* exatamente como eles faziam. Todos os dias, a gente de nossa casa se reunia ao chamado deles, mesmo as crianças e os velhos.

Era de manhã muito cedo. Fazia frio e sentíamos sono, mas tínhamos de ir assim mesmo!<sup>18</sup> Cada qual pensava consigo mesmo: "Se eu não imitar *Teosí* com os outros, vou arder sozinho no fogo de *Xupari!*". Assim, apesar do sono, acabávamos descendo de nossas redes. Éramos muito dóceis naquele tempo! Seguíamos tudo o que nos dizia o pessoal de *Teosí*. Quando estávamos todos reunidos, os brancos se punham a cantar: "Quem criou o sol? Não fui eu que o criei! Foi *Teosí* quem o criou! Quem criou a lua? Não fui eu que a criei! Foi *Teosí* quem a criou! Quem criou a floresta? Não fui eu que a criei! Foi *Teosí* quem a criou! Quem criou a caça e os peixes? Não fui eu que os criei! Foi *Teosí* quem os criou!". Cantavam também que *Teosí* havia feito existir a terra e o céu, a luz e a noite, o vento e a chuva. Contavam como havia também dado vida a Adão e Eva: "Foi *Teosí* que nos pôs no mundo. Pegou barro, amassou com as mãos e transmitiu-lhe seu sopro de vida para criar um homem. Seu nome era Adão. Mais tarde, fez com que dormisse e arrancou-lhe uma costela para criar uma mulher. Foi também ele que deu filhos às mulheres. *Teosí* é muito poderoso! Nós o chamamos de Pai! Ele nos faz felizes. Aceitem as palavras dele. Mais tarde, ele virá buscar vocês e os levará consigo".<sup>19</sup>

Perguntávamos a eles: "Mas onde afinal vive esse que vocês chamam de *Teosí*?". Respondiam: "Mora para além do céu. Está construindo lá nossas casas. É por isso que ainda não veio nos buscar em pessoa. Mas já nos enviou seu filho, *Sesusi*, para lavar a sujeira de nosso peito com seu sangue. É com *Teosí* que iremos viver para sempre após a morte. Não morremos de verdade!". Ouvindo isso, dizíamos a nós mesmos: "Está bem! Vamos imitar *Teosí*, como fazem os brancos. Assim nosso peito permanecerá limpo. E, quando desaparecermos, iremos morar com ele!". Os missionários nos falavam de *Teosí*, mostrando-nos imagens, dizendo: "Estas são as palavras da Bíblia!".<sup>20</sup> Então, pensávamos: "Talvez as coisas tenham acontecido como alegam. Estariam dizendo a verdade aqueles forasteiros? Talvez as palavras de *Teosí* sejam mesmo verdadeiras!". Era assim que conseguiam nos enganar. Suas palavras desencaminhavam nosso pensamento e nos deixavam preocupados. Uma vez reunidos, depois de termos cantado e escutado os brancos, tentávamos falar com *Teosí* um de cada vez, como eles. Todo mundo tinha de fazer isso! Os homens e as mulheres, tanto os jovens quanto os mais velhos. Primeiro fechávamos os olhos, com a cabeça entre as mãos.<sup>21</sup> Então, falávamos em voz alta, sem medo. Quando queríamos sucesso na caça, dizíamos: "Pai *Teosí*, você é bom. Só você

é generoso. Quero ir caçar hoje. Proteja-me das cobras. Torne suas presas inofensivas, Faça com que fujam quando eu me aproximar. Proteja-me das formigas *xiho*. Tire a dor da picada delas. Foi você que criou os animais de caça. Ponha-os no meu caminho na floresta. Todos temos fome de carne. Faça com que eu encontre uma anta. Vou flechá-la e lhe direi obrigado. Iremos comê-la todos juntos. Ficaremos de barriga cheia e felizes. E se eu comer anta demais, proteja-me da diarreia. Se não, envie-me macacos guaribas e mutuns. Irei flechá-los também. Mostre-me um jacaré, para que eu o golpeie. Torne-o covarde, para que não me morda caso eu pise nele por descuido. Ou então faça com que eu descubra pelo menos um jabuti no chão da floresta. Eu falarei 'obrigado'! Faça isso e poderemos achar que você é realmente bom!".<sup>22</sup>

Os adultos também falavam com *Teosi* a respeito das mulheres. Diziam: "Pai *Teosi*, você é bom. Sou feliz graças a você. Nenhum outro é tão grande. Expulse *Satanasi* para longe de mim quando ele me faz olhar para a mulher de outro. Impeça-me de escutá-lo quando me diz: 'Olhe aquela mocinha, é tão bonita, coma a vulva dela!'. Faça-me copular apenas com minha esposa. Basta querermos fazer amizade com uma mulher, *Satanasi* nos torna lúbricos. É mau! Só você pode fazê-lo recuar. Você tem de me fazer forte!". Os xamãs também pediam a *Teosi* para lavar-lhes o peito: "Pai *Teosi*, meu peito está sujo. Lave-o com o sangue de *Sesusi*. Quando os espíritos *xapiri* se aproximarem de mim, expulse-os, mande-os de volta para de onde vieram. É *Satanasi* que os conduz e me manda fazê-los dançar. *Teosi*, quero fazer descer os seus espíritos em lugar deles. Você, que criou os anjos, envie-os para mim! Só eles são realmente belos e poderosos".

Também costumávamos cantar: "Pai *Teosi*! Amamos seu filho *Sesusi*. Quando ele descer do céu, seguiremos seu caminho. Iremos viver com ele na sua floresta, onde não há feiticeiros inimigos, nem cobras, nem espinhos, nem formigas *kaxi*. Cá embaixo, a floresta é hostil. Por isso queremos nos juntar a você. Assim, não passaremos mais fome, pois na sua casa há pão e café em abundância. Seremos felizes, comeremos à vontade. Nosso pai *Teosi* é generoso. Sua floresta é magnífica. Vou para junto de *Teosi*! Na casa dele, não mais farei o mal. Não comerei a vulva de nenhuma mulher que não seja minha esposa. Junto dele, não ficarei mais doente e não morrerei nunca! Tenho medo de queimar no fogo de *Xupari* com *Satanasi*. Apenas os que ignoram a palavra de *Teosi* nele perecerão. Eu chegarei à floresta de *Teosi*! *Teosi* é muito poderoso



so. Não temo mais os feiticeiros inimigos. *Teosi* sabe tornar seus malefícios inofensivos. Por mais que tentem soprar em mim com suas zarabatanas, não conseguirão mais me matar. Joguei meus temores para longe de mim. Viverei com meu pai *Teosi*. Seguirei *Sesusi*!”.

Essas palavras de *Teosi* são palavras de outra gente. Não são as de nossos antepassados. Apesar disso, naquele tempo, nos esforçávamos por repeti-las sem parar na companhia dos brancos. Às vezes, alguns de nós começavam a rir às escondidas quando alguém enrolava a língua e os imitava desajeitadamente. Eu mesmo zombei assim dos outros muitas vezes! Mas dentro de mim, pensava: “Devemos dar dó de ver! Fechamos os olhos para falar com *Teosi* e não vemos nada. Dirigimo-nos a ele sem nem ao menos saber quem ele é!”. É verdade, cada um de nós tentava, no fundo do peito, se dirigir a *Teosi*. Mas por mais que nossos ouvidos estivessem atentos, não ouviamos nunca suas palavras. Por isso, naquela época, eu costumava me perguntar: “Com que se parece a voz de *Teosi*? Será que um dia vai finalmente responder?”.

Algum tempo depois de ter se instalado em Toototobi, a gente de *Teosi* pediu a todos os homens adultos para se reunirem. Então declarou, sem muita explicação: “É preciso que vocês abram uma longa clareira, que será um caminho de avião. Outros brancos que, como nós, possuem as palavras de *Teosi* logo descerão nele!”. Nossos antigos então obedeceram, e começaram a trabalhar sob a direção de um novo missionário que acabara de chegar, um brasileiro que se chamava Chico. Os demais eram gente *merikano*.<sup>23</sup> Nossos pais trabalharam duro mesmo para abrir a pista!<sup>24</sup> Por mais que fossem resistentes no trabalho, dava dó de vê-los derrubando grandes árvores a machadadas, sob o sol escaldante, dias a fio. Chico era muito agressivo. Repisava as palavras de *Teosi* e só interrompia para dar ordens. Assim que um homem parava para descansar um pouco, ele gritava, com raiva: “Volte ao trabalho! Não fique sem fazer nada! Se você não trabalhar, não vai receber nada!”. Era muito penoso. Havia muitas grandes árvores *komatima hi* no lugar que os brancos tinham escolhido para fazer descer seu avião, e o caminho que haviam traçado na floresta era deveras longo. Muitos de nossos antigos chegaram até a se perguntar se não era um lugar para acolher a descida de *Teosi*! Queriam tanto vê-lo com os próprios olhos! Então, trabalharam sem descanso e sem reclamar. Mas os missionários

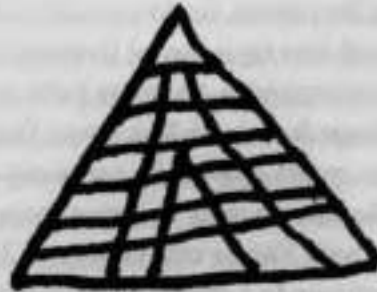
não tinham dito isso, embora não parassem de repetir que um dia *Teosi* baixaria das alturas do céu. Diziam: "*Teosi* logo virá nos buscar. Quando ele chegar, vocês ouvirão o som de uma flauta vindo das nuvens. Por enquanto, ele ainda está preparando nossas casas e mantimentos para nos receber no céu. É preciso aguardar! Ele tem muito trabalho, pois nós, gente de *Teosi*, somos muito numerosos!". Então, nossos antigos pensavam que talvez aquelas palavras fossem verdadeiras. Ficavam pensativos, indagando-se: "*Teosi* vai mesmo descer até nós? Será logo ou daqui a muito tempo?". Assim, no dia em que o primeiro avião da gente de *Teosi* se aproximou no céu, todos se reuniram, temerosos, atrás dos missionários, para vê-lo descer na nova pista de pouso. Eles tinham muito medo, como no tempo dos aviões da Comissão de Limites, bem antes disso. É verdade. Nossos maiores ainda não conheciam muito bem os brancos. Tinham se deixado enganar pelas repetidas palavras dos missionários sobre a vinda de *Teosi*. Que nunca tinham explicado para que servia aquele caminho de avião. Jamais perguntaram a opinião dos nossos. Tinham apenas prometido presentes, para que parassem de ter medo e trabalhassem.<sup>25</sup>

Foi Chico, o brasileiro, que começou a nos fazer duvidar das palavras daqueles brancos. Tínhamos curiosidade, e fazíamos a ele muitas perguntas a respeito de *Teosi*: "Que aparência tem ele? Como é o som de sua voz? Como ele fala?". A todas as perguntas Chico se limitava a responder sempre a mesma coisa: "*Teosi* é Tupã, o Trovão!"<sup>26</sup> Isso nos irritava, pois era uma mentira descarada. Sabíamos muito bem que no primeiro tempo a voz sonora de Trovão tinha exasperado nossos ancestrais, que por fim o flecharam e devoraram!<sup>27</sup> Chico se enfurecia com facilidade e falava muito mal conosco. Às vezes, também tentava nos assustar. Como na vez em que ficou furioso porque crianças tinham surrupiado melancias que ele tinha plantado ao longo da pista do avião. Para desencorajar os pequenos, plantou uma estaca na frente de sua plantação e amarrou nela uma espingarda, com o gatilho amarrado a um cipó. E declarou a todos que a arma abriria fogo sobre qualquer um que se aproximasse de suas melancias. Noutra ocasião, mandou-nos segui-lo até sua roça de milho. Então, começou a despejar nervosamente um pó branco sobre as espigas das plantas. Devia ser pó para matar mosquitos e baratas. Depois, ameaçou-nos de novo: "Agora, se vocês continuarem a roubar meu milho, vão morrer!". Na mesma

época ele também gritou, cheio de raiva, com um xamã que recusava as palavras de *Teosi*: "Vou matá-lo e beber seu sangue! Gosto de beber sangue de Yanomami!". Mas a bravata, longe de assustar o rapaz, apenas enfureceu a ele e aos seus.<sup>26</sup> Os irmãos dele logo vieram acudi-lo e enfrentaram Chico, gritando tanto quanto ele. E depois o advertiram: "Se você diz possuir as palavras de *Teosi*, não se dirija a nós com palavras tão más. É pecado! E da próxima vez que você ameaçar matar um dos nossos, não hesitaremos em flechá-lo como a um inimigo!".

Certo dia, um grupo de caçadores foi pedir cartuchos a Chico. De má vontade, ele concordou em lhes dar alguns, antes de esconder o restante. Tamanha sovínice irritou os homens, pois os missionários, no tempo de suas primeiras visitas, sempre tinham se mostrado generosos para conquistar sua amizade. Então resolveram esperar que Chico estivesse de costas para surrupiar o resto da munição. Quando ele se deu conta, ficou furioso de novo e começou a berrar: "Vocês todos são maus! Quero que morram!". Diante de tanta raiva, meu padraço decidiu recuperar o que restava dos cartuchos junto aos caçadores. Devolveu-os ao Chico, que acabou se acalmando. Em seguida, passaram-se várias luas, e a história já tinha quase sido esquecida. Porém, de súbito, ficamos todos doentes, abalados por uma violenta epidemia de sarampo.<sup>27</sup> Sem demora vários dos nossos morreram, mais uma vez. Então, Chico foi embora depressa, para trabalhar em Surucucus, uma outra missão do pessoal de *Teosi*, nas terras altas.<sup>28</sup> Desesperados e furiosos devido a todas aquelas mortes, tão pouco tempo depois das de *Marakana*, os poucos adultos mais velhos sobreviventes quiseram se vingar. Tinham certeza de que Chico tinha feito queimar uma fumaça de epidemia para puni-los pelo roubo dos cartuchos. Achavam que tinha fugido de repente por estar em estado de homicida *ónokae* e ter medo de os sobreviventes quererem flechá-lo. E era mesmo o caso! Mas nenhum daqueles guerreiros jamais tinha matado um branco. Só sabiam flechar seus inimigos na floresta. Hesitaram, e o tempo foi passando. Acabaram desistindo da vingança. Chico deve a isso o fato de estar ainda vivo.

Conhecíamos pouco os brancos naquele tempo, como eu disse. Ainda os temíamos muito. Eles, em compensação, não tinham medo de nós. Com certeza nos achavam bastante dóceis. Deviam mesmo pensar que éramos covardes! Por isso nos tratavam sem cuidado. Naquela época, antes da epidemia, havia



dois americanos na missão. O que chamávamos de Kixi se enfurecia muito rápido, como Chico.<sup>31</sup> Ralhava conosco o tempo todo, repetindo: "Vocês estão sendo enganados por *Satanasi*! É por causa dele que vocês são ladrões! Vocês pertencem a ele e vão todos arder no fogo de *Xupari*!". Toda essa raiva cessou, porém, de repente, num dia em que meu padrasto quase o matou. Exasperado por tantas más palavras de raiva, acabou por golpeá-lo. O missionário ficou com muito medo e, depois disso, parou de falar conosco daquele jeito ruim. Isso aconteceu no começo, quando ainda aceitávamos as palavras de *Teosi*. O filho mais velho de meu padrasto era ainda criancinha.<sup>32</sup> Divertia-se flechando lagartos e passarinhos nas imediações da missão. De repente, uma de suas flechinhas *rihu masi*<sup>33</sup> foi se fincar no telhado de palha da habitação de um dos brancos. Para recuperá-la, ele foi buscar uma estaca e encostou-a na parede da casa. Subiu por ela com cuidado. Quando chegou em cima do telhado, tentou diversas vezes alcançar a flechinha com a ponta de seu arco, para trazê-la para junto de si. O missionário, que estava chegando, o viu. Achou que tentava entrar em sua casa afastando as palmas do telhado. Correu na direção dele aos berros, e o mandou descer. O menino, assustado, obedeceu, mas nem bem tocou no solo o homem começou a surrá-lo com um pedaço de pau chato que tinha pegado no chão.

Não longe dali, perto do rio, meu padrasto e outros homens preparavam a argila para as paredes de uma nova casa da gente de *Teosi*. Uma de suas filhas apareceu de repente, correu até ele e lhe contou, exaltada, o ocorrido: "O branco acabou de bater no meu irmãozinho! A boca dele está sangrando!". Ao ouvir essas palavras, meu padrasto saiu correndo em direção à missão. Assim que viu o sangue de seu filho pequeno, foi tomado de raiva. Lançou-se imediatamente sobre o missionário, brandindo sua enxada. Ele era muito valente, e

as palavras de *Teosi* não lhe tinham tirado a coragem! O branco, apavorado, tentou acalmá-lo: "Espere! Não fique bravo! Devemos conversar juntos com *Teosi*". Meu padrasto não respondeu. Só tentou bater com a enxada na cabeça dele! Mas ainda estava longe demais, e não acertou. Tentou então atingi-lo de novo, mas o missionário, muito apavorado, conseguiu se esquivar do golpe, repetindo sem parar: "Não bata em mim! Devemos conversar juntos com *Teosi*! Vamos conversar com *Teosi*! Vamos conversar com *Teosi*!". Meu padrasto, ainda enfurecido, acabou jogando a enxada no chão e começou a socar o rosto do missionário com o punho direito. Este tentou se defender. Mas depois de receber um soco muito forte no nariz, não foi mais capaz de resistir ao ímpeto do adversário. A mulher e a filha dele tentaram segurar meu padrasto. Seu filho pequeno tentava bater-lhe nas costas. Em vão. Ele os empurrou para longe, um após o outro. No final, estavam todos aos prantos, amedrontados e sem poder fazer nada. O missionário continuava de pé, em estado de fantasma, e ia desabando aos poucos, gemendo a cada golpe, sem reagir. Por fim, meu padrasto apanhou um pau para acabar com ele, mas a esposa do branco se agarrou à arma desesperadamente, para impedi-lo. Foi nesse momento que Chico chegou. Voltava de uma visita rio acima, à gente de *Sina I'a*. Quando viu Kixi prestes a desabar e meu padrasto brandindo sua borduna, jogou a mochila e disparou em direção a eles. Segurou meu padrasto pela cintura e gritou: "Não faça isso! Pare! Pare de bater nele! É seu amigo!". Foi assim que finalmente conseguiu conter a raiva dele. Kixi estava em péssimo estado, coberto de sangue e atordoado pelos socos. Tinha escapado da morte por pouco! Sua mulher o arrastou em seguida para dentro de casa, para tratar dele. Lá permaneceram trancados o restante do dia. No dia seguinte, o branco reapareceu, com o rosto inchado e vários dentes quebrados. Logo depois foi a Manaus para colocar outros novinhos.

A epidemia de sarampo nos atingiu na missão algum tempo depois do roubo dos cartuchos de Chico e de meu padrasto ter surrado o missionário. Um avião chegou. Kixi estava voltando de Manaus com a família. Sua filha pequena tinha pegado a doença lá sem ele saber. Só percebeu após chegarem à nossa floresta.<sup>34</sup> Foi o que ele nos disse depois. Mas quem sabe ele também desejou nossa morte, como o Chico? Ele devia estar mesmo furioso depois do que o

meu padrasto havia feito com ele! Vários de nós pensamos, então, que ele poderia ter trazido uma fumaça de epidemia dentro de uma caixa de ferro e poderia tê-la aberto entre nós para se vingar. Mas ninguém viu nada explodir como no tempo de Oswaldo, em *Marakana*.<sup>35</sup> Não sei! É também verdade que Kixi nos alertou a respeito da doença da filha. Assim que percebeu que ela estava com febre, começou a nos dizer: "Não se aproximem mais de minha filha! Fiquem longe dela! Ela está doente, tem sarampo! Vai contaminar todos vocês! Vocês vão morrer!". Mas já era tarde demais. Alguns de nós a tinham carregado no colo, outros tinham brincado com ela. Chico, em compensação, nunca disse uma palavra sequer. Jamais tentou nos avisar. É também por esse motivo que, mais tarde, os sobreviventes da epidemia quiseram flechá-lo.

Essa epidemia começou a nos devorar durante uma festa *reahu*. Nossos antigos tinham chamado à nossa casa de Toototobi gente de *Warëpi u*, que vivia rio acima, nas terras altas. Eles não tinham mandioca suficiente em suas roças para a festa que pretendiam dar. Meu padrasto os tinha convidado para se servirem das roças dele. Tinha também proposto que viessem caçar conosco, para juntar a carne necessária.<sup>36</sup> De modo que, assim que os visitantes chegaram, todos os homens da casa partiram para uma caçada de vários dias. Mas os caçadores acabaram voltando muito mais cedo do que o previsto. Só tinham flechado duas antas. Na mata, vários deles tinham começado a arder em febre. O mesmo acontecia em nossa casa. Foi assim que a doença começou a escurecer nossos pensamentos.

Apesar disso, os preparativos para a festa prosseguiram durante alguns dias. Um grupo de mulheres foi para as roças colher mandioca. Descascaram-nas e as empilharam num lado da praça central e depois cobriram com folhas de bananeira. No dia seguinte, começaram a ralar a mandioca para preparar a farinha dos beijos a serem servidos como acompanhamento da carne moqueada. A essa altura, a febre já tinha atingido a maior parte das pessoas da casa. No dia seguinte, só havia um punhado de mulheres que ainda tinham forças para assar os beijos. Muitos pensaram que podia ser uma simples doença da tosse e não se preocuparam muito. Mas estavam enganados. Era sarampo mesmo, que é muito mais perigoso para nós. Nós o chamamos *sarapo a wai*.<sup>37</sup> Quase todos foram contaminados em pouco tempo, tanto os nossos quanto os convidados de *Warëpi u*. Logo depois a doença se espalhou para *Sinu t'u*. Então, mais uma vez, como tinha acontecido em *Marakana*, as pessoas começaram a morrer

uma atrás da outra, dentro de casa e na floresta; tanto crianças quanto adultos, homens e mulheres. A pele deles ficava coberta de placas avermelhadas, e eles ficavam se arranhando, tentando acalmar a coceira, já em carne viva. Perdiam todo o cabelo e o rosto ficava inchado. Eram tomados por uma tosse forte e constante; ardiam em febre.

No começo da epidemia, o missionário mandou os que ainda não tinham sido atingidos cortar lenha em grande quantidade, para aquecer os doentes. Assim, com os demais adolescentes ainda saudáveis, passei meu tempo rachando a machadadas troncos de árvores mortas nas roças. Porém, logo fui eu mesmo pego pela doença. Aquela epidemia *xawara* era muito voraz mesmo! Tinha muita fome de carne humana e quase me matou também. Fiquei tão mal que acabei perdendo a consciência. Virei fantasma e a febre me queimava por toda parte. Comecei a ver em sonho o pelto do céu desabando sobre a terra.<sup>39</sup> Os xamãs de nossa casa trabalhavam freneticamente para segurá-lo. Mas nada adiantava. O céu balançava com estrondo e continuava rachando e se desmanchando de ponta a ponta. Pedacos enormes se soltavam com estalos ensurdecedores. Depois caíam devagar sobre mim, brilhando num clarão ofuscante. Todos os moradores de nossa casa choravam e até os xamãs gritavam de medo. Eu tinha certeza de que o céu estava desabando sobre a floresta e iria esmagar todos os humanos. Comecei também eu a berrar de pavor. Mas, de repente, voltei a mim. Então, mais calmo, exclamei em voz alta: "Que pavor! Acabo de ver o céu quebrando e caindo sobre nós!". Fiquei de fato muito doente naquela epidemia! Apesar disso, no final consegui escapar da morte. O pessoal de *Teosi* chamou seu avião com um médico e remédios para cuidar de nós.<sup>40</sup> Foi desse modo que minha irmã mais velha e eu conseguimos sarar. Meu padrasto também sobreviveu, embora tenha realmente chegado a agonizar. Todos os nossos parentes já estavam aos prantos em torno dele e tinham preparado um saco de folhas e estacas, para colocar seu cadáver na floresta.<sup>41</sup> Foi o que aconteceu. Eu ainda não conhecia bem os *xapiri* naquela época, mas penso que devem ter me protegido mesmo assim.<sup>42</sup> É certamente graças a eles que ainda estou aqui para contar esta história e é também por isso que, mais tarde, me tornei xamã.

Meu tio,<sup>42</sup> de quem eu gostava muito, foi o primeiro a adoecer em Toototobí, antes de a epidemia se espalhar por toda a nossa casa. O missionário o

tinha advertido de que a filha estava doente. Mas ele não lhe deu ouvidos e se aproximou dela para lhe falar com carinho. Assim, foi ele o primeiro contaminado. Depois morreu muito depressa, antes de todos os outros. Ficou tão doente que já tinha virado fantasma. Os xamãs fizeram de tudo para tentar curá-lo. Mas suas mãos tiveram de desistir, e não conseguiram proteger a imagem dele. Enquanto trabalhavam, tentei me aproximar dele várias vezes, porque estava muito aflito com sua doença. Mas os outros adultos me impediram. De modo que eu nunca mais o vi. Só escutei, de longe, a notícia de sua morte. A partir de então, me senti realmente só. Esse tio era muito afetuoso comigo e me protegia. Carregava-me no colo e costumava me dar comida. A morte dele me deixou muito triste mesmo. Eu não parava mais de chorar. Os homens mais velhos da nossa casa acharam, no começo, que feiticeiros inimigos do alto rio Mucajá, descendentes da gente de *Amikoapë*, tinham soprado nele póis maléficos, antes de lhe quebrarem os ossos.<sup>49</sup> Mas não era isso. Logo depois de seu fantasma ter ido para as costas do céu, outras pessoas da aldeia foram ficando doentes e morreram do mesmo modo que ele. Foi mesmo a epidemia *xawara* que o matou. É por isso que, se eu fosse adulto, acho que teria flechado o missionário para vingar a morte dele. Mas eu não passava de um menino e tinha muito medo dos brancos. Mais tarde, enquanto crescia, nunca deixei de pensar nesse tio. Ele tinha me feito refletir, dizendo: "Quando eu morrer, você deve ir embora para junto dos brancos. Não fique nesta casa, ninguém mais aqui será seu amigo de verdade. São gente outra!". Sempre guardei essas palavras comigo. Foi lembrando delas que, mais tarde, já adolescente, deixei minha aldeia de Toototobi e descí o rio, para trabalhar no posto de Ajuricaba.

Depois de meu tio, foi minha mãe que a epidemia devorou. Começou a arder em febre. Ainda era jovem e muito forte. No entanto, morreu em alguns dias. Aconteceu tão de repente que nem pude cuidar dela. Eu mesmo estava em estado de fantasma, e não a vi morrer. Ainda hoje me recordo disso com uma grande dor. Os missionários, poupados por sua própria epidemia, puseram minha mãe na terra à minha revelia, em algum lugar perto da missão Toototobi. Minha irmã mais velha e nossos demais parentes também estavam muito doentes. Meu padrasto agonizava. Nenhum de nós pôde impedi-los. Enterraram do mesmo modo muitos dos nossos. Eu soube disso bem mais tarde, depois de ficar curado. Mas nunca consegui saber onde minha mãe tinha sido sepultada. O pessoal de *Teosi* nunca disse, para nos impedir de recuperar



as ossadas. Por causa deles, nunca pude chorar minha mãe como faziam nossos antigos. Isso é uma coisa muito ruim.<sup>44</sup> Causou-me um sofrimento muito profundo, e a raiva dessa morte fica em mim desde então. Foi endurecendo com o tempo, e só terá fim quando eu mesmo acabar.

Após a morte, nosso fantasma não vai viver junto de *Teosi*, como dizem os missionários. Ele se separa de nossa pele e vai morar noutra lugar, longe dos brancos. Nossos defuntos moram nas costas do céu, onde a floresta é bela e rica em caça. Suas casas lá são muitas e suas festas *reahu* nunca param. Vivem felizes, sem dores nem doenças. Vistos de lá de cima, somos nós que causamos dó! Os mortos ficam tristes por nos terem abandonado na terra, sozinhos, com fome e ameaçados pelos seres maléficos. Por isso minha mágoa é um pouco aplacada quando penso que minha mãe vive feliz na floresta dos fantasmas, na companhia de todos os nossos parentes falecidos. É verdade. Somos nós, os poucos humanos que sobraram, que ficamos sofrendo na floresta, longe de nossos mortos.

Durante essa nova epidemia, os missionários nunca desistiram de nos falar de *Teosi*. Ao contrário, impediram os xamãs ainda saudáveis de nos tratar! Ficavam repetindo: "Não façam descer seus espíritos; eles pertencem a *Satana-si*! É *Teosi* que, ao contrário, vai curar os doentes. E os que morrerem voltarão a viver junto dele. Serão felizes lá! Não se preocupem!". Receosos, os xamãs obedeceram e não fizeram nada. Não combateram os espíritos da epidemia. Não tentaram vingar seus próximos que estavam agonizando. Muitos dos doentes ficaram apavorados diante desse abandono e, com certeza, morreram por esse motivo. Assim penso eu. Dessa vez, a maioria dos poucos adultos que tinham escapado da epidemia de *Marakana* morreu. Esses antigos tinham sabedoria e cuidavam de nós. De repente, já não estavam mais entre nós. Quando volto a pensar naquele tempo, fico mudo e recolhido na minha rede. Tudo isso me atormenta e eu jamais pude esquecer. Meus pensamentos vão seguindo um ao outro melancolicamente, sem parar. Então, para tentar acalmá-los, digo a mim mesmo que aqueles que fizeram desaparecer nossos maiores um dia perecerão por sua vez, causando a mesma tristeza entre seus próximos.

Todas essas mortes, juntando-se às de *Marakana*, encheram de angústia e raiva o peito dos sobreviventes.<sup>45</sup> Começaram a falar duro com os missioná-

rios: "Vocês pretendem que *Teosi* cuida de nós. Vocês nos deram o nome dele e, no final, são vocês que nos fazem morrer! Não queremos mais escutar suas palavras! *Teosi* não afastou o mal para longe de nós! Ao contrário, deixou-nos ser devorados pela epidemia de vocês!". Estávamos todos desamparados e furiosos. Foi preciso muito tempo antes de nossos pensamentos conseguirem se acalmar. Os brancos da missão não reagiram à nossa raiva. Apenas repetiam: "Foi *Teosi* que os protegeu! Foi ele que os curou! Falamos com ele o tempo todo! Ele estava do seu lado e é todo-poderoso! Foi ele que fez fugir a epidemia *xawara*. Levou os mortos de vocês para a casa dele. Não fiquem tristes, estão vivendo felizes com ele!".<sup>46</sup> Lembro-me muito bem de tudo isso. Naquela época, eu era rapaz e os missionários queriam muito me convencer. Não paravam de me dizer a mesma coisa: "Escute! Você tem de aceitar *Teosi* e as palavras dele, pois se morrer irá para o céu, e ele cuidará de você!".

Então, depois de todo aquele sofrimento, e diante da insistência dos brancos, voltamos a pensar que talvez o que diziam de *Teosi* fosse verdade. Voltamos, afinal, a ter medo deles como antes, deles e daquele cujo nome invocavam a torto e a direito. Dizíamos a nós mesmos: "Talvez *Teosi* quisesse mesmo que os nossos se juntassem aos fantasmas dos antepassados nas costas do céu? Talvez ele logo desça na floresta para que morramos todos também e nos leve consigo? Será que não deveríamos aceitar suas palavras, para evitar sua raiva e nunca queimar na fogueira de *Xupari*?". Nosso pensamento estava na dúvida e, assim, passamos a escutar com temor e docilidade os discursos dos missionários outra vez.<sup>47</sup> Pouco depois, meu padrasto aceitou até ser mergulhado por eles no rio Toototobi, para ser batizado.<sup>48</sup> Depois todos seguiram seu exemplo e quiseram voltar a ser crentes.<sup>49</sup>

Chico, que tinha deixado Toototobi logo depois da epidemia, voltou então para a missão.<sup>50</sup> Dizia-se homem de *Teosi*, mas era muito diferente dos demais missionários. Não tinha esposa nem filhos. Vivia só e, com o passar do tempo, deve ter pensado: "Por que não arranjo uma mulher yanomami?". Ele empregava uma mocinha para cuidar de sua casa, lavar sua roupa e sua louça. Era uma *moko*, uma menina nova com os seios ainda duros e pontudos. Era muito bonita e ele se pôs a desejá-la. Sempre dava a ela alimentos e roupas.<sup>51</sup> Estava gostando dela e começou a comer sua vulva. Passado algum tempo, quis tomá-

-la por esposa de verdade. Resolveu pedi-la ao meu padrasto sem contar aos outros missionários. Disse a ele: "Vivo sozinho há muito tempo e quero que essa moça seja minha! Eu também preciso de uma esposa!". Pergunto-me por quê, mas meu padrasto acabou se deixando convencer. Por fim, concordou em dá-la a ele. Acho que deve ter pensado que, se recusasse, Chico poderia ficar furioso e querer se vingar com uma nova fumaça de epidemia, como Oswaldo tinha feito em *Marakana*! Eu fiquei muito desgostoso com tudo aquilo. A moça era parente minha e todos sabiam que Chico já tinha engravidado uma jovem mulher casada na aldeia. Enfurecia-me o fato de ele, mesmo assim, continuar pretendendo fazer parte da gente de *Teosi*! Tudo isso era muito ruim. Desde que chegara à missão, Chico não parava de nos dizer: "Não cobicem a mulher dos outros, não as chamem para copular na floresta! É pecado!". Ele nos tinha enganado bem com todas as suas mentiras!

Por causa disso, o pessoal de Toototobi ficou novamente com raiva. Começaram a enfrentá-lo sem medo: "Como é que você pode imitar as palavras de *Teosi* e cometer você mesmo os pecados de que fala? Então você mentiu para nós!". Chico respondia, irritado: "Não estou cometendo pecado, quero me casar com ela. Não desejo a mulher de outro. Sempre obedeço *Teosi*!". Mas nossos antigos retorquiam: "Mentira! Vá pedir uma esposa à sua gente, em Manaus. As mulheres dos brancos são muitas! Se você se casar com uma mulher da sua terra e imitar *Teosi* com retidão, nós o seguiremos! Mas se continuar assim querendo copular com nossas meninas, uma depois da outra, é porque está nos enganando! Você é mau! Se fosse mesmo filho de *Teosi*, ficaria sem mulher em vez de comer a vulva de nossas filhas e esposas! Você costuma dizer que somos falsos e você nos imita! É porque suas palavras de *Teosi* são mentiras e seu pensamento está cheio de esquecimento!".

Nossos antigos achavam que, se os brancos eram portadores das palavras de *Teosi* como afirmavam, não podiam tocar em nossas mulheres. Caso o fizessem, significaria que eram mentirosos e que *Teosi* não existia. Depois da epidemia, estavam todos abalados pela lembrança de seus mortos e atormentados pelas palavras dos missionários. O comportamento de Chico deixou-os mais confusos e furiosos. Perderam então toda a vontade de imitar aqueles brancos que, afinal, não lhes pareciam ser mais do que impostores. Voltaram a se mostrar negligentes em relação às palavras de *Teosi*. Alguns de nós ainda as escutavam de tempos em tempos, é verdade. Porém, aos poucos, todos foram

perdendo o interesse por elas. Os missionários ainda tentavam nos falar o quanto podiam de *Sesusi* e do pecado. Mas nossos ouvidos tinham ficado surdos. Chico continuava repetindo suas ameaças: "Se *Teosi* não estiver no pensamento de vocês e se vocês não o amarem, ele os fará morrer!". Mas ele tinha feito coisas ruins demais em Toototobi. Até os outros brancos acabaram percebendo! O chefe do pessoal de *Teosi* mandou-o de volta para Manaus, onde ele, por fim, deixou de ser missionário.<sup>52</sup> Nós também terminamos com as palavras de *Teosi*.<sup>53</sup> As enganações de Chico nos tinham feito refletir e jogamos fora todas aquelas palavras de mentira e medo.



Naquela época, meu padrasto chegou até a ameaçar o pessoal de *Teosi* com sua espingarda! Isso aconteceu porque um xamã reputado, que ele chamava de cunhado, morreu de repente durante uma visita à nossa aldeia. Era um grande homem, vindo de uma casa das nascentes do Orinoco chamada *Maamapi*. Era um grande amigo dele. Certo dia, ele estava limpando o caminho do avião da missão, a pedido dos brancos. Começou a sentir uma dor aguda no ventre. Teria sido flechado pelos *xapiri* de um xamã inimigo? Caçadores distantes teriam ferido seu duplo animal? Não sei. A doença não durou muito. Seu estado logo piorou e ele começou a sentir dores atrozes. No entanto, nenhum de nossos xamãs tentou arrancar de sua imagem as pontas de flecha que tanto o atormentavam. Nem meu padrasto nem nenhum dos outros. Eles já não ousavam chamar seus *xapiri* para curar. Tinham-nos rejeitado e não bebiam mais *yákoana* para alimentá-los e fazê-los dançar. Temiam as reprimendas dos brancos e só se dirigiam a *Teosi*.

Meu padrasto, que então ainda era crente, tentou curar o visitante com as

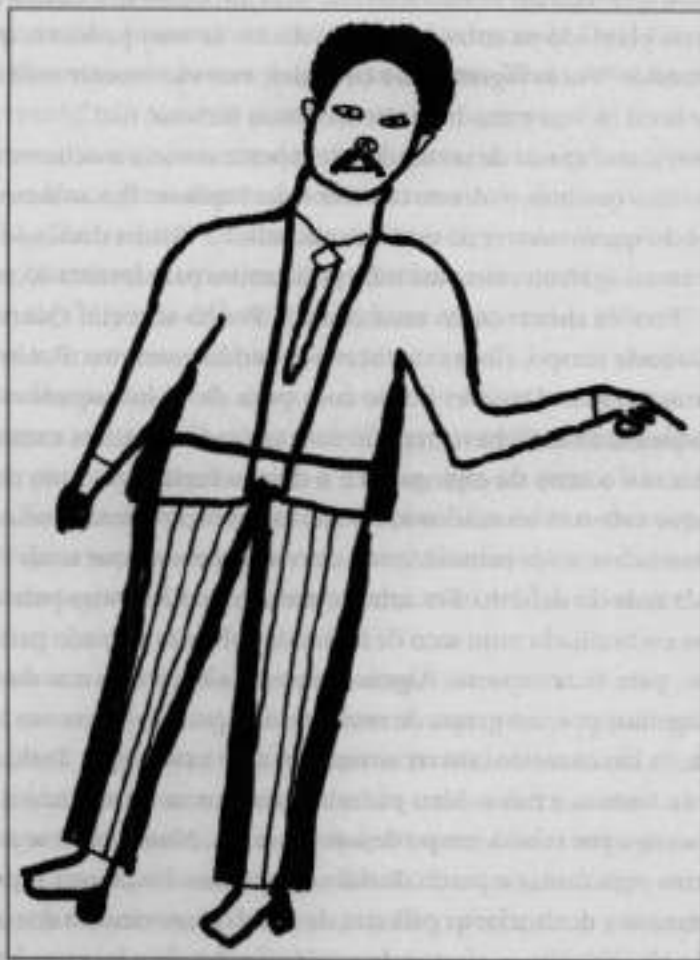
palavras que tinha recebido dos missionários. Pediu a *Teosi* que deixasse viver seu amigo: "*Teosi*, eu o chamo de Pai. Trago-o em meu pensamento. Você é bom. Só você pode nos curar. Foi você que criou a floresta e o céu. Só você é tão poderoso. Os *xapiri* são fracos. Meu cunhado está agonizando. Tire a dor de seu ventre. Se ele ficar curado, lhe agradecerei. Se voltar à vida como *Sesusi*, ficarei satisfeito com você. Se morrer, ficarei muito triste. E então pensarei, enfurecido, que suas palavras são apenas mentiras!". Passou uma noite inteira ajoelhado junto ao doente, que se contorcia de dor. Manteve a cabeça baixa, o rosto entre as mãos. Imitava com obstinação as palavras de *Teosi*. Dava mesmo dó de ver! O amigo não parava de gemer e repetia: "Dói muito! Eu vou morrer!". De repente, não se ouviu mais sua voz. Parou de respirar. Então, todas as pessoas da casa se aproximaram de sua rede para dar início às lamentações de luto. Meu padrasto permaneceu agachado com a mãe do morto, uma mulher muito velha. Chorou com ela durante muito tempo antes de a dor de seu sofrimento se transformar em raiva. Então, declarou diante de todos os que choravam com ele: "A partir de hoje, não imitarei mais à toa as palavras de *Teosi*, que deixou morrer meu cunhado sem fazer nada!". Era de manhã cedo. O defunto ainda estava na rede. Meu padrasto foi à floresta, nas proximidades, para preparar a armação de estacas sobre a qual o cadáver seria colocado. Depois voltou para casa atravessando a missão, que era perto. Viu de longe o pessoal de *Teosi* concentrado em suas orações. Um deles o chamou: "Venha conosco! Vamos juntos conversar com *Teosi*! Não fique triste. Ele o protege!". Meu padrasto seguiu adiante sem responder, com o ódio de seu luto cravado no peito.

Foi buscar a espingarda. Depois voltou, com a arma na mão, até a casa onde os brancos estavam reunidos. Estavam cantando as palavras de *Teosi* e insistiram mais uma vez para que viesse se juntar a eles. Ainda mudo, ele se ajoelhou entre eles, com a espingarda. Os cantos deles atiçaram sua fúria. Quando pararam de cantar, disseram que era a vez de ele imitar as palavras de *Teosi*. Meu padrasto permaneceu em silêncio. Escutava, ao longe, os choros de luto que continuavam saindo de nossa casa. De repente, ele se pôs a gritar: "Mã! Não vou mais cantar para *Teosi*! Não quero mais mentir! Ele não faz nada para nos curar! Só os nossos *xapiri* trabalham realmente para nos defender! O *Teosi* de vocês não passa de um preguiçoso. Dei ouvidos a vocês e me dirigi a ele, pois vocês tinham dito para mim que ele sabia curar. Ele não fez nada por

meu cunhado. Agora, acabou! Perdi toda a alegria. Só me resta minha raiva!". Surpresos com o tom exaltado de suas palavras, os missionários o fitaram com olhos amedrontados. Meu padrasto continuou gritando, de pé diante deles, agitando a arma: "Joguei fora as palavras de *Teosi*! Nunca mais vou falar nisso! Não quero mais fazer sofrer os meus com essas mentiras! *Teosi* deixou morrer aquele que estamos chorando. Estou furioso! Agora só tenho uma vontade: matá-los!". Então ele enfiou um cartucho na espingarda e a apontou na direção dos brancos, que fugiram imediatamente. Mas um deles, que chamávamos de Purusi, ficou plantado na entrada da casa, diante de meu padrasto, que continuava gritando: "Vocês fogem como covardes, mas vão morrer assim mesmo! Você, que ficou aí, vou matá-lo primeiro! Estou furioso! *Asi!*".

O americano, apesar de ser adulto, de repente começou a chorar de medo. Achava mesmo que meu padrasto ia atirar nele. Suplicou-lhe, soluçando: "Não me mate! Não quero morrer de uma de suas balas!".<sup>54</sup> Tinha desabado no chão. Meu padrasto o agarrou com uma mão pela camisa para levantá-lo, sem parar de gritar: "Pare de chorar como uma criança! Ponha-se ereto! Quero matá-lo de pé!". Naquele tempo, ele era um bravo e temido guerreiro. Porém, ele não matou o missionário. Deve ter ficado com pena de vê-lo naquele estado. No passado, aquele homem o havia tratado com amizade e lhe dera mercadorias.<sup>55</sup> Por fim, baixou o cano da espingarda e o deixou fugir para junto dos outros brancos, que estavam trancados em outra construção. Então meu padrasto voltou à nossa casa, onde reencontrou o círculo de pessoas que ainda choravam em volta da rede do defunto. Fez um breve discurso *hereamuu* para que o cadáver fosse embrulhado num saco de folhas de palmeira e levado para a floresta ali perto, para ficar exposto. Alguns homens se encarregaram do fardo funerário, seguidos por um grupo de mulheres em prantos. Uma vez cumprida essa tarefa, os lamentos de luto recomeçaram com mais vigor. Todos estavam tomados de tristeza e raiva. Meu padrasto continuou carregando a dor pela morte do amigo por muito tempo depois desse dia. Nunca mais se juntou aos missionários para cantar e parou de dar ouvidos aos discursos e reprimendas deles. Começou a denunciar as palavras de *Teosi* como mentira dos brancos.<sup>56</sup> Mais tarde, ele inclusive se afastou da missão Toototobi e foi viver bem longe, no alto rio *Wanapi u*.

## 12. Virar branco?



*Davi ainda enfrenta alguns problemas mas continua a mostrar progresso espiritual e suas leituras caminham bem.*

The Toototobi gang, 1970b  
New Tribes Mission

Quando eu era criança, os missionários quiseram a todo custo me fazer conhecer *Teosi*. Não esqueço essa época da missão Toototobi. Às vezes me lembro de tudo. Então digo a mim mesmo que *Teosi* talvez exista, como aqueles brancos tanto insistiam. Não sei. Mas, em todo caso, tenho certeza há muito tempo de não querer mais ouvir suas palavras. Os missionários já nos enganaram o suficiente naquele tempo! Cansei de ouvi-los dizer: "Sesusi vai chegar! Vai descer até vocês! Chegará em breve!". Mas o tempo passou e eu ainda não vi nada! Então fiquei farto de escutar essas mentiras. Os xamãs por acaso ficam repetindo essas coisas à toa, sem parar? Não: bebem o pó de *yãkoana* e logo fazem descer a imagem de seus espíritos. E só. Por isso, quando me tornei adulto, decidi fazer dançar os *xapiri* como os antigos faziam no tempo da minha infância. Desde então, só escuto a voz deles. Talvez *Teosi* se vingue de mim e me faça morrer por isso. Pouco importa, não sou branco. Não quero mais saber dele. Ele não é nem um pouco amigo dos habitantes da floresta. Ele não cura nossas crianças. Tampouco defende nossa terra contra os garimpeiros e fazendeiros. Não é ele que nos faz felizes. Suas palavras só conhecem ameaça e medo.

É verdade. Até hoje, a gente de *Teosi* não desistiu de me assustar! Quando os encontro por acaso, continuam me dizendo: "Davi, seu pensamento está escurecido! *Satanasi* se apoderou de você! Se continuar dando ouvido às palavras dele, vai arder no grande fogo de *Xupari!* Pare de responder aos *xapiri*, para que seu pensamento possa se abrir novamente com as palavras de *Teosi!* É ele que vai realmente protegê-lo!". Mas já não sou mais criança, não tenho mais medo de responder a eles: "Já escutei demais suas tapeações, naquele tempo. Basta! Como podem vocês pretender que seu *Teosi* quer nos proteger quando ele fica ameaçando nos jogar numa fogueira? Se pudéssemos vê-lo, talvez teméssemos sua ira a ponto de nos submetermos. Mas só sabemos dele o que vocês dizem e nunca pudemos vê-lo! Então, se vocês querem imitar as palavras dele, façam isso sozinhos, fechados em suas casas. Eu nunca mais quero ouvi-las!". Hoje, essas falas torcidas dos missionários não me inquietam



mais. Após minha morte, os dizeres e cantos da gente de *Teosi* não serão mais nada. Meu fantasma estará feliz nas costas do céu, com os de todos os nossos antigos xamãs mortos. Assim é. Os Yanomami são mais numerosos nas costas do céu do que aqui embaixo, na terra!

As palavras de *Teosi* pertencem aos brancos. Antigamente, eram desconhecidas na floresta. Surgiram entre nós há pouco tempo. Nenhum de nós jamais as havia dito antes de os missionários chegarem com elas. Por isso não as compreendemos realmente. Só conhecemos um pequeno trecho delas, a montante.<sup>1</sup> Porém, nosso pensamento é incapaz de desdobrá-las em todas as direções, como fazemos com as dos *xapiri*. Se continuarmos a ouvi-las e segui-las sem razão, acabaremos esquecendo os dizeres de nossos maiores. Aí, os brancos dirão que somos crentes, mas nosso pensamento terá só ficado tão esquecido quanto o da gente da cidade, que não sabe nada da floresta. Hoje, porém, é o contrário que ocorre. Muito poucos de nós ainda imitam *Teosi*, e os xamãs não temem os missionários como antigamente. Os *xapiri* continuam a nos fazer escutar seus cantos, que são nossa verdadeira língua.

Até hoje, mesmo com a *yákoana*, nunca conseguimos ver dançar a imagem de *Teosi*! Por mais que fechemos os olhos e nos esforcemos muito, como eu cheguei a fazer, é sempre em vão. *Teosi* morreu e seu fantasma desapareceu além do céu. Não é possível vê-lo nem ouvi-lo. No entanto, outrora, quando eu mesmo virei fantasma sob efeito da epidemia *xawara*, vislumbrei um grande pedaço de tecido branco que flutuava no ar, sem pés. Era difícil enxergá-lo com clareza, mas havia em torno dele padres e freiras sentados em volta de uma grande mesa.<sup>2</sup> Então acordei e depois, quando adormeci de novo, nunca mais voltei a vê-lo. Mas talvez a imagem de *Teosi* seja também aquilo que os espíritos chamam de *Wáiwáiri*? É um ser de pele flácida e luminosa que, quando aparece, só fica dançando no mesmo lugar, em tremedeiras moles e assustadoras.<sup>3</sup> Eu nunca o vi, mas o meu sogro me falou dele algumas vezes, quando bebíamos a *yákoana* juntos. Disse-me que essa imagem, que fazia descer de vez em quando, trazia em torno do pescoço um longo tecido coberto de desenhos de escrita pretos e que talvez fosse essa a imagem de *Teosi*.

Meu sogro, como eu disse, é um grande xamã. Nossos antigos abriram eles mesmos os caminhos de seus *xapiri* para ele. Ele morreu várias vezes e seus espíritos sempre o trouxeram de volta à vida. Foi morrendo desse modo que ele também viu *Omama* e *Teosi* se enfrentarem. Contou-me como ambos sur-

giram, juntos, quando a floresta começou a existir. Mas *Teosi* logo ficou furioso contra *Omama*, por achá-lo habilidoso demais. Sua capacidade de criar as coisas da floresta o deixava enciumado. De raiva, acabou matando-o. Então *Omama*, tornado fantasma, vingou-se de *Teosi* e, por sua vez, destruiu-o. Depois disso, o fantasma de *Teosi* foi morar além do céu, acima da terra dos brancos. O de *Omama* permaneceu acima de nossa floresta, próximo dos *xapiri*. Desde então, as imagens dos dois ficaram afastadas uma da outra. Tudo isso aconteceu depois que *Omama* fugiu de nossa floresta em direção a jusante dos rios, onde criou os brancos.<sup>4</sup>

Hoje *Teosi* está morto, tanto quanto *Omama*. Deles só restam os nomes, seus valores de fantasma. A imagem de *Teosi* talvez cuide dos brancos. Eles devem saber. Nós, em todo caso, sabemos muito bem que ela não protege nada os habitantes da floresta! Os missionários costumavam repetir que *Teosi* criou a terra e o céu, as árvores e as montanhas. Mas, para nós, suas palavras só trouxeram para a floresta os espíritos de epidemia que mataram nossos maiores, e todos os seres maléficos que, desde então, nos queimam com suas febres e nos devoram o peito, os olhos e o ventre. É por isso que, para nós, *Teosi* é antes o nome de *Yoasi*, o irmão mau de *Omama*, o que nos ensinou a morrer.<sup>5</sup> *Omama*, por outro lado, criou os *xapiri* para nos vingar das doenças, e a *yákoana* para podermos fazer dançar suas imagens. Quis, com sabedoria, defender os habitantes da floresta de *Nomasiri*, o ser da morte.

No começo, *Omama* não era o único a ter *xapiri*. *Teosi* os criou no mesmo tempo. São eles que os missionários chamam de anjos. No entanto, *Teosi* acabou sendo agressivo com eles, porque não lhe obedeciam. Então, expulsou-os para longe, acusando-os de serem sujos e preguiçosos. Ao ver isso, *Omama* os chamou para perto de si e os transformou em *xapiri*. Deu a eles seus ornamentos resplandecentes e seus cantos magníficos. De modo que eles são muito mais belos do que os humanos; são mesmo como os espíritos deles que os brancos nos disseram ser anjos.<sup>6</sup> A beleza e o poder dos *xapiri* não tardaram a causar inveja em *Teosi*. Por isso, como eu disse, ele acabou matando *Omama*, que era o pai deles. Ele não morreu sem motivo! É também por isso que, até hoje, a gente de *Teosi* guarda tanto rancor contra os xamãs que fazem dançar esses espíritos. É o que eu penso.

Os missionários têm um livro a partir do qual espalham as palavras de *Teosi*. Costumavam dizer, olhando para ele, que *Sesusi* iria clarear nosso peito e lavar nosso pensamento. Não paravam de declarar que *Teosi* não gosta de quem faz descer os espíritos, de quem usa folhas de tabaco, de quem rouba das roças dos outros ou de quem copula com mulheres casadas. Também repetiam sempre que *Teosi* tem aversão pelos que se enfrentam com bordunas, conduzem expedições de feitiçaria ou mostram bravura na guerra. Porém, para nós, tudo isso não passa de um monte de palavras tortas. *Omama* sempre demonstrou amizade por nós, não importa o que façamos. Ele nunca pretendeu lavar o peito de ninguém! Sua imagem não fica nos dizendo sem parar: "Vocês são maus! Se recusarem minhas palavras, farei com que sejam queimados vivos ou carregados pelas águas! Farei tremer a terra da floresta sob seus pés!". Ela apenas nos diz: "Vocês são como eram seus antigos! Continuem seguindo os rastros deles! Um dia, vocês morrerão; por isso, enquanto estão vivos, não devem temer nada!". Assim é. Ignoramos aquilo que a gente de *Teosi*, para nos assustar, chama a todo instante de pecado. Não somos ruins; só não somos brancos! Somos como nossos antepassados sempre foram antes de nós.

Para nós, todas essas palavras de branco a respeito de *Teosi* são sem valor. Se a imagem de um de meus filhos for capturada por um ser maléfico gavião *koimari*, de nada vai adiantar eu esconder o rosto com as mãos para falar com *Teosi* tentando curá-lo, em vez de chamar meus *xapiri*. Se eu apenas fechar as pálpebras como se estivesse dormindo, para dizer "Pai *Teosi*, proteja esta criança!", ninguém vai responder: "Awei! Vou cuidar dele!". Meu filho morrerá e só me restará minha dor. É só. Quando se imitam as palavras de *Teosi* não se vê nada: nem os seres maléficos, nem o mal das plantas de feitiçaria, nem os espíritos da epidemia. *Teosi* deve ser preguiçoso, já que não faz esforço algum para nos curar, nem quando estamos agonizando. Morremos à toa, sem ele nem se preocupar. Ao contrário, os *xapiri* demonstram muito empenho em nos vingar. Por isso censuram *Teosi* como faríamos com um xamá indolente: "Os brancos dizem que você é poderoso. Você alega saber curar, mas nunca o vemos trabalhar! Você nunca sai da rede! Você foge da luta contra os seres maléficos! Você só sabe ficar repetindo palavras de medo e de morte!".

No começo, nossos antigos se aproximaram da gente de *Teosi* para conseguir deles algumas mercadorias e medicamentos. Ainda que fosse pouco, naquela época não havia outras coisas dos brancos em nossa floresta. Depois,

os missionários não pararam de amedrontá-los com *Satanasi* e o grande fogo de *Xupari*. Então, por medo, muitos de nós acabaram por imitá-los. Contudo, aquelas palavras nunca conseguiram lavar nosso peito como diziam aqueles brancos. Nenhum de nós parou de ficar com raiva nem de querer se vingar. Ninguém parou de mentir ou de desejar as mulheres. Ai, o tempo passou e, pouco a pouco, todos foram voltando às nossas verdadeiras palavras. Foi o que aconteceu com o meu padrasto em Toototobi. No início, ele se esforçou muito para falar com *Teosi* como os americanos faziam. Ficava repetindo, depois deles: "Sesusi, limpe meu peito! Afugente os espíritos para longe de mim!". Apesar disso, os *xapiri* não pararam de querer descer para ele e *Teosi* nunca conseguiu mandá-los embora. Então ele perdeu o medo de voltar a beber *yákaana*. Assim é. Continuaremos fazendo dançar as imagens dos ancestrais animais para curar os nossos enquanto estivermos vivos, pois somos habitantes da floresta. Não ficamos, como os missionários, fechados o tempo todo em nossas casinhas, fingindo falar com *Teosi* e comendo sozinhos!<sup>7</sup>

Contudo, quando eu era pequeno, em Toototobi, gostava de escutar a gente de *Teosi*.<sup>8</sup> Se eles tivessem se comportado melhor conosco, será que eu teria continuado a imitá-los? Não sei. Eles me ensinaram, como às demais crianças, a desenhar as palavras de nossa língua, e depois a reconhecer os números que os brancos usam para fazer contas.<sup>9</sup> Depois, presentearam-me com várias peles de imagens sobre a gente de Israel e sobre *Sesusi*.<sup>10</sup> Deram-me também um livro grande em que estavam desenhadas as palavras de *Teosi*. Eu gostava de ouvi-los falar daquelas coisas antigas. Teria gostado de falar com *Teosi* e, sobretudo, de poder vê-lo. Pretendia mesmo tornar-me um dos seus, embora de tanto ouvir proferir seu nome eu temesse sua ira. Para dizer a verdade, eu tinha mais curiosidade pelas novas palavras dos brancos do que pelas de nossos antigos! Além disso, naquela época, meu padrasto e meu cunhado tinham rejeitado seus *xapiri* e tinham virado crentes.<sup>11</sup> Nosso pensamento estava fixado em *Teosi* e no fogo de *Xupari*. É claro que quando imitávamos as palavras dos brancos acabávamos por confundí-las um pouco. Mas, de tanto repeti-las, ficavam cada vez mais firmes em nós. Iamos visitar as casas de nossos aliados e falávamos para eles ao modo dos missionários:<sup>12</sup> "Aceitem *Teosi* e recebam suas palavras! Foi ele que criou os homens e as mulheres. Foi ele que criou os alimentos da flores-

ta e das roças. Foi ele que criou os peixes e a caça, os macacos e as antas!". Os americanos estavam satisfeitos conosco. Diziam que éramos realmente gente de *Teosi*, tanto quanto eles. Contudo, não compreendíamos bem aquelas palavras de branco. Não eram as de nossos antepassados, que nunca nos haviam dito: "Pai *Teosi* existe, ele nos protege!". Nem conhecíamos esse nome antes da chegada daqueles forasteiros. Só queríamos palavras diferentes das nossas! Dizíamos a nós mesmos: "Esses brancos são outra gente, têm outros espíritos. Talvez *Teosi* exista mesmo! Será tão poderoso quanto dizem?".

De modo que, no começo, escutei bastante os missionários. Desejava seguir suas palavras e me esforçava para imitá-las. Ficava feliz de ser considerado como um deles. Eles já tinham mergulhado minha cabeça na água do rio Toototobi tapando o meu nariz, como um pastor. Eu tinha mesmo feito amizade com *Teosi*! E no entanto, quando eu ficava só e queria falar com ele, não conseguia; nem mesmo podia vê-lo em meus sonhos. Além disso, os brancos, apesar dos meus esforços, continuavam falando duro comigo: "Davi, você está em pecado, é ruim! Não use brejeira de tabaco! Não deseje mulheres casadas! Não beba o pó de *yākoana*! *Satanasi* está enganando você! Temos pena de você, vai queimar na fogueira de *Xupari*!". Com o passar do tempo, escutar essas censuras constantes acabou enfraquecendo as palavras de *Teosi* em mim. Elas só pareciam saber falar de pecado e recriminações. Eu estava começando a ficar cansado delas. E, por fim, tudo aquilo me deixou furioso. Dizia a mim mesmo: "Entendi bem as palavras de *Teosi*. Agora sou um dos filhos dele. Meu peito ficou limpo. Apesar disso, esses brancos não param de me acusar de ser mau. Por quê?". Então, comecei a rebater: "Não falem comigo assim! Não quero mais ouvir tantas palavras ruins! Agora chega de me dizer isso tudo! Se tentarem me assustar repetindo essas coisas o tempo todo, vou acabar achando que só querem mentir para mim!".

Eu não tinha meu pai desde a minha primeira infância. Meu padrasto já tinha outras mulheres e filhos pequenos.<sup>13</sup> Os que tinham cuidado mais de mim, minha mãe e meu tio, tinham partido havia pouco. Desesperava-me a ideia de ter de crescer sem nunca mais revê-los. Atormentava-me a dor de seu luto. Agora eu me sentia só em nossa casa de Toototobi. É claro que não estava realmente sozinho, mas já não tinha ali familiares para cuidar de mim e me alimentar. Passava a maior parte do tempo triste ou com raiva. Não pensava em nada a não ser em fugir.<sup>14</sup> Não parava de pensar: "Aqui não tenho mais

ninguém. Quero desaparecer, bem longe daqui, na terra dos brancos. Quero viver com eles e virar um deles!". Eu estava mesmo tomado por essa ideia. Não queria mais viver em nossa casa, nem ver nossa floresta. Tinha decidido abandoná-las para sempre. Virar branco — eu não pensava noutra coisa. Não tinha mais vontade nenhuma, entretanto, de imitar *Teosi* como antes. Os missionários tinham me enganado cobrindo-me de recriminações. Eu queria esquecer todas as palavras que haviam me dado. Quando refletia sobre isso, a única coisa que me vinha à mente era que *Teosi* tinha deixado morrer meus parentes. Isso me revoltava. Dizia a mim mesmo: "Pouco importa! Agora não me incomoda morrer. Não sou filho de branco. Que a epidemia devore também a mim e que eu queime com *Satanasi!*". Foi com esses pensamentos que, no final, resolvi deixar nossa casa de Toototobi. Assim que tive a oportunidade, fui trabalhar no posto Ajuricaba da Funai, rio abaixo, na beira do Demini. Lá comecei a viver junto com outros brancos, que não falavam de *Teosi*. Os discursos dos missionários foram se apagando aos poucos de minha memória e acabei por esquecê-los.

Naquele época, o pessoal da Funai, que tinha substituído os antigos da Inspetoria, vinha muitas vezes nos visitar em Toototobi para fazer trocas.<sup>15</sup> Trocávamos com eles castanhas-do-pará e também peles de jaguatirica, de ariranhas *kana*, de veados e queixadas.<sup>16</sup> Eles nos traziam facões, facas e machados, anzóis e linha, redes e algumas roupas, e ainda espingardas e cartuchos. Às vezes nos ajudavam com remédios. E também impediam os brancos que moravam a jusante do rio de entrar em nossa floresta. Por tudo isso, eu achava bom que viessem nos visitar. Eu já tinha crescido, mas ainda frequentava a escola da missão. Achava que seria bom para mim aprender outro costume.<sup>17</sup> Eu já tinha me tornado adolescente e agora podia deixar os meus e viajar longe, para outras terras. Eu queria conhecer outras gentes.<sup>18</sup> Naquele tempo, era nisso que eu ficava pensando sem parar!

Os funcionários da Funai que vinham a Toototobi para comerciar com meus parentes não se interessavam nem um pouco por mim. Para eles, eu ainda era uma criança. Porém, um dia perguntaram a meu padrasto se eu podia ir trabalhar com eles no posto Ajuricaba. Ele recusou logo, pois me considerava jovem demais para partir sozinho com os brancos. Então eles levaram outros rapazes, mais velhos do que eu. Mas parece que não ficaram nada satisfeitos com o trabalho deles, pois logo os mandaram de volta. Mais tarde, durante

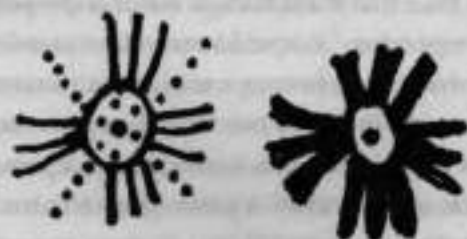
outras visitas, um homem da Funai insistiu novamente junto a meu padrasto para que eu fosse trabalhar com ele. Prometeu que me traria de volta a Toototobi algum tempo depois. Dessa vez, eu tinha crescido e estava mais sabido. Tinha começado a me acostumar com aqueles novos brancos. Meu padrasto me perguntou se eu queria mesmo ir com eles. Respondi que era isso mesmo que eu queria. Então, dessa vez, ele acabou concordando: "Está bem! Vá trabalhar com esses forasteiros! Mas fique atento! Preste muita atenção nas doenças deles e nas onças na floresta! Não faça besteiras e não se meta em enrascadas!". Ditas essas palavras, acabei partindo com o pessoal da Funai.<sup>19</sup>

O homem que tinha insistido para que eu o acompanhasse pretendia me instalar na casa dele, a jusante do posto Ajuricaba, para que eu trabalhasse para ele. O chefe do posto da Funai, Esmeraldino, percebeu e isso o desagradou. Chamou-me de lado e me disse: "Não vá com esse sujeito. Ele vai fazer você trabalhar para ele sem descanso. Você vai passar fome, vai dar dó de ver! Venha se instalar conosco, no posto. Você pode nos ajudar na cozinha, cuidar da comida e da louça!". Então eu segui o conselho e fiquei com ele em Ajuricaba. Foi assim que eu comecei a trabalhar com a gente da Funai pela primeira vez.<sup>20</sup> Eu era ajudante do cozinheiro do posto. Rachava lenha, acendia o fogo e ia buscar água no rio. Punha a carne de caça para assar. Lavava os pratos, os talheres e as panelas. E ainda pescava e caçava. Eu tinha muito trabalho mesmo e não tinha tempo para a preguiça! Apesar disso, eu gostava de viver junto com os brancos e de realizar as tarefas de que me incumbiam. Eu tinha acabado de ficar adolescente e, com eles, eu aprendia muitas coisas. Tinha muita vontade de conhecê-los melhor e de imitá-los.

No entanto, naquela época, eu ainda não sabia grande coisa a respeito deles. Conhecia um pouco os missionários, mas não os brancos de Ajuricaba, que estavam perto, mas eram muito diferentes. Na verdade, eu até receava ter de falar com eles. Eles não conheciam a minha língua e eu não entendia quase nada do que diziam. Então, no posto da Funai, eu só trabalhava, sem dizer uma palavra, esforçando-me para seguir as ordens que me davam: "Venha cá! Vá para lá! Vá rachar lenha! Vá pescar!". Eu conseguia não me equivocar demais porque os *Xamatari* do lugar, que falavam um pouco de português, me ajudavam a entender o que o pessoal do posto me dizia. Eu queria mesmo conhecer

os brancos. Por isso eu os escutava com muita atenção. No entanto, minha boca tinha medo de falar com eles. Eu não dizia a mim mesmo: "Vou aprender a língua deles!". Antes me esforçava para capturar suas palavras uma por uma, para fixá-las em mim. Mas não era nada fácil. Custou-me muito reunir algumas delas em minha mente. Mas, pouco a pouco, as que eu conseguia reconhecer aumentaram. Eu continuava mudo, mas estava começando a compreender o que o pessoal do posto me dizia. Ai, minha boca acabou perdendo o medo. Então, me arrisquei a proferir algumas daquelas palavras estranhas com uma língua torcida. Mas o que eu dizia soava muito feio. Era só fala de fantasma mesmo!

O pessoal da Funai tinha me dado uma rede de algodão bem grande e vários tipos de roupa.<sup>21</sup> Tudo aquilo me deixava feliz. Dizia a mim mesmo: "Por que não imitar os brancos e virar um deles?". Eu só queria uma coisa: parecer com eles. Por isso, observava-os o tempo todo em silêncio, com muita atenção. Queria assimilar tudo o que diziam e faziam. Eu já estava acostumado a usar bermudas. A gente de *Teotí* já tinha distribuído várias desde que começaram a morar conosco, para escondermos o pênis. Eu também conhecia chinelos. Contudo, nunca tinha usado calça comprida, nem sapatos fechados, nem camisas, menos ainda óculos! Quando eu via os brancos vestindo suas calças, pensava: "Vou esconder minhas pernas como eles!". Quando calçavam seus sapatos, dizia a mim mesmo: "Vou fechar meus pés do mesmo jeito para andar!". Quando trajavam suas camisas, imaginava: "Eu também vou me embrulhar num belo tecido desses!". Os óculos eram o que mais me impressionava, e eu ficava esperançoso: "Um dia vou poder esconder meus olhos como eles!". Reparava em seus relógios de pulso, que me causavam também muita inveja: "Seria tão bom enrolar essa coisa em torno do pulso para poder seguir o sol, mesmo à noite!". Eram só esses os meus pensamentos naquela época.





Eu não parava de pensar em quando fosse adulto e dizia a mim mesmo: "Um dia, vou ter um motor de popa para correr pelos rios para todos os lados com uma canoa grande, como os brancos!". Meu pensamento estava mesmo fixo em suas mercadorias. Naquela época, eu acreditava que eram capazes de fabricá-las eles mesmos, quando quisessem! Aqueles objetos novos obscureciam meu espírito e me faziam esquecer todo o resto. Eu já não trazia em meu pensamento nem meus parentes nem minha antiga casa de Toototobi. Se os brancos que me levaram com eles tivessem sido moradores do rio, daquela gente que vive rio abaixo, ao longo do rio Demini, acho que nunca teria voltado para a nossa floresta. Teria me tornado homem entre os pescadores de tartarugas ou os coletores de fibra de piaçava. E se tivessem concordado em me dar uma de suas filhas, eu teria tomado esposa entre eles e teria ficado de fato! Se tivesse mesmo desejado virar branco, eu teria me perdido entre os habitantes do rio e com certeza estaria vivendo lá até hoje.

Não digo mentiras. Aconteceu com um dos rapazes de nossa antiga casa de *Marakana*. Para mim, era um cunhado. Era mais velho do que eu. Ele já era adulto quando eu ainda não passava de um menino. Isso foi há muito tempo. Depois da epidemia de Oswaldo, ele tinha ido embora para o posto Ajuricaba, como eu faria mais tarde. Trabalhou lá por algum tempo, e depois seguiu rio abaixo com um branco que já tinha trabalhado para a Inspetoria. Este tinha se instalado no baixo Demini, longe do posto Ajuricaba, perto de um lago. Tinha aberto lá uma roça e vivia da captura de tartarugas para vender.<sup>22</sup> Ele caçava e também vendia peles de animais. Trabalhava só, e por isso chamou o jovem yanomami para vir ajudá-lo. Que acabou ficando por lá. Não queria mais voltar a viver conosco, pois não encontrava esposa entre nós.<sup>23</sup> Quando partiu de *Marakana* rio abaixo, parou em nossa pequena casa de *T'oot'ot'opi* e anunciou a meu padrasto: "*Xoape!*<sup>24</sup> Vou descer de canoa até os brancos!". Este lhe respondeu: "Está bem. Vá, e não se esqueça de nos trazer espingardas!".

Então o rapaz respondeu: "*Xoape!* Só vou voltar quando você estiver cego, quando sua cabeça tiver ficado branca e seus lábios tiverem ficado bem fininhos. Só voltarei para chorar a sua morte!". Aí seguiu viagem. Nunca mais voltou a morar entre nós. No entanto, muito tempo depois, cheguei a revê-lo. De vez em quando ele subia o rio até o posto Ajuricaba, onde eu trabalhava, e também o encontrei mais tarde em Manaus. Sempre que me via, ele me aconselhava a me mostrar dócil com os brancos. Às vezes, me dizia também: "Por

que você não vem morar comigo rio abaixo, com os habitantes do rio? Eles vão lhe dar de comer. É verdade!". Ouvindo-o, pensava que um dia, talvez, eu seguisse o seu exemplo. Porém, como eu trabalhava para a gente da Funai, eles não deixaram eu me perder, como ele, entre os ribeirinhos do rio Demini. Foi assim mesmo. Ele começou a beber cachaça sem parar e acho que o peito dele acabou sendo pego pela doença. Nunca mais o vi desde aquela época. Ele morreu entre os brancos, sem jamais ter voltado à nossa floresta. No começo, eu pensava do mesmo modo que ele. Foi só bem mais tarde, quando entendi que os brancos podiam ser maus, que minha mente se afastou de tais pensamentos.

Quando eu trabalhava em Ajuricaba, certo dia o chefe do posto, Esmeraldino, me levou com ele para Manaus. Descemos o rio Demini, depois o rio Negro, de canoa a motor, durante dias e dias.<sup>15</sup> Quanto mais nos aproximávamos, mais eu ficava ansioso para ver pela primeira vez a cidade da qual tanto tinha ouvido falar! Porém, no final, quando chegamos, fiquei um pouco decepcionado. Acostamos num lugar afastado de todas as casas e lá permanecemos durante toda a nossa estadia. Dormíamos no barco, no porto. À noite, eu via vários tipos de luzes passando em todas as direções ao nosso redor: os barcos que se cruzavam no rio, os grandes aviões que nos sobrevoavam<sup>16</sup> e os carros enfileirados ao longo na beira. Eu não me sentia nada tranquilo. Perguntava-me, inquieto, o que haveriam de ser todos aqueles fogos na escuridão. E de dia, havia tanta gente e barulho ao longo do rio! Uma multidão de brancos se agitava de um lado para o outro, gritando nomes de peixes — "Jaraqui! Curimatã! Tambaqui! Surubim! Tucunaré!" — e de frutas de palmeira — "Açaí! Bacaba! Buriti!". Tudo isso para trocá-los por pedaços de papel velho. Naquele tempo, eu não sabia o que era dinheiro e ainda ignorava que sem isso não se podia comer nem beber na cidade. Observava todos aqueles brancos com um certo receio. Eram tantos, e se atropelavam em todos os sentidos, como formigas *xirina!* Dizia a mim mesmo: "Nossos antigos não imaginavam que os brancos fossem tão numerosos e que tivessem tanta fartura de comida! E todas essas máquinas para correr por toda parte, na água, na terra e no ar! É de fato muito assustador!".

Eu não parava de olhar apreensivo para o céu a cada jato que passava sobre nós. É claro que eu conhecia desde criança os aviões pequenos dos missionários, que de tempos em tempos aterrissavam em Toototobí. Mas não ima-

ginava que existissem aviões tão enormes nem que fossem tantos!<sup>27</sup> Sobretudo, eu nunca tinha visto um carro. Por isso, sempre ficava muito aflito quando tinha de andar a pé na cidade, para ir até a casa da Funai. Permanecia em alerta constante, vigiando sempre o movimento dos carros, de um lado e do outro. Tinha medo de me atropelarem e me esmagarem em seu caminho. Pareciam tão pesados! Observava-os de longe, e tentava fixar meu olhar nas rodas, que me intrigavam. Ficava me perguntando: "O que será isso? Serão como jabutis de ferro?<sup>28</sup> Será que têm espécies de mãos e de pés? Como podem se movimentar tão depressa?". No começo, eu não me dava conta de que as rodas dos carros giravam. Achava que corriam! Ainda não sabia nada das coisas da cidade! Principalmente, eu nunca tinha visto tantos brancos. Estavam por toda parte! Imaginava que eles não deviam parar de copular, para terem se tornado tão numerosos, e que era por isso que alguns deles queriam vir morar na nossa floresta. Entretanto, nada disso me preocupava muito. Eu apenas pensava: "Os brancos são outra gente, por isso são tão estranhos. Mais tarde, quando os conhecer melhor, vou me sentir mais calmo na presença deles". Na verdade, eu só queria uma coisa: virar um deles. Eu ainda era muito jovem, e bem ignorante! Naquele tempo, ainda estava longe de me perguntar: "Se todos esses brancos continuarem aumentando ao nosso redor, o que vai acontecer conosco mais tarde?".

Por fim, algo ruim aconteceu comigo no posto Ajuricaba. Meu peito foi pego pela tuberculose. A doença me foi transmitida por um jovem *xamatari*, que por sua vez tinha sido contaminado em Manaus. Era sua primeira vez lá, como havia sido para mim. Mas ele já trabalhava para os brancos do rio havia um bom tempo. Tinham até lhe dado uma esposa. Então ele acabou ficando na cidade por muito tempo, porque gostava muito de viver na companhia dos brancos. Além disso, tinha se acostumado a beber cachaça, como eles. Passado algum tempo, começou a tossir cada vez mais. Já estava muito doente quando foi ver um médico, que lhe recomendou parar de beber e tomar remédios. Tentou até mandá-lo para o hospital logo. Mas o rapaz se recusava a ser tratado pelos brancos. Foi ficando tão doente que só pensava em morrer. Então resolveu fugir de volta para a sua aldeia. Tinha ficado muito magro e não parava de tossir cuspidando sangue. Apesar disso, quando chegou ao posto Ajuricaba, o pes-

soal da Funai deixou que ele se instalasse no mesmo quarto que eu. Comíamos na mesma panela. Compartilhávamos os mesmos pratos e canecas. Às vezes, ele me dava seu resto de café. Naquela altura, eu achava que a tosse dele não passava de um tipo de gripe. Ainda não sabia que a tuberculose é uma doença tão perigosa e letal. Tampouco ele sabia. Os brancos não nos disseram nada. Então, eu vivi assim ao lado dele por um bom tempo, e aí, de repente, ele morreu. A doença dele já tinha entrado no meu peito havia muito tempo.

De modo que, certo dia, voltando de uma visita a Toototobi, Esmeraldino, o chefe do posto, me encontrou em Ajuricaba ardendo em febre, prostrado na rede. Eu estava me sentindo péssimo e não parava de tossir. Ele tinha afeto por mim e ficou preocupado ao me ver tão mal. Primeiro tentou me tratar lá mesmo. Mas não deu em nada. Meu estado se agravou e, de qualquer modo, já não havia mais remédio no posto. Acabou achando que seria mais prudente me levar para a cidade. Ele estava realmente decidido a me ajudar. Então, descemos o rio Demini numa canoa com motor de popa, até a foz, para chegar à cidade de Barcelos. Ele me levou logo para o hospital. Mas eu não pude ficar lá, porque o médico nos disse que não tinha nenhum medicamento contra a tuberculose. Aconselhou-nos a ir para Manaus, onde seria mais fácil me tratar. Seguimos viagem, portanto, dessa vez descendo o rio Negro. Outros homens da Funai nos acompanhavam. Havia também Yo, um jovem japonês que viera de muito longe para nos visitar na floresta.<sup>29</sup>

Assim que chegamos a Manaus, Esmeraldino me levou para um hospital<sup>30</sup> e me deixou lá com outro médico. Então, eu me vi sozinho naquela cidade, a me perguntar, apreensivo, o que seria de mim. Naquele tempo, eu nem sempre compreendia muito bem o que os brancos me diziam. Felizmente, logo encontrei no hospital alguém que eu conhecia. Era Chico, o antigo missionário brasileiro que os americanos tinham expulsado de Toototobi! Ele agora trabalhava para a Funai, e também tinha ficado doente. Apesar de tudo o que tinha acontecido, para mim era bom que ele estivesse lá, porque falava a minha língua. Então, o médico disse a ele para me perguntar se havia sangue na minha saliva. Respondi que sim, e que sentia uma dor aguda ao respirar. Além disso, ele estava vendo que eu não parava de tossir. Compreendeu que a tuberculose me comia o peito. Mas não me explicou nada. Só avisou o pessoal da Funai. Foram eles que, mais tarde, me relataram o que o médico havia dito. Ele recomendou também que eu ficasse no hospital por um bom tempo. Ao receber a

notícia, eu não me queixei nem tive medo. Aceitei tudo sem discutir, porque realmente queria ficar curado. Não queria por nada levar aquela doença para a floresta, para contaminar os meus.

Acho que fiquei naquele hospital por um ano. Foi demorado, muito demorado mesmo! Se eu quisesse, teria podido fugir, como muitos fazem.<sup>31</sup> Mas nunca tive essa intenção, porque não queria morrer como o rapaz *xamatari* de Ajuricaba que tinha passado sua doença para mim. Além disso, as pessoas do hospital me tratavam bem, e eu me acostumei com elas. Então, passei meu tempo deitado num quarto, sem fazer besteiras, tomando remédios todos os dias. Não fiquei irrequieto. Tinha resolvido esperar calmamente até que me dissessem que eu estava curado e que podia deixar o hospital. No começo, como em Ajuricaba, continuei observando os brancos à distância, sem dizer uma palavra, só para conhecê-los. Só que dessa vez tive de ficar confinado com eles por um período muito longo, sozinho e sem nada mais para fazer! Os outros doentes, as enfermeiras e os médicos sempre faziam esforços para falar comigo. Então, caprichei para imitar suas palavras, uma por uma, devagar, como um papagaio *werehe*. Havia também uma escola no hospital. Eu compareci algumas vezes, mas não aprendi grande coisa. O importante é que eu tinha feito um amigo entre os doentes. Foi ele que me ensinou muitas palavras e um pouco de escrita. Era muito melhor para mim ficar livre e aprender com ele. Foi assim que eu perdi o medo de falar com os brancos. Eu lhes pedia água, comida, coisas assim. Seu modo de falar foi ficando cada vez mais claro para mim. Aos poucos, também fui conseguindo me fazer entender melhor. No entanto, eu passava a maior parte do tempo sozinho e sempre pensava na floresta com saudade. Assim o tempo foi passando, devagar, muito devagar mesmo!

Certo dia, porém, o médico deve ter dito ao pessoal da Funai: "Davi não está mais doente. Matamos a tuberculose dele!". Pois de repente vieram anunciar que eu estava curado. Eu não esperava por isso! Fiquei tão feliz de estar de novo em boa saúde e de poder afinal sair do hospital! Então, Esmeraldino, o chefe do posto de Ajuricaba, veio me buscar e me levou para a casa dele. Cuidou de mim, mais uma vez, com amizade. Sem a ajuda dele, com certeza eu teria morrido daquela doença. Porém, quando fiquei curado, não queria mais voltar a trabalhar no posto Ajuricaba. O pessoal da Funai de Manaus também achava que eu devia voltar para casa, em Toototobi. Disseram-me: "Davi, agora você conhece as palavras dos brancos. Você deve voltar para junto dos seus.

Seu lugar é lá. Você vai ajudá-los. E mais tarde, quando você for mesmo adulto, se quiser, poderá vir trabalhar conosco". Essas palavras me pareceram boas. Então, a Funai me levou de volta para Toototobi. Não foram os meus que me chamaram de volta, não. Eu resolvi por conta própria voltar a viver na minha floresta e, assim, a vontade de virar branco foi aos poucos desaparecendo de minha mente.

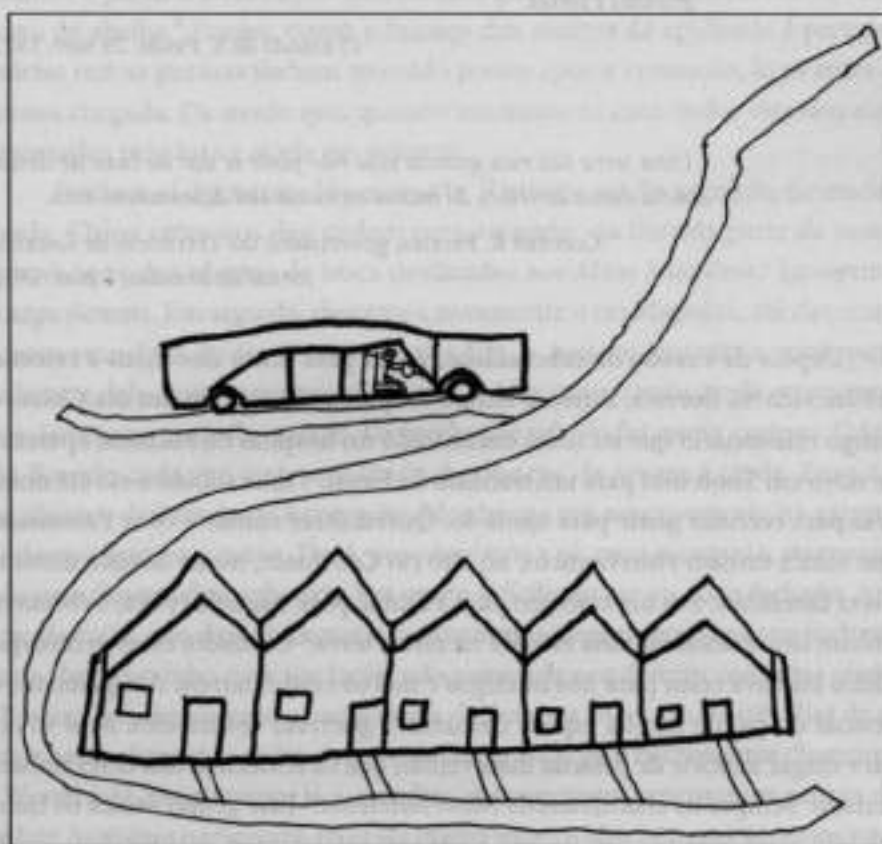
Hoje, às vezes eu fico acordado no meio da noite e me sinto só no meio das pessoas adormecidas na nossa grande casa de *Watoriki*. Então, meus pensamentos vão escapando para longe, um seguindo o outro, sem que eu consiga detê-los. Fico me agitando na rede, sem conseguir dormir. Penso em nossos ancestrais que, no primeiro tempo, se transformaram em caça. Não paro de me perguntar: "Onde os seres da noite vieram realmente à existência? Como era o céu no primeiro tempo? Quem o criou? Para onde foram os fantasmas de todos os que morreram antes de nós?". Então, por fim, meu espírito se acalma e eu consigo descansar. Muitas vezes, também, pensamentos acerca dos brancos vêm me atormentar. Aí penso: "Quando minha mãe me levava no colo, esses forasteiros ainda estavam muito longe de nós. Não sabíamos nada deles. Nossos maiores não desconfiavam que um dia eles matariam quase todos nós! Hoje compreendo que eles destroem nossa floresta e nos maltratam somente porque somos gente diferente deles. Por isso, se tentarmos imitá-los, as coisas vão ficar mesmo muito ruins para nós!".

Quando penso em tudo isso, o sono foge para longe de mim. O tempo de minha adolescência está muito distante agora. Contudo, ainda me lembro de que outrora me esforcei para parecer com os brancos, em vão. Escondi meus olhos atrás de óculos escuros e meus pés dentro de sapatos. Penteei o cabelo de lado e coloquei um relógio no braço. Aprendi a imitar o modo de falar deles. Mas isso não deu em nada de bom. Mesmo embrulhado dentro de uma bela camisa, dentro de mim eu continuava sendo um habitante da floresta! Por isso costumo repetir aos rapazes de nossa casa: "Talvez vocês estejam pensando em virar brancos um dia? Mas isso é pura mentira! Não fiquem achando que basta se esconder nas roupas deles e exibir algumas de suas mercadorias para se tornar um deles! Acreditar nisso só vai confundir seus pensamentos. Vocês vão acabar preferindo a cachaça às palavras da floresta. Suas mentes vão se obscu-

recer e, no final, vocês vão morrer por isso!". É verdade. As palavras de *Omama* e as dos *xapiri* são muito antigas. Só elas podem nos fazer felizes. Imitar as de *Teosi* e dos brancos não nos vale de nada. Elas só podem nos atormentar. É por isso que penso que devemos seguir os rastros de nossos antepassados, assim como os brancos seguem os dos deles.

Hoje, é verdade, eu continuo escondendo meu pênis numa bermuda. É um hábito que adquiri com a gente de *Teosi*, quando era pequeno. Também é verdade que conheço um pouco a língua dos brancos. Porém, imito-a de maneira desajeitada, apenas quando vou à cidade ou para conversar com eles na floresta. Então, como antigamente, me esforço para fazer como papagaio, na tentativa de me fazer compreender. Mas assim que fico só entre os meus, minha boca se fecha para essas palavras estranhas. Elas fogem para longe de meu pensamento, minha língua endurece e não pode mais pronunciá-las. A mente dos rapazes que querem virar brancos está cheia de fumaça! É por isso que, quando me tornei adulto, decidi guardar em mim os dizeres de nossos avós, mesmo se eles morreram há muito tempo. É com os cantos dos *xapiri* que meu pensamento pode se estender até as nascentes dos rios ou para florestas distantes e, mais além, até os pés do céu. É com elas que eu posso ver o que os nossos antigos conheceram antes de mim, que posso contemplar as imagens do primeiro tempo, tais como eles as fizeram descer, muito antes de eu nascer. Assim é. Nunca vou querer deixar de imitar nossos antepassados, pois esse é nosso verdadeiro modo de ficar sábio.

### 13. O tempo da estrada





*Um grupo de aproximadamente cinquenta índios, nus, gesticulando e falando muito, mas com demonstrações de amizade, foi encontrado pelos operários que constroem a rodovia Perimetral Norte, perto de Caracará. Os índios lhes ofereceram flechas e colares, e receberam redes. O grupo de trabalhadores foi levado ao chefe da comunidade — instalada exatamente no traçado da estrada —, mas não conseguiu compreender coisa alguma do que ele lhes disse. Entenderam, contudo, que os índios não querem violência, embora sejam grandes e fortes.*

*O Estado de S. Paulo, 29 nov. 1973.*

*Uma terra tão rica quanto esta não pode se dar ao luxo de deixar meia dúzia de tribos de índios entravar seu desenvolvimento.*

*Coronel R. Pereira, governador do Território de Roraima  
Jornal de Brasília, 1 mar. 1975.*

Depois de curado da tuberculose, voltei para junto dos meus e retomei minha vida na floresta. Então o tempo foi passando até que um dia Chico, o antigo missionário que eu tinha encontrado no hospital de Manaus, apareceu de novo em Toototobi para um trabalho da Funai. Tinha subido o rio até nossa casa para recrutar gente para ajudá-lo. Queria fazer contato<sup>1</sup> com Yanomami que nunca tinham visto brancos, no alto rio Catrimani, numa floresta distante e sem caminhos. Era um trabalho para a Funai, pois, naquela época, os brancos tinham decidido abrir uma estrada na nossa terra.<sup>2</sup> Contudo, essas gentes que Chico buscava eram para nós inimigos e mal os conhecíamos. Antigamente, o pessoal do pai de minha esposa costumava guerrear contra eles. Mas só era para vingar a morte de pessoas mais velhas, que os feiticeiros *oka* deles tinham matado. Sempre os chamaram de *Moxi hatitêma*.<sup>3</sup> Esse grupo nunca os tinha atacado abertamente, com flechas; só às escondidas, com suas zarabatanas de feitiçaria. Nunca tinham feito amizade com os brancos e não possuíam nenhuma de suas mercadorias. Abriam suas roças com machadinhas de pedra.<sup>4</sup>

Vários de nós aceitaram acompanhar Chico nessa viagem:<sup>5</sup> meu padraсто e eu, três outros homens de nossa casa e um *Xamarari* que morava a jusante, na beira do rio Toototobi.<sup>6</sup> Havia também um outro branco cujo nome esqueci. Da missão, descemos de canoa com motor de popa até a foz do rio Mapulaú.

Depois, subimos esse rio durante algum tempo e chegamos a uma casa habitada pelos antigos de *Watoriki*, o pessoal daquele que, mais tarde, viria a ser meu sogro. Viviam naquele tempo à beira do *Werihī sīhīpi u*, um pequeno braço do Mapulau. Paramos lá para pernoitar. Mas logo entendemos que eles acabavam de ser vítimas de uma epidemia. Mal tinham terminado a festa de cremação de seus mortos. Seus convidados eram os moradores de *Sina r'a* e de *Hero u*, que tinham parentes casados entre eles.<sup>7</sup> Os ossos dos falecidos já tinham sido queimados e pilados. Suas cinzas tinham sido guardadas em cabaças seladas com cera de abelha.<sup>8</sup> Porém, como a fumaça dos mortos de epidemia é perigosa, várias outras pessoas tinham morrido pouco após a cremação, logo antes de nossa chegada. De modo que, quando entramos na casa, todos estavam atordoados pelo luto e ainda em prantos.

Por isso só dormimos lá uma noite. Partimos no dia seguinte, de madrugada. Chico antes nos deu ordem para esconder na floresta parte de nossas provisões e dos objetos de troca destinados aos *Moxi hatētēma*.<sup>9</sup> Levávamos carga demais. Em seguida, descemos novamente o rio Mapulau, até dar com o curso principal do rio Demini e, por fim, a jusante, entramos num outro afluente dele, que chamamos *Haranari u*. Mas nossa canoa ainda estava pesada demais para aquele igarapé. De modo que subi-lo foi muito custoso. O leito ia ficando cada vez mais entulhado de troncos de árvore e cipós. Exaustos, acabamos desistindo da navegação. Montamos um acampamento na margem e descarregamos a canoa. De lá, prosseguimos a pé, para montante, atravessando uma floresta desconhecida. Era muito difícil avançar no mato fechado. Apesar de tudo, não desanimamos e continuamos alegres, porque meu padasto, que abria caminho com seu facão, não parava de nos divertir com suas piadas. Era um homem valente e que gostava de fazer rir. Ao cabo de três dias de caminhada, chegamos enfim ao sopé de um grande pico rochoso que chamamos *Weerei kiki*. Pernoitamos lá e, nos dias que seguiram, procuramos rastros dos *Moxi hatētēma* na floresta, durante muito tempo. Mas não encontramos nada. A região estava mesmo vazia de qualquer humano. No final, Chico desistiu e voltamos para a missão Toototobi. Tudo aquilo para nada. Eu soube mais tarde que os *Moxi hatētēma* moravam muito longe dali, no alto rio Apiaú!

Foi nessa viagem que comeci a conhecer melhor o pessoal do pai de minha futura esposa, que eram os moradores da casa de *Werihī sīhīpi u*, onde tínhamos parado na ida. Quando criança, tinha ouvido falar deles, porque fi-

zeram guerra por muito tempo contra nossos antigos, que os chamavam *Mai koxi*. No entanto, eu só os havia encontrado uma vez, pouco antes de ir trabalhar no posto Ajuricaba. A gente de *Teosi* queria que eles viessem morar mais perto da missão. Para convencê-los a se aproximar, primeiro tinham sobrevoado a casa deles e jogado flechas e objetos de troca na mata. Em seguida, nos mandaram de Toototobi numa expedição para entrar em contato com eles. Mas tínhamos pegado gripe sem saber e, após alguns dias de caminhada, estávamos todos doentes! Então, ardendo em febre, resolvemos voltar. Afinal foram os de *Werihí sihipi u* que, algum tempo depois, vieram nos visitar em Toototobi por iniciativa própria. Chegaram um dia, de repente, sem que os esperássemos. Escutamos suas palavras de amizade e depois abrimos um caminho entre nossa casa e a deles. Foi assim que começamos a nos visitar.<sup>10</sup>

Na volta dessa viagem em busca dos *Moxi hatëtêma*, eu não fiquei em Toototobi. Chico propôs que eu continuasse trabalhando para ele e eu resolvi segui-lo.<sup>11</sup> Depois da minha tuberculose, meu padrasto não queria que eu voltasse para junto dos brancos. Mas eu não lhe dei ouvidos. Eu já tinha esquecido a cidade e meu desejo de virar branco. Porém, nesse meio-tempo, um outro tio meu tinha morrido também. Feiticeiros inimigos das terras altas tinham soprado nele plantas maléficas e quebrado seus ossos. Então, eu voltei a conhecer a ira do luto e da solidão. Por isso fui embora com o Chico. É verdade que ele tinha agido mal em relação a nós no passado, e nossos antigos continuavam ressentidos com ele. Mas eu ainda era uma criança quando ele trabalhou na missão em Toototobi. Fazia muito tempo que ele tinha ido embora. Meu pensamento tinha se quietado e eu tinha esquecido tudo aquilo. Eu sou assim. Minha raiva não dura muito quando não vejo mais as pessoas que a provocaram. Além disso, Chico tinha me ajudado quando eu estava no hospital. E também tinha prometido que eu iria morar com ele e que me daria comida. Parecia querer cuidar de mim. Então, comecei a ficar amigo dele e fui morar com ele em Manaus.

Ele residia na casa do pai, um pouco afastada da cidade, na mata. Ficamos por lá algum tempo. Porém, para viver entre os brancos, eu precisava daquelas peles de papel velho que chamam de dinheiro. Então, Chico arrumou um trabalho para mim. Pela manhã, eu tinha de encher baldes de água numa fonte e

depois ir vendê-los nas vizinhanças. Era assim que eu conseguia ganhar dinheiro para pagar minha comida. À tarde, eu também lavava piscinas em casas grandes. Nesse caso, era para pagar ao Chico por algumas mercadorias que ele comprava para mim, como bermudas, camisas, cuecas, uma rede e sabão. De modo que foi ele quem realmente me ensinou a trabalhar para os brancos. Costumava repetir: "Na cidade, se você for preguiçoso, ninguém terá amizade por você! Os brancos só gostam de gente trabalhadora. Não fique achando que eles dão dinheiro aos folgados!". Algum tempo depois, ele encontrou outra casa e fomos morar nela. Então, graças a ele, o pessoal da Funai resolveu me chamar de volta. Sabiam que eu era trabalhador; e agora que eu conhecia melhor a língua dos brancos, me pediram para servir de intérprete. Foi assim que eu voltei a trabalhar na floresta com o Chico.<sup>12</sup>

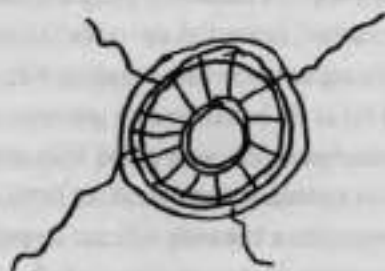
Dessa vez, saímos de Manaus num barco grande, de dois andares, em direção ao rio Branco. Era a plena estação seca. As águas estavam muito baixas. Subimos o rio devagar, e depois entramos num de seus afluentes, o rio Catrimani, até a foz de um riozinho chamado Igarapé Castanho. Lá havia uma casa yanomami cujos habitantes trabalhavam para os brancos ribeirinhos.<sup>13</sup> Fizemos ali uma parada. O barco grande nos deixou na beira e depois voltou a descer o rio. Nós então continuamos subindo o Catrimani numa pequena canoa com motor de popa. Foi longo e penoso, porque aquele rio é cortado por muitas cachoeiras. Durante toda a viagem, só cruzamos com um caçador branco que descia para jusante. Paramos, e Chico o chamou para conversar. Ao ver que sua canoa estava carregada de peles de ariranha e de jaguatirica, começou a falar com ele num tom furioso. Aí confiscou sua carga e mandou-o de volta para casa, avisando que era proibido aos brancos caçar na nossa floresta. Depois disso, continuamos subindo o rio, até a residência dos padres da missão Catrimani. Acampamos lá e largamos a canoa, porque é impossível passar pelas cachoeiras rio acima. Prosseguimos nossa viagem a pé pela floresta. Eu estava com Chico e com mais dois homens da Funai, um índio sateré-mawé e um tikuna. Um yanomami da aldeia da missão viera conosco. Caminhamos durante dias a fio em direção ao alto Catrimani. Passamos primeiro pelos moradores de *Makuta asihipi*, depois pelos de *Mani hipi*, de *H'aya u* e de *Uxi u*. A partir de lá, prosseguimos nossa marcha ao longo da margem do rio Lobo d'Almada, até seu curso superior. Chegamos a uma última casa, habitada pela gente do pai de minha futura esposa, que tínhamos visitado com Chico em

nossa viagem pelo Mapulaú. Depois de nossa passagem anterior, eles tinham abandonado *Werihí sihipi u* e se refugiado nesse antigo local, que chamavam *Hapakara hí*. Já tinham vivido lá antigamente, antes de tentarem se aproximar da missão Toototobi, respondendo ao chamado da gente de *Teosi*. Quase todos eles tinham sido devorados pela recente epidemia *xawara*, e os sobreviventes tinham ficado amedrontados. Por isso resolveram voltar e ir morar novamente nas terras altas do rio Catrimani, longe dos brancos.

A fumaça de epidemia os atingiu quando estavam terminando a construção de uma grande habitação a jusante do igarapé *Werihí sihipi u*. Foi o que me contaram. O pai de minha futura esposa morava lá com o irmão mais velho, que era o grande homem da casa. Era um ancião, grande *xamã*. Certa tarde, escutaram o zumbido de um helicóptero dando voltas acima da floresta. Era tempo da seca. As águas estavam baixas. O rio estava cheio de bancos de areia e de praias. Depois de algum tempo, o helicóptero acabou pousando numa dessas praias, longe da casa. Então o silêncio voltou momentaneamente. Aí saiu de novo e desapareceu no céu. Preocupados, os de *Werihí sihipi u* se perguntavam o que aqueles forasteiros tinham vindo fazer na terra deles. Mais tarde, já de noite, ouviram uma forte explosão. Pensaram que os brancos deviam ter deixado na areia uma coisa de fogo desconhecida e perigosa, que tinha provocado a detonação; algo como as bombas que tinham começado a usar para abrir a estrada deles na floresta.<sup>14</sup> No dia seguinte, o grande homem de *Werihí sihipi u* decidiu ir até lá para verificar de que se tratava. Um grupo de rapazes, interessados sobretudo em trazer dessa visita mercadorias abandonadas, juntou-se a ele. Não demoraram a chegar à margem do rio, mas só encontraram, numa praia, papéis sujos, latas, botas de borracha e um chapéu de palha. Viram as pegadas dos pés do helicóptero e dos passos de seus ocupantes. Mas descobriram também vários buracos cavados um ao lado do outro na areia. Perguntavam-se o que os brancos queriam fazer com aquilo. Não havia mais nada. No final, cansados de ficar procurando à toa, os de *Werihí sihipi u* retornaram à sua casa.

Algum tempo depois, seu grande homem adoeceu e morreu de repente. Em seguida, todos os moradores da casa começaram a arder em febre. Tremiam sem parar e sentiam uma sede insaciável. Não entendiam o que estava aconte-

cendo com eles. Não era uma doença da tosse qualquer.<sup>15</sup> Logo várias outras pessoas também morreram. As vítimas tombavam uma depois da outra, cada vez em maior número, sobretudo as mulheres e as crianças. Alguns doentes tentaram fugir para a floresta, mas lá morreram do mesmo modo. Ao final, pouca gente sobreviveu a essa voraz fumaça de epidemia. A casa de *Werihí sikipi u* era grande, mas, em muito pouco tempo, a doença a deixou quase esvaziada de todos os seus moradores.<sup>16</sup> O que tinham vindo fazer os brancos que desceram daquele helicóptero? Será que o que eles queimaram tinha mesmo contaminado a gente de *Werihí sikipi u*? Não sei. Gostaria de ter examinado eu mesmo aqueles buracos na areia. Chico me disse que também tinha procurado na beira do rio, mas não tinha achado mais nada. Será que aqueles brancos tinham feito explodir uma fumaça de epidemia como a de Oswaldo em *Marakana*, quando eu era criança? No entanto, eles não estavam bravos com os habitantes daquela casa.<sup>17</sup> Nem mesmo os tinham encontrado! Talvez quisessem matá-los para esvaziar a floresta e poder vir extrair minérios mais tarde? Nunca pude compreender o que realmente tinha acontecido.



Depois de nossa parada na casa de *Hapakara hi*, no alto rio Lobo d'Almada, continuamos, com Chico e os outros, em direção à foz do rio Mapulaú. Quando chegamos, a floresta estava silenciosa. Só tinha restado, na região, a antiga casa abandonada da gente de *Werihí sikipi u*. Mesmo assim, Chico resolveu construir ali um novo posto da Funai. Queria atrair para lá a gente de todas as casas do rio Lobo d'Almada que acabávamos de visitar.<sup>18</sup> Assim começamos a limpar e queimar um pedaço de floresta a montante, perto da foz de um igarapé chamado *Maima siki u*. Chico queria plantar lá uma roça quando voltássemos para a região, no começo da época das chuvas. Porém, naquele momento, ele tinha muita pressa de ir embora. Por isso tivemos de realizar todo esse trabalho em alguns dias, antes de regressar para Manaus.

Acabamos ficando na cidade apenas o tempo de uma lua nova, antes de voltarmos para o Mapulaú. Dessa vez, não fomos a pé. Para chegarmos até lá, subimos o rio Demini de canoa com motor de popa, desde o posto Ajuricaba.<sup>19</sup> Foi muito mais fácil! Mas tivemos de parar a jusante da roça que tínhamos começado a abrir na vez anterior, por causa das cachoeiras. Então, Chico encontrou um outro lugar para instalar seu posto do Mapulaú. Escolheu um antigo local onde o pessoal da Inspetoria tinha se instalado muito tempo antes, quando a Comissão de Limites subiu o rio Demini pela primeira vez.<sup>20</sup> Limpamos o mato e construímos sem demora duas casinhas de tábuas de madeira *manaka si* cobertas de folhas *paa hana*. Tínhamos pressa, porque a época das chuvas estava chegando.<sup>21</sup> Em seguida voltamos às antigas roças abandonadas pelos de *Werihí sihipi u*. Ficamos tirando a vegetação emaranhada durante vários dias. Queríamos pegar brotos de bananeira para nossa nova roça.

Nem bem tínhamos terminado esse serviço, o pai de minha futura esposa e seus dois cunhados, acompanhados pelas esposas e filhos, chegaram de repente a *Werihí sihipi u*. Vinham do alto rio Lobo d'Almada para colher taioba e bananas em suas antigas roças.<sup>22</sup> Ficaram se perguntando quem teria limpado suas plantações abandonadas! Era o fim da tarde. Dormiram em sua antiga casa e só vieram ao nosso encontro no dia seguinte. Chico perguntou a eles se podíamos arrancar os brotos de bananeira de que precisávamos, e depois os convidou a virem se instalar perto do novo posto. Eles aceitaram. Naquele tempo, com Chico, era preciso trabalhar sem descanso! Então, plantamos às pressas uma boa parcela de bananeiras e cana-de-açúcar. Depois preparamos tudo o que era necessário para nos instalarmos de fato naquele novo lugar. Informados de nossa presença, os de *Werihí sihipi u* que tinham permanecido na casa de *Hapakara hi* abriram um caminho do rio Lobo d'Almada até o Mapulaú. Ai começaram a vir nos visitar com regularidade. Depois, os do rio Toototobi fizeram o mesmo e, por sua vez, começaram a vir buscar mercadorias conosco.

Passei bastante tempo com Chico naquele posto do Mapulaú, mas acabei me cansando. Não sou preguiçoso, não, mas ele me fez trabalhar demais. Não parava de me dar ordens! Mandava-me desmatar, cortar os esteios e rachar as ripas de madeira de palmeira para a construção das casas. Era eu também que tinha de coletar todas as folhas para cobri-las e penar sem trégua para plantar a roça nova. Apesar disso, Chico nunca parecia satisfeito. Ficava irritado comigo por qualquer coisa. Tinha chamado uma jovem de *Werihí sihipi u* para

ajudá-lo no posto, e como no tempo da missão, tinha feito dela sua mulher. Essa moça tinha sido casada com meu padraсто de Toototobi, que a tinha rejeitado havia pouco. Então ela tinha voltado a *Werihí silihi u*, para junto dos seus, solteira. Por isso Chico a chamou para perto dele. Ele tinha muito ciúme. Nenhum homem podia chegar perto dela. Mas a moça às vezes passava diante do lugar em que eu estava trabalhando e conversava comigo. Assim, um dia, Chico nos viu compartilhando comida, junto com outros Yanomami. Estávamos fazendo brincadeiras e rindo. Ele logo me puxou de lado e, muito irritado, me perguntou se eu copulava com ela. Eu neguei. Disse a ele que a tratava apenas com amizade, nada mais. Ele não acreditou em mim e começou a me detestar. Ficou realmente enraivecido de ciúme! Chegou a me ameaçar, aos berros: "Não chegue perto dela! Quero-a só para mim! Tome cuidado!". Essas ameaças me enfureceram. Retruquei, no mesmo tom: "Você é mau e seu pensamento é vazio! Você é branco. Vá buscar uma mulher em Manaus, em vez de pegar as nossas e ainda ficar com ciúme!". Ele acabou me enxotando do posto: "Não quero mais você aqui! Vá, vá embora para a sua casa!". Tudo isso me deixou furioso com ele. Entendi melhor por que os meus não queriam mais saber dele em Toototobi! Então resolvi voltar para a cidade, para contar tudo aquilo ao pessoal da Funai. Assim, fui embora para Manaus com um índio xikrin que trabalhava conosco.

O delegado da Funai de lá,<sup>23</sup> Porfírio, que achava que eu ainda estava no Mapulaú com Chico, ficou muito surpreso de me ver chegar de repente, sozinho, à sua sala. Perguntou-me: "O que você está fazendo aqui? O que aconteceu? Por que o Chico o deixou sair do posto?". Conteí tudo a ele: "Foi o Chico que me mandou embora, por ciúme. Tomou por mulher uma moça yanomami e não me deixa nem falar com ela. Mas ela é uma das nossas mulheres, e aquela floresta não é dele!". Porfírio escutou minhas palavras com atenção. Parecia contrariado. Então, respondeu: "Você tem razão, Chico agiu mal! Você é um Yanomami, ele não deve maltratá-lo assim!". Era um homem sábio. Mais tarde, chamou Chico de volta e o mandou trabalhar num outro lugar, na região de Surucucus, onde a floresta tinha acabado de ser invadida por garimpeiros em busca de cassiterita.<sup>24</sup> Depois de o Chico ter deixado o Mapulaú, foi um outro homem do posto, um índio tukano, que ficou durante um tempo com a mulher yanomami dele. Depois foi a vez de ele ir embora, deixando-a sozinha no meio do caminho, grávida, longe dos seus. No final, foi um *Xamat'ari* que se casou



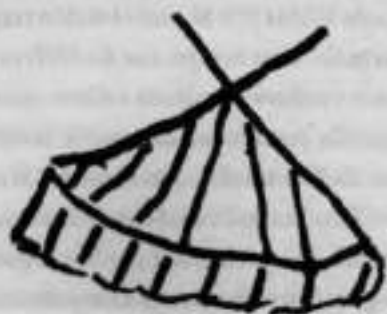
com ela em Ajuricaba. Ela ainda mora lá. O novo posto que tínhamos aberto no Mapulaú ficou desativado. Nenhum branco jamais voltou lá. Mais tarde, os de *Werihí sihipi u* acabaram pondo fogo nele, com tudo o que tinha ficado dentro, inclusive o rádio. Estavam furiosos por terem sido abandonados, apesar das promessas de Chico. Além disso, uma nova fumaça de epidemia acabava de atingir seus parentes que tinham ficado no alto rio Lobo d'Almada.<sup>25</sup>

Assim terminou meu primeiro trabalho para a Funai. Em seguida, Porfírio, o delegado de Manaus, mandou-me para um outro posto, Iauaretê, que acabara de ser aberto no alto rio Negro, a montante de São Gabriel da Cachoeira, onde vivem os Tukano.<sup>26</sup> Devia ser para me afastar da nossa floresta, já que eu não queria mais trabalhar lá com Chico. Quando chegamos a Iauaretê, o chefe do posto, que tinha vindo comigo de Manaus, resolveu que eu devia ir trabalhar com os Maku. São habitantes da floresta, que viviam muito longe dos brancos, perto de uma montanha chamada de Serra dos Porcos. Ele me acompanhou até lá e depois foi embora depressa, deixando-me sozinho. Fiquei naquele lugar por bastante tempo. Estava um tanto inquieto, porque os Maku são gente outra, que eu não conhecia.<sup>27</sup> Eu não entendia nada da língua deles e eles nada sabiam da língua dos brancos. Ficava preocupado, e dizia a mim mesmo: "Como é que eu vou viver com eles? Eles não entendem uma palavra do que eu digo e falam uma língua como a dos fantasmas!". Mas fiquei contente, porque eles se tornaram meus amigos e, sem me entender, alimentaram-me com generosidade durante todo o tempo que passei com eles.

Nessa época, eu também trabalhei a montante, no rio Negro, com outros habitantes da floresta, perto da fronteira da Venezuela. Acho que se chamavam Warekena. Não sei ao certo. Lembro-me apenas de que falavam mais uma língua outra. Era muito difícil para mim trabalhar no alto rio Negro. Aquela floresta pertence a outras gentes, diferentes da minha. Eles são muito numerosos e cada um tem uma língua diferente.<sup>28</sup> Eu nunca sabia como falar com eles. Por causa disso, sempre me sentia mal fazendo aquele trabalho. Então, decidi não permanecer naquela região. Pedi para ir embora e o pessoal da Funai me chamou de volta a Manaus. Dessa vez, resolveram fazer com que eu estudasse para me tornar agente de saúde.<sup>29</sup> Comecei a aprender como fazer engolir remédios, atar curativos e até dar injeções. Eu era muito aplicado. Queria mesmo

saber como curar ao modo dos brancos. Porém, eu tinha dificuldade em entender o que eles me explicavam. Eu era muito jovem e ainda imitava muito mal a fala deles. Além disso, da escrita eu só sabia o pouco que tinha aprendido, ainda criança, na escola da missão Toototobi, em minha própria língua. Eu não conseguia ler as peles de papel dos remédios. A Funai tinha me mandado ir estudar com outros índios, que já viviam com os brancos havia muito tempo. Pensavam que eu fosse como eles. Mas aquelas palavras de forasteiros não eram tão claras para mim quanto para eles. Eu era recém-saído da floresta.<sup>30</sup>

De moço que, assim que terminei o curso, o novo delegado da Funai, que tinha substituído Porfirio, me mandou de volta para casa, em Toototobi, sem explicações. Tudo aconteceu muito depressa. Ele me disse apenas uma coisa: "Volte para trabalhar na sua aldeia, com os seus. Você vai lhes dar remédios para curá-los!". Ele me colocou num avião e, de repente, eu estava de volta em Toototobi. Foi só. Pouco tempo depois, um dos missionários veio até mim e anunciou: "Você não trabalha mais para a Funai, eles o despediram!". Aquele novo delegado da Funai não gostava mesmo de mim. Era ruim e não tinha nenhuma amizade pelos habitantes da floresta. Deve ter pensado: "Não sei o que fazer com esse Davi. Não quero mais vê-lo, que volte para a casa dele, na floresta!". E no entanto eu tinha me esforçado muito em Manaus, para aprender as palavras dos brancos, e poder tratar como eles. Eu tinha me comportado bem e nunca bebi cachaça. Não imagino o que possa ter feito para o delegado me enxotar daquele jeito, sem me dizer nem uma só palavra! Decerto era covarde e não ousou falar comigo olhos nos olhos. Assim é. Quase me tornei agente de saúde! Eu tinha começado a estudar, gostava daquilo. Mas como a Funai tinha me rejeitado daquele modo, fiquei furioso e desisti da ideia. Pensei: "Tanto faz! Esse delegado da Funai não passa de um ignorante!". E decidi voltar a viver em paz entre os meus, em Toototobi, como antes.



Porém, mais uma vez, não durou muito. Algum tempo depois, outros brancos chegaram a Toototobi. Era o pessoal do serviço de combate à malária. Já os conhecíamos, porque às vezes vinham borrifar em nossas casas um remédio para matar os mosquitos. Dessa vez, tinham vindo capturar piuns que chamamos *ukuxi* para pesquisar uma doença que causa cegueira.<sup>31</sup> Tinham ouvido dizer que eu falava a língua dos brancos. Então, pouco depois de chegarem, mandaram me chamar. Pediram-me para ajudá-los: "Não sabemos como nos fazer compreender e não conseguimos trabalhar! Você, que conhece nossas palavras, fique do nosso lado!". Foi o que eu fiz e, pouco a pouco, eles viram que eu me virava bem como intérprete. De modo que, quando terminaram seu trabalho em Toototobi, pediram-me para acompanhá-los: "Venha conosco! Temos amizade por você. Você vai continuar trabalhando para nós e nós lhe pagaremos por isso!". Eles ainda tinham de ir a vários lugares de nossa floresta, aos rios Mucajai e Catrimani, e depois às altas terras, em Surucucus.

Como a febre da malária ardia em mim, resolvi ir com eles, pelo menos para que me tratassem. Mas eu não estava só nessa viagem. Vinham também conosco alguns parentes idosos de Toototobi vitimados pela doença dos piuns que os brancos estavam procurando. Devíamos todos ser mandados para o hospital. Um aviãozinho veio nos buscar para nos levar até a cidade. Foi assim que conheci Boa Vista pela primeira vez!<sup>32</sup> Fazia tempo que eu ouvia falar de lá, mas nunca tinha ido. Quando cheguei, achei que era um lugar bonito. Naquela época, era uma cidade pequena. Não havia ladrões e os brancos ainda não se matavam entre si. Era possível manter o espírito tranquilo. Ninguém lá conhecia os Yanomami ainda. Era bom. Podíamos ir aonde quiséssemos sem medo. Os brancos eram amigáveis. Mas mudou muito desde então. Chegaram muitos garimpeiros e as ruas se encheram de palavras hostis contra nós. Hoje em dia, tenho até medo de andar por lá sozinho. No tempo do pessoal da malária, passei a maior parte do meu tempo em Boa Vista no hospital, como em Manaus! Eu me tratava e cuidava dos mais velhos, que não falavam a língua dos brancos. Depois, quando passamos a nos sentir melhor, começamos a fazer visitas aos missionários de Toototobi, que também têm casas em Boa Vista. Mas não era para imitar Teosi junto com eles que fomos até lá, não! O que queríamos mesmo, trabalhando para eles, era ganhar alguns papéis de dinheiro. Gostávamos muito das grandes redes de algodão e das outras mercadorias que

tínhamos visto nas lojas da cidade! Para consegui-las, precisávamos capinar os quintais das casas dos brancos, como na missão. Todo o tempo que passamos com eles era dedicado a isso!

Um pouco mais tarde, depois de eu ficar curado, o pessoal da malária voltou a pedir que eu os acompanhasse. Eu tinha gostado de ajudá-los. Tinham me tratado bem, e o serviço que me davam não era difícil. Eu tinha vontade de seguir com eles em outras viagens. Porém, um dia, deixando o hospital para ir trabalhar para os missionários, encontrei na rua um Yanomami que saía da casa da Funai ali perto. Era um *Xamatari* do rio Cauaboris, do grupo dos *Wawanawë t'ëri*. Tinha deixado seus parentes ainda muito jovem. O pessoal da Funai o tinha trazido junto com eles. Chamava-se Ivanildo. Eu já o tinha encontrado em Manaus, no tempo em que trabalhava com Chico. Agora, ele era intérprete na estrada que os brancos tinham começado a abrir em nossa floresta e que chamavam de Perimetral Norte.<sup>31</sup> Depois de ter cruzado comigo, Ivanildo tinha falado de mim a um chefe de posto que eu também conhecera em Manaus, Amâncio. Amâncio estava trabalhando em Boa Vista na época. Ele pediu a Ivanildo para me levar ao escritório da Funai da cidade para encontrá-lo. Eu fiquei curioso, então fui lá fazer uma visita para conversar um pouco.

Assim que cheguei, Amâncio anunciou que iríamos juntos encontrar o delegado. Então, ambos começaram a me dizer: "Você não deve mais acompanhar o pessoal da malária! Somos nós, a Funai, que cuidamos realmente dos índios, você tem de trabalhar conosco!". Insistiram muito para que eu voltasse a trabalhar na Funai. Isso me surpreendeu e, no começo, eu não queria nem escutar! Não fazia muito tempo que o delegado de Manaus tinha me mandado embora sem explicações. Agora, de repente, o de Boa Vista resolvia me afastar do pessoal da malária, que me tratava tão bem! Dentro de mim, isso me deixou irado. Disse a mim mesmo: "O pensamento desses brancos é mesmo enfumacado!". Respondi logo, um tanto irritado: "Não! Não quero mais trabalhar para a Funai. Já fiz isso, no posto Ajuricaba e no rio Mapulaú, depois estudei em Manaus para ser agente de saúde. No fim, me jogaram de volta na floresta sem me dizer nem uma palavra! Seus grandes homens não têm nenhuma sabedoria e não gostam de mim. Não me incomodo de trabalhar com os brancos, mas não quero me deixar destratar desse jeito! Prefiro ajudar o pessoal da malária!".

— Apesar dessas palavras de recusa, o delegado de Boa Vista continuou insistindo, falando duro comigo. Advertiu-me de que o pessoal da malária só

podia me dar trabalho se a Funai permitisse, porque eu era índio.<sup>34</sup> Amâncio acrescentou: "O delegado que o mandou embora de Manaus era ruim. Aqui, é uma outra Funai, é um outro delegado que manda.<sup>35</sup> Ele é um homem de bem e quer mesmo que você trabalhe para nós. Você não pode recusar assim!". Então repetiram tudo isso várias vezes e Amâncio parecia estar mesmo determinado a me ter trabalhando com ele.<sup>36</sup> De modo que acabei falando de tudo isso com o pessoal da malária, e eles me responderam: "A Funai não quer que você trabalhe conosco porque você é um deles. Muito bem. Já que eles o querem tanto, volte para eles!". Foi assim que acabei voltando mais uma vez para a Funai. Foi afinal Amâncio que me convenceu, prometendo que eu iria trabalhar junto aos meus. Disse-me: "Vamos morar no posto Ajarani,<sup>37</sup> é na sua floresta. Vamos ajudar os Yanomami que vivem naquela região. Vamos defendê-los juntos, eles precisam, porque a estrada acaba de chegar até eles!". Sem essas palavras, eu jamais teria aceitado. Naquele tempo, eu não sabia quase nada. Captava um pouco as palavras dos brancos, mas não compreendia seu pensamento. Meu espírito ainda estava hesitante. Eu tinha escutado Amâncio, e pensei que ali talvez estivesse um branco que pensa com retidão. Quando dava ordens, na Funai de Boa Vista, declarava a todo mundo que defendia os Yanomami. Eu acreditei. Nada sabia dele, exceto o que fazia diante de meus olhos ou o que me declarava quanto ao que pretendia fazer.

Assim, ele repetia que não deixaria nossa floresta ser invadida pelos brancos. E, de fato, muitas vezes ele realmente agia em nossa defesa. Naquela época, ele tinha muito dinheiro da Funai. Quando os garimpeiros invadiram a região de Surucucus pela primeira vez, foi ele que os expulsou.<sup>38</sup> Ele também mandava aviões para trazer médicos. Ajudava-nos desse modo. E além disso viajava muito comigo, para conhecer nossa floresta. Assim, subimos juntos o alto rio Demini, bem a montante, perto da fronteira da Venezuela, no rio Taraú. Chegamos juntos até as casas de *Xamatari* que nunca tinham visto brancos.<sup>39</sup> Ele apreciava meu trabalho e tinha verdadeira amizade por mim. Estou certo disso. Ele me ajudou, e muitas vezes me apoiou dentro da Funai. Sem isso, eu já não estaria trabalhando lá há muito tempo. Porém, quando eu soube mais tarde que ele tinha ajudado os militares de Brasília a dividir nossa floresta em pequenos pedaços, como cercados para o gado,<sup>40</sup> não gostei. Apesar da amizade, acho que ele me enganou, escondendo de mim essas palavras. Isso me contrariou muito mesmo.

Assim que concordei em ir com ele, Amâncio me mandou buscar minha carteira de identidade esquecida em Toototobi.<sup>41</sup> Quando retornei, ele logo fez novos papéis da Funai para mim. Depois fomos trabalhar no posto de que ele havia me falado, à beira da Perimetral Norte.<sup>42</sup> Na época, não passava de um casebre perto do rio Ajarani, onde vivem os Yanomami que chamamos Yawari.<sup>43</sup> Foram eles os primeiros a ver os brancos arrancarem o chão da floresta com suas máquinas gigantes, para abrir a estrada.<sup>44</sup> Quando elas entraram na nossa terra, eu ainda estava longe. Acompanhava Chico em sua busca sem rumo pelos *Moxi hatētēma*, e depois estive na região de lauaretê, perdido entre os Maku! Só vi o traçado da estrada quando ele já tinha entrado floresta adentro, quase até o rio Demini. Mas Chico já havia me falado um pouco a respeito dela, quando estávamos no Mapulaú. Explicou-me: "Os brancos estão abrindo um grande caminho na floresta. Estão vindo em nossa direção, a partir de sua aldeia de Caracará. Depois vão atravessar o Demini e seguir para bem longe, até os Tukanos!". Ele também conversava sobre isso às vezes por rádio, com outros homens da Funai. Eu não compreendia tudo o que diziam, mas o que entendia bastava para me deixar preocupado.

Quando eu era criança, os brancos subiram os rios e começaram a fazer morrer nossos antigos em grande número. Depois voltaram, de avião e de helicóptero. Então suas fumaças de epidemia, mais uma vez, fizeram morrer muitos de nós. Agora, eles tinham resolvido abrir uma de suas estradas até o meio de nossa floresta, e suas doenças iriam com certeza devorar os que tinham sobrevivido. Eu ficava pensando em tudo isso, quando estava sozinho no posto da Funai. Isso me atormentava e me entristecia. Dizia a mim mesmo: "Os brancos rasgam a terra da floresta. Derrubam as árvores e explodem as colinas. Afugentam a caça. Será que agora vamos todos morrer das fumaças de epidemia de suas máquinas e bombas?". Eu já sabia que essa estrada só iria nos trazer coisas ruins. Ninguém nos tinha avisado antes de as obras começarem. Chico só tinha dito umas poucas palavras a respeito para a gente de *Werihí sihipi u*, quando abrimos o posto de Mapulaú. Eu tinha tentado alertá-los contra as doenças que iriam, mais uma vez, se espalhar pela nossa floresta. Porém, pouco depois eu iria embora para Manaus, devido à minha briga com Chico. No caminho, vi apenas o desmatamento do traçado da estrada, que tinha começado. Havia por toda par-

te pequenos grupos de brancos com roupas rasgadas trabalhando com machados.<sup>45</sup> As máquinas grandes ainda não tinham chegado.

As palavras a respeito da estrada que eu conseguia compreender naquele tempo me assustavam também por uma outra razão além das doenças. Eu tinha ouvido gente da Funai contar que, para abrir o trecho que liga Manaus a Boa Vista, os soldados tinham atirado nos Waimiri-Atroari e jogado bombas em sua floresta.<sup>46</sup> Eles eram guerreiros valorosos. Não queriam que a estrada atravessasse suas terras. Atacaram os postos da Funai para que os brancos não entrassem onde eles viviam. Foi isso que deixou os militares enfurecidos. Ouvindo essa história, comecei a temer que os soldados resolvessem nos tratar do mesmo jeito! Porém, por sorte, isso nunca aconteceu.<sup>47</sup> Muitos foram, porém, as mulheres, crianças e velhos que morreram entre nós por causa da estrada.<sup>48</sup> Não foram mortos pelos soldados, é verdade. Mas foram as fumaças de epidemia trazidas pelos operários que os devoraram. E, mais uma vez, ver morrer os meus daquele modo me revoltou. As coisas só faziam se repetir, desde a minha infância. Então, a dor da morte dos meus, outrora, em Toototobi, voltou. A raiva do luto invadiu novamente o meu pensamento: "Esse caminho dos brancos é muito ruim! Os seres da epidemia *xawarari* vêm seguindo por ele, atrás das máquinas e dos caminhões. Será que sua fome de carne humana vai nos matar a todos, um depois do outro? Terão aberto a estrada para silenciar a floresta de nossa presença? Para aqui construir suas casas, sobre os rastros das nossas? Serão eles realmente seres maléficos, já que continuam nos maltratando assim?"

Nossos antigos não tinham essas preocupações, porque não sabiam de nada quanto à estrada. Os homens do governo não os reuniram para ouvir a voz deles. Não perguntaram a eles: "Podemos abrir esse caminho nas suas terras? O que acham? Vocês não vão ficar com medo?". Os poucos brancos que tinham falado do seu traçado não explicaram quase nada. Nem o pessoal da Funai nem o de *Teosi* os tinham preparado para o que estava por vir. A mim, que falo a língua dos brancos, tinham mandado trabalhar bem longe, em Iauaretê. De modo que, certo dia, as máquinas chegaram à floresta sem que nenhuma palavra as tivesse precedido. Então, nossos grandes homens, mantidos na ignorância, não se mostraram hostis com os brancos da estrada. Nem os do rio Ajarani, nem os do Catrimani, do Mapulaú ou do Aracá disseram nada.<sup>49</sup> Pen-

saram que, acontecesse o que acontecesse, a floresta nunca iria desaparecer e continuariam vivendo nela como sempre tinham feito. Pensaram também que poderiam conseguir muito alimento e mercadorias dos brancos. Sabiam que o pessoal da estrada jogava essas coisas de seus aviões e distribuía tudo generosamente.<sup>50</sup> Ignoravam completamente as verdadeiras intenções dos brancos. E eu, no Mapulaú, era jovem demais para convencê-los da ameaça que pairava sobre eles. Então, desci o rio para Manaus sozinho, guardando no peito minha preocupação e minha tristeza.

Mais tarde, os primeiros operários que eu tinha visto derrubando as árvores no traçado da estrada a machadadas foram embora. Outros, muito mais numerosos, chegaram em seguida. Começaram a rasgar a terra da floresta com enormes tratores amarelos. Dessa vez, a gente de *Werihí sihipi u* entendeu que a estrada ameaçava chegar muito perto deles. Eles tinham sido convidados a uma festa *reahu* na casa dos habitantes de *Hewē nahipi*, no rio Jundiá. Os brancos estavam trabalhando a menos de um dia de caminhada a jusante, às margens do rio Catrimani.<sup>51</sup> Foi quando meu futuro sogro e os seus ouviram pela primeira vez o zumbido contínuo de suas máquinas. Se espantaram, mas seus anfitriões explicaram: "São os brancos, rio abaixo, que estão abrindo um caminho e arrancando o chão da floresta!". Ficaram perplexos, mas pouco falaram do assunto. Voltaram para casa com aquelas palavras guardadas no pensamento.

Pouco tempo depois, eles próprios também começaram a ouvir de sua casa a voz dos grandes tratores que remexiam a terra. Jamais tinham escutado um ruído assim na floresta. No começo, parecia estar longe. Mas foi se aproximando e tornou-se mais distinto dia após dia. Sua inquietação aumentou e eles se perguntaram o que poderia estar vindo assim em sua direção. Nunca tinham visto as enormes máquinas dos brancos que abrem estradas. Seu zumbido surdo, que não parava, soava para eles como o de seres maléficos devastando tudo em sua passagem. Agora podiam ouvi-lo noite e dia, sem descanso, e se perguntavam, aflitos:<sup>52</sup> "Será que os brancos vão destruir a nossa casa também, rasgando a terra até nós? Ou vão explodi-la e queimar nela todos nós?". Seus temores não davam trégua e as explosões das bombas quebrando a rocha dos morros apavorava-os mais do que tudo. No verão anterior, a fumaça de epidemia do helicóptero tinha devorado a maioria deles. Vários temiam que isso



voltasse a ocorrer: "Será que os brancos da estrada vão nos fazer adoecer e morrer de novo? Se isso acontecer, desta vez não vai sobrar ninguém para juntar nossas ossadas e chorar por nós!". Tinham restado tão poucos sobreviventes da gente de *Werihī sīhipi u* que se perguntavam se agora a fumaça das máquinas acabaria com eles de vez. Todos tinham muito medo, tanto os mais velhos quanto os mais jovens. Mesmo assim, alguns adolescentes estavam curiosos para ver mais de perto o que acontecia. Às vezes exclamavam: "Vamos até o caminho dos brancos! Pediremos espingardas e cartuchos a eles!". Apesar de seus receios, estavam tomados pelo desejo de mercadorias. Então, um grupo pequeno se reunia e se punha a caminho, guiado pelo rugido longínquo dos tratores. Mas sempre davam meia-volta antes de chegar à estrada. O medo era mais forte e os fazia mudar de opinião. No último momento, sempre diziam a si mesmos: "Se formos até lá, vamos morrer!", e nunca ousaram se arriscar até o lugar onde as máquinas dos brancos rasgavam a terra da floresta.

Então, a época das chuvas chegou e as obras da estrada pararam de repente. Todos os brancos e seus tratores e caminhões foram embora. Mais tranquilos, o pai de minha futura esposa e os seus ficaram perto do posto Mapulaú. O resto do grupo voltou para sua antiga casa de *Hapakara hi*, no alto rio Lobo d'Almada. A floresta tinha voltado a ficar silenciosa. Mas foi então que a epidemia *xawara* retornou, de repente. Todos os habitantes das casas do Lobo d'Almada estavam reunidos para uma festa *reahu* numa delas, chamada *H<sup>o</sup>aya u*. Havia lá também gente de *Hero u*, vinda do alto rio Mucajai, onde, na época, ainda não havia nenhum branco. Quase não possuíam objetos manufaturados naquela época. Assim, durante a festa, dedidiram descer o rio, até os padres da missão Catrimani, para obter terçados, miçangas e panelas. Ao cabo de alguns dias de trabalho, voltaram para *H<sup>o</sup>aya u* com as coisas que desejavam. Contudo, sem que soubessem, como tinha ocorrido antes em Toototobi, os missionários do Catrimani tinham trazido da cidade uma criança doente de sarampo.<sup>33</sup> De modo que os homens de *Hero u* carregaram essa epidemia *xawara* com suas mercadorias até a casa onde acontecia a festa *reahu*. Dessa vez, ninguém viu explodir fumaça. No entanto, os mais velhos que sobreviveram se lembraram de que um padre da missão os tinha visitado no Lobo d'Almada pouco antes, e que alguns deles tinham roubado mercadorias suas. Pensaram que ele podia ter feito queimar aquela epidemia por vingança. Por isso, chamaram essa doença de "fumaça de epidemia do padre", *patere xawara a wakixi*.

Eu mesmo não sei o que realmente aconteceu. Foi o que ouvi dizer. Seja como for, perto do final da festa, todos os que estavam reunidos em *H<sup>a</sup>ya u* começaram a arder em febre. Então, tomados de pânico, os convidados fugiram, tentando escapar da voracidade dos seres da epidemia, que chamamos *xawarari*. Não adiantou! Foram atrás deles, até a sua casa, e os devoraram a todos. E assim, em pouco tempo, todas as aldeias do rio Lobo d'Almada ficaram esvaziadas da maioria de seus habitantes.<sup>54</sup> Os convidados de *Hero u* moravam a vários dias de caminhada. Por isso, só eles não levaram a doença até os seus. Muitos morreram no caminho, na floresta. Outros mal conseguiram sobreviver. Um deles ficou estendido no chão, inconsciente, durante vários dias. As formigas comeram-lhe os olhos e ele ficou cego, mas não morreu. O sarampo era muito perigoso para os mais velhos, cuja carne jamais havia conhecido tal doença. Era o mesmo mal que tinha devorado todos os meus parentes em Toototobi quando eu era criança. Hoje, os poucos idosos das casas do rio Lobo d'Almada e da do pai de minha esposa, *Watoriki*, onde vivo agora, são sobreviventes dessas epidemias do tempo da estrada. Desde então, os brancos abandonaram seu caminho de cascalho ao silêncio. Está quase todo coberto de mato denso. Mas a floresta já foi suja por doenças que não vão mais sair dela.

Os brancos da estrada não queimaram fumaça de epidemia como a de Oswaldo em *Marakana* e a do helicóptero em *Werihi sihipi u*. Dessa vez, os seres da epidemia *xawarari* só escoltaram suas máquinas e caminhões até nós. Costumam acompanhar os brancos por onde forem, porque estes são seus sogros.<sup>55</sup> Mantêm os olhos fixos neles e se deslocam seguindo seus rastros. É assim que conseguem nos encontrar na floresta. São seres maléficos ávidos de gordura humana. Apenas os xamãs podem vê-los. Os *xapiri* tentam expulsá-los assim que se aproximam de nós. Porém, quando não conseguem afugentá-los, os *xawarari* instalam suas redes nas nossas casas e vão nos devorando à vontade, sem pressa. Não matam todo mundo de uma só vez, não. Comem primeiro um grupo de gente, e voltam em seguida para devorar uma parte dos sobreviventes. Caso alguns homens e mulheres consigam escapar deles, mais tarde irão atacar seus filhos. É assim que esses seres maléficos vão aos poucos esvaziando a floresta de seus habitantes.

As fumaças das máquinas e dos motores são perigosas para os habitantes

da floresta. Trata-se também de fumaça de metal, fumaça de epidemia. Jamais tínhamos cheirado tal coisa antes da chegada dos brancos. Nós somos outros. Nossa carne não tem marcas de vacina e não temos remédio contra as epidemias *xawara*. Nossos antigos sempre foram protegidos das doenças pelo frescor da floresta. Somos de outro sangue. Nunca vivemos, como os brancos, em terras ardentes e sem árvores, percorridas por máquinas em todo lugar. No primeiro tempo, nossos maiores viviam sozinhos na floresta, longe das mercadorias e dos motores. Essas fumaças de epidemia têm um cheiro ruim que cortou o sopro de vida deles. Desde que as respiraram, morreram todos, uns após os outros. E, ainda hoje, as gentes das terras altas continuam morrendo disso.<sup>36</sup> Eu gostaria de ter dito aos brancos, já na época da estrada: "Não voltem à nossa floresta! Suas epidemias *xawara* já devoraram aqui o suficiente de nossos pais e avós! Não queremos sentir tamanha tristeza de novo! Abram os caminhos para seus caminhões longe da nossa terra!". Mas não ousei me dirigir a eles. Eu ainda era jovem demais e tinha pouco conhecimento. Não sabia o que é defender a floresta. Não sabia como fazer ouvir minha voz nas cidades. Foi apenas mais tarde, depois de a estrada ter rasgado a floresta, que comecei a pensar com mais firmeza. Comecei a sonhar cada vez mais com a floresta que *Omama* criou para nós e, pouco a pouco, suas palavras aumentaram e se fortaleceram dentro de mim.